INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Uma Casa do Povo e o Betão em Setúbal: Um Pavilhão no Jardim

Marta Rodrigues Neto

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Arquiteto José Carlos Simões Neves, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2025

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Uma Casa do Povo e o Betão em Setúbal: Um Pavilhão no Jardim

Marta Rodrigues Neto

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Arquiteto José Carlos Simões Neves, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2025

Uma Casa do Povo e o Betão em Setúbal: Um Pavilhão no Jardim

Marta Rodrigues Neto
Mestrado Integrado em Arquitetura
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Orientador:
Arquiteto José Carlos Simões Neves, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Nota Prévia

Os capítulos 1, 2, 3 e 4 são comuns a quatro elementos da turma:
Marta Rodrigues Neto
André Gonçalo Faísco Baptista
João Pedro Ribeiro Coelho de Sousa Barroso
Vasco Figueiredo de Castro

Apêndice - Entrevista realizada pelo autor ao arquiteto João Luís Carrilho da Graça.
Anexo - Enunciado do exercício proposto pelo professor José Neves.

A bibliografia está de acordo com a Norma Portuguesa APA.

Agradecimentos

Agradeço ao professor José Neves pela orientação ao longo deste trabalho, pela disponibilidade constante e pela forma como sempre me incentivou. A sua ajuda e dedicação foram fundamentais para chegar até aqui e contribuíram muito para o meu crescimento como futura arquiteta.

Ao Arquiteto João Luís Carrilho da Graça, pela sua disponibilidade e pela conversa que, de alguma forma, contribuiu para este trabalho.

Aos Discípulos, que me acompanharam nestes seis anos. Por todas as horas de trabalho, pelas conversas, pelas risadas e por estarem sempre presentes. Foram o apoio nos momentos mais difíceis e a melhor companhia em todos os outros.

Às minhas amigas, pelo apoio de sempre e por estarem ao meu lado a acompanhar o fim de mais uma etapa importante da minha vida.

Aos meus pais, pelo esforço, apoio e confiança que sempre me deram. Mesmo à distância, estiveram presentes em cada conquista e foram o meu maior suporte em todos os momentos.

À minha família, pelo carinho e por me darem força para nunca desistir, e especialmente ao Miguel, que esteve sempre comigo, dando-me apoio, incentivo e força em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis.

E a todos os que, de alguma forma, fizeram parte deste percurso académico, deixo o meu sincero agradecimento.

Resumo

Este projeto visa o desenvolvimento arquitetónico de uma Casa do Povo, em Setúbal, com o betão, produzido na região, como material dominante. Este material é explorado estruturalmente para permitir grandes vãos, abrigando o programa de forma livre e criando espaços amplos, contínuos e fluidos.

A proposta surge da intenção de estabelecer uma ligação com a praça do Largo do Carmo e a Avenida Luísa Todi, criando um edifício que prolonga o espaço público e promove a permeabilidade entre interior e exterior. O conjunto organiza-se em dois corpos distintos, unidos por uma passagem aérea. Um que completa o quarteirão existente, a norte, e um pavilhão aberto em todas as direções, em diálogo com a envolvente. Entre ambos, surge uma nova rua pedonal, que atravessa a área a intervir e permite o acesso ao pavilhão de todas as direções.

O programa integra um café, um salão polivalente, oficinas, áreas administrativas e zonas de apoio, distribuídos de forma a garantir funcionalidade e promover uma relação contínua com o espaço público.

Palavras-Chave:
Setúbal, Betão, Casa do Povo, Espaço público, Pavilhão

Abstract

This project focuses on the architectural development of a "Casa do Povo" in Setúbal, using locally produced concrete as the dominant material. The material is explored structurally to allow for large spans, accommodating the program in a free and flexible layout that creates spacious, continuous, and fluid environments.

The proposal arises from the intention to establish a connection between Largo do Carmo and Avenida Luísa Todi, creating a building that extends public space and promotes permeability between interior and exterior. The composition is organized into two distinct volumes, linked by an elevated passageway: one that completes the existing urban block to the north, and an open pavilion, oriented in all directions and in dialogue with its surroundings. Between them, a new pedestrian street emerges, crossing the intervention area and allowing access to the pavilion from multiple directions.

The program includes a café, a multipurpose hall, workshops, administrative areas, and support spaces, distributed to ensure functionality while fostering a continuous relationship with the public realm.

Palavras-Chave:
Setúbal, Concrete, Community House, Public Space, Pavilion

Índice

Nota prévia I

Agradecimentos II

Resumo/Abstract III

Introdução 1

1 A Cidade de Setúbal 3
Contexto Geográfico 4
As Primeiras Ocupações 6
A Cidade Medieval 8
A Cidade Pré-Industrial 11
A Cidade Pós-terramoto de 1755 16
A Cidade Industrial 17
A Cidade em Transição 22

2 O Betão 25
O Betão em Setúbal 26

3 Local de Intervenção 37
Introdução 42
Contexto Histórico 43
Pós-terramoto de 1755 46
Século XX 48
Atualidade 50

4 A Casa do Povo 59
Casas do Povo em Portugal: Uma Breve Introdução 60

5 Projeto 67
Esquiço que defeniu o projeto 74
Uma Casa do Povo e o Betão em Setúbal:
Um Pavilhão no Jardim 118

Considerações Finais 129

Créditos de Imagem 130

Bibliografia 135

Webgrafia 137

Apêndice

Anexo

Introdução

O presente trabalho, desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, segue o tema "A Arquitetura Detalhada" e intitula-se Uma Casa do Povo e o Betão em Setúbal: Um Pavilhão no Jardim. O exercício centra-se na materialidade e no detalhe como elementos da prática arquitetónica.

Apesar de se tratar de uma Casa do Povo, o projeto não segue os princípios ideológicos do período do Estado Novo, reinterpretando-a de forma contemporânea como espaço comunitário aberto e inclusivo, com café, salão polivalente, oficinas e área de estudo e trabalho.

O enunciado do Professor José Neves visa aprofundar a arquitetura pela dimensão material e construtiva, incentivando o desenho à mão e maquetes como instrumentos de reflexão. O trabalho baseia-se na observação crítica do lugar e na relação entre material e detalhe.

A primeira fase, realizada em grupo, consistiu na análise de Setúbal, do betão como material dominante, do local de intervenção e das Casas do Povo em Portugal.

Na fase individual, é apresentado todo processo de desenvolvimento do projeto, evidenciando as várias transformações ocorridas ao longo do ano letivo, através de esquiços, maquetes e desenhos de diferentes pontos de situação. Este percurso conduz ao desenvolvimento arquitetónico de uma Casa do Povo em Setúbal, com o betão, produzido na região, como material dominante.

O apêndice inclui a entrevista realizada em setembro ao Arquiteto João Luís Carrilho da Graça e, em anexo, o enunciado do exercício, que orientou os objetivos e o método de trabalho ao longo do ano letivo.

1 A cidade de Setúbal



Figura 1 - A cidade de Setúbal, no centro

Contexto Geográfico

A cidade de Setúbal está localizada na margem norte do vasto estuário do Sado, abrigada pela Serra da Arrábida (à esquerda da imagem na Figura 1), junto à entrada da barra do rio. As primeiras ocupações neste território estiveram ligadas aos benefícios naturais que o local oferecia, tanto em termos defensivos como pela proximidade ao mar.



As populações que habitavam junto ao litoral beneficiavam dos recursos marítimos, sobretudo da pesca e do sal. Já as situadas mais a norte, na serra, subsistiam da exploração florestal, nomeadamente da madeira, do mel, da cera e da caça, além do aproveitamento dos terrenos baldios para o pastoreio. (Cruz, 1968)



Figura 2 - A cidade de Setúbal atual com a sobreposição da muralha medieval (branco) e seiscentista (cinzento-escuro)

As Primeiras Ocupações

Acredita-se que a primeira presença humana no território de Setúbal remonte ao período Neolítico. (Câmara Municipal de Setúbal, s.d.)
Sabe-se que a região de Tróia teve um grande desenvolvimento como centro económico e industrial durante a ocupação romana, iniciada no século I d.C. Nesse período, instalou-se ali a maior produção de salga de peixe de todo o Império Romano. (Câmara Municipal de Grândola, s.d.)



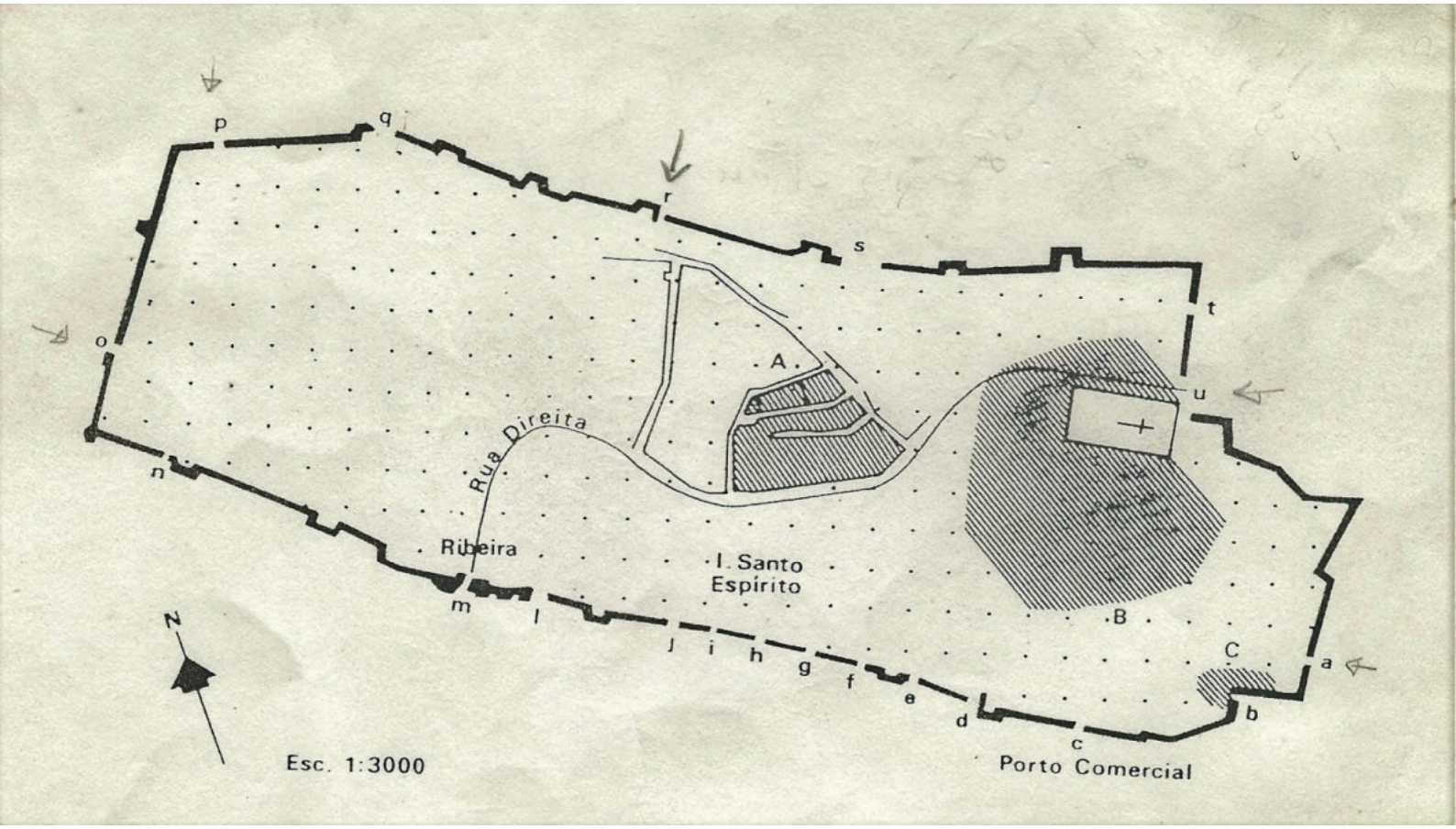


Figura 3 - Primeira muralha da cidade de Setúbal, construída entre 1325 e 1357

A Cidade Medieval

A queda do Império Romano no século V, as invasões bárbaras e árabes, juntamente com o avanço de areias e do nível das águas, resultaram no progressivo abandono das áreas habitadas. Portanto, entre os séculos VI e XII, Setúbal entrou numa profunda decadência, em que as infraestruturas romanas de conservas desapareceram, a ligação aos mercados mediterrâneos perdeu-se e a cidade entrou num período de abandono. (Assembleia da República, 2015)

No século XII, com a Reconquista, o território começou a tornar-se atrativo para ocupações, surgindo um crescimento e desenvolvimento nos séculos seguintes. Já no século XIV, com os conflitos existentes entre Setúbal e as regiões vizinhas (Palmela e Alcácer do Sal), é necessária a construção da primeira cinta amuralhada da vila, entre 1325 e 1357 (Figura 3), sendo que a sua implantação se estruturou em torno do núcleo portuário, de forma distinta das cintas amuralhadas de Palmela e Alcácer do Sal, que se desenvolveram em torno dos seus castelos e vilas. (Pimentel, 1992)

Figura 4 - A muralha medieval na atualidade

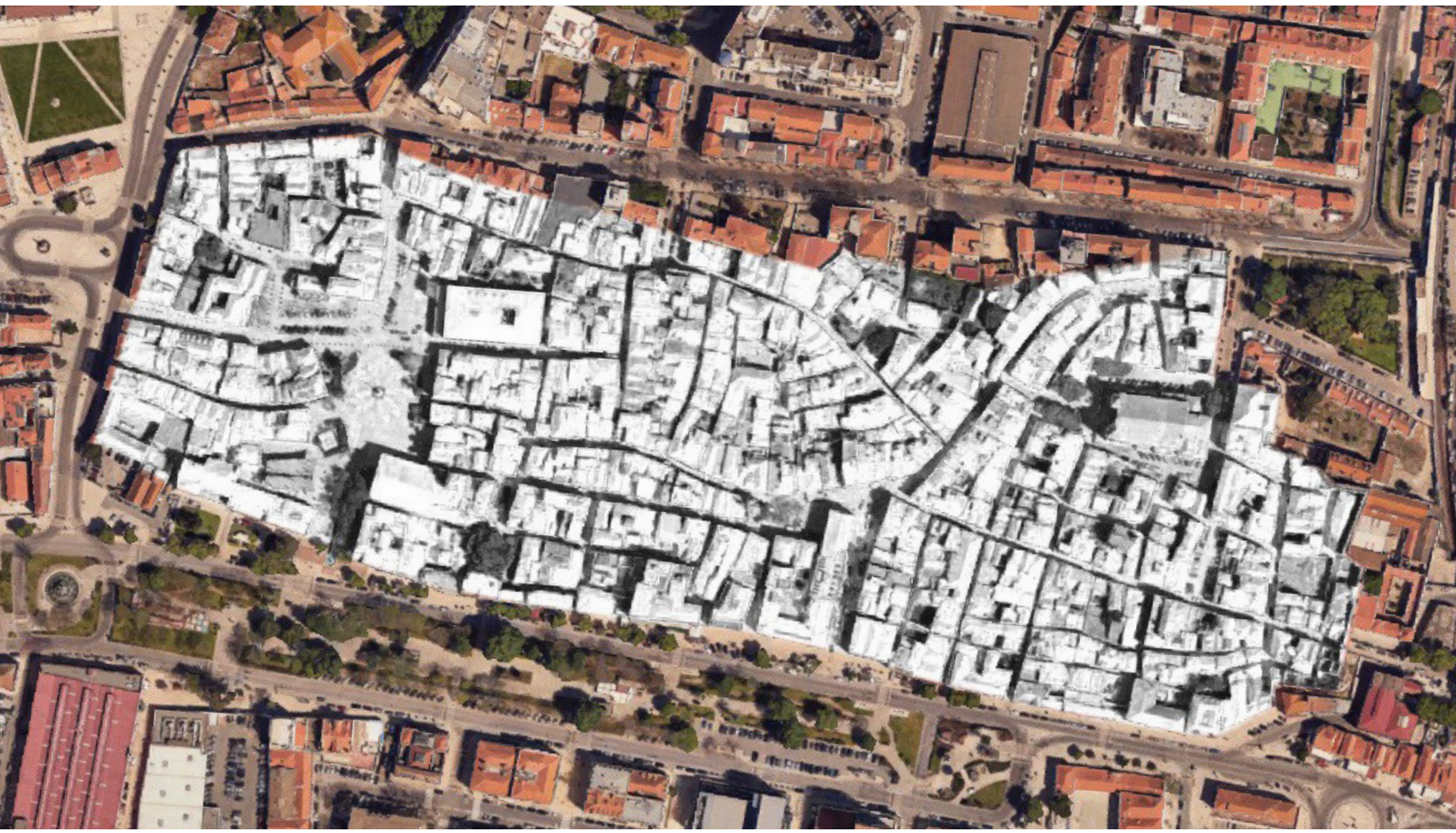




Figura 5 - Forte de São Filipe na atualidade, construído em 1582
© Município de Setúbal

A Cidade Pré-Industrial

Em 1582, teve início a construção de uma das estruturas mais importantes da cidade de Setúbal - o Forte de São Filipe. O arquiteto Filipe Terzi projetou a fortificação por ordem de Filipe I e, após a sua morte, a obra foi continuada por Leonardo Turriano. O forte ocupa uma posição militarmente estratégica, permitindo controlar a entrada do rio Sado, ao mesmo tempo que assegurava a proteção da cidade com os seus canhões. (Câmara Municipal de Setúbal, 2025)

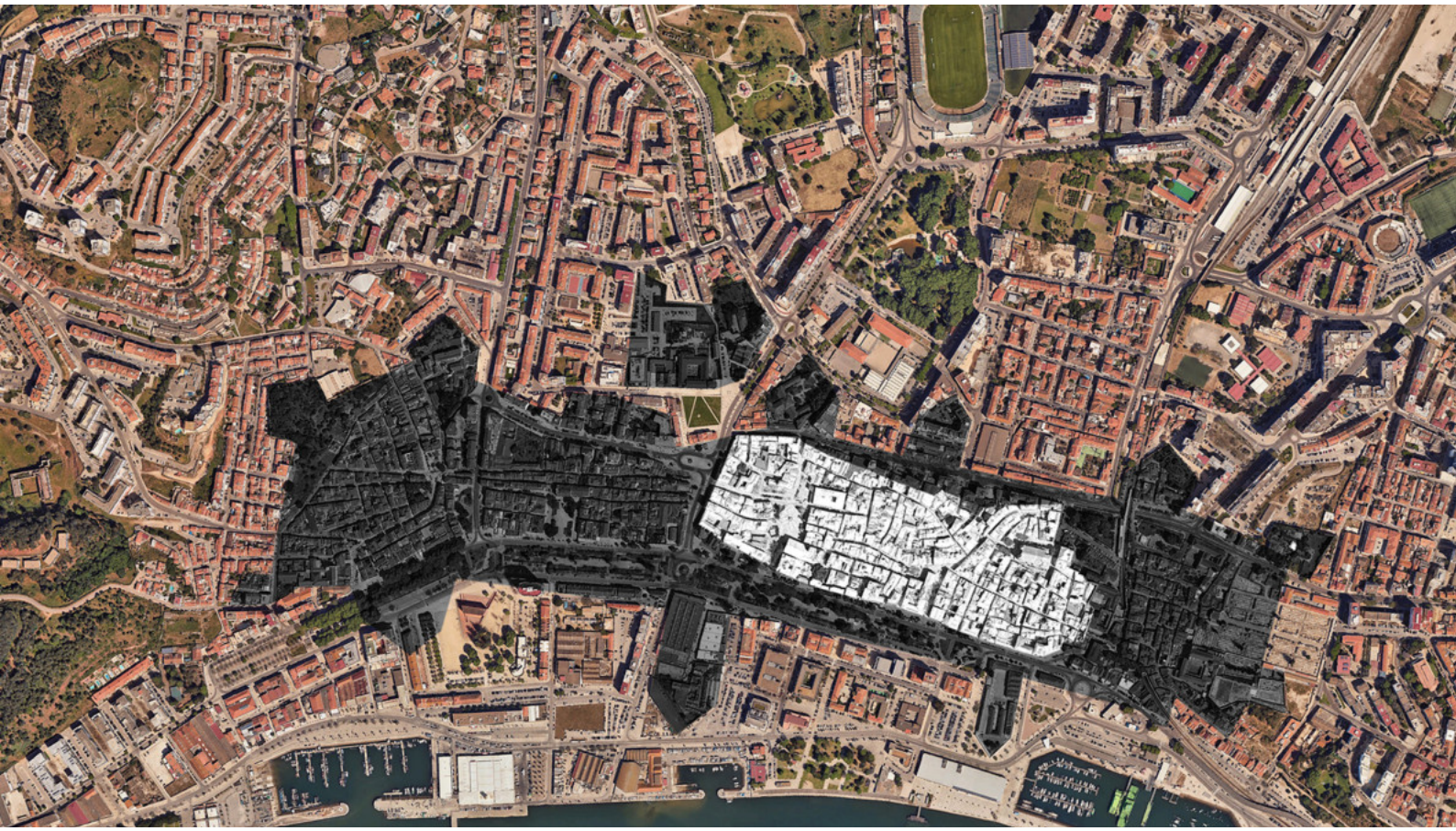


Figura 6 - Segunda muralha da cidade de Setúbal, construída no século XVII

Conseguida a restauração da independência de Portugal em 1640, D. João IV ordenou o reforço das defesas de Setúbal através da construção de uma nova fortificação muralhada composta por onze baluartes (Pimentel, 1877). A Figura 6 permite observar que a nova muralha seiscentista delimitou praticamente toda a zona urbana, estabelecendo simultaneamente uma estrutura de fortificação militar.

«A existência do limite amuralhado permitiu uma nova afirmação urbana para o exterior e novas relações internas, que se consolidaram num aglomerado urbano que conteve o seu crescimento até ao séc. XIX e romperia limites urbanos, e a própria consolidação estrutural urbana, com grande exploração demográfica e urbanística no séc. XX.» (TOMÉ, M. 2016, p. 129)

Figura 7 - A cidade de Setúbal atual com a sobreposição da muralha medieval (branco) e seiscentista (cinzento-escuro)



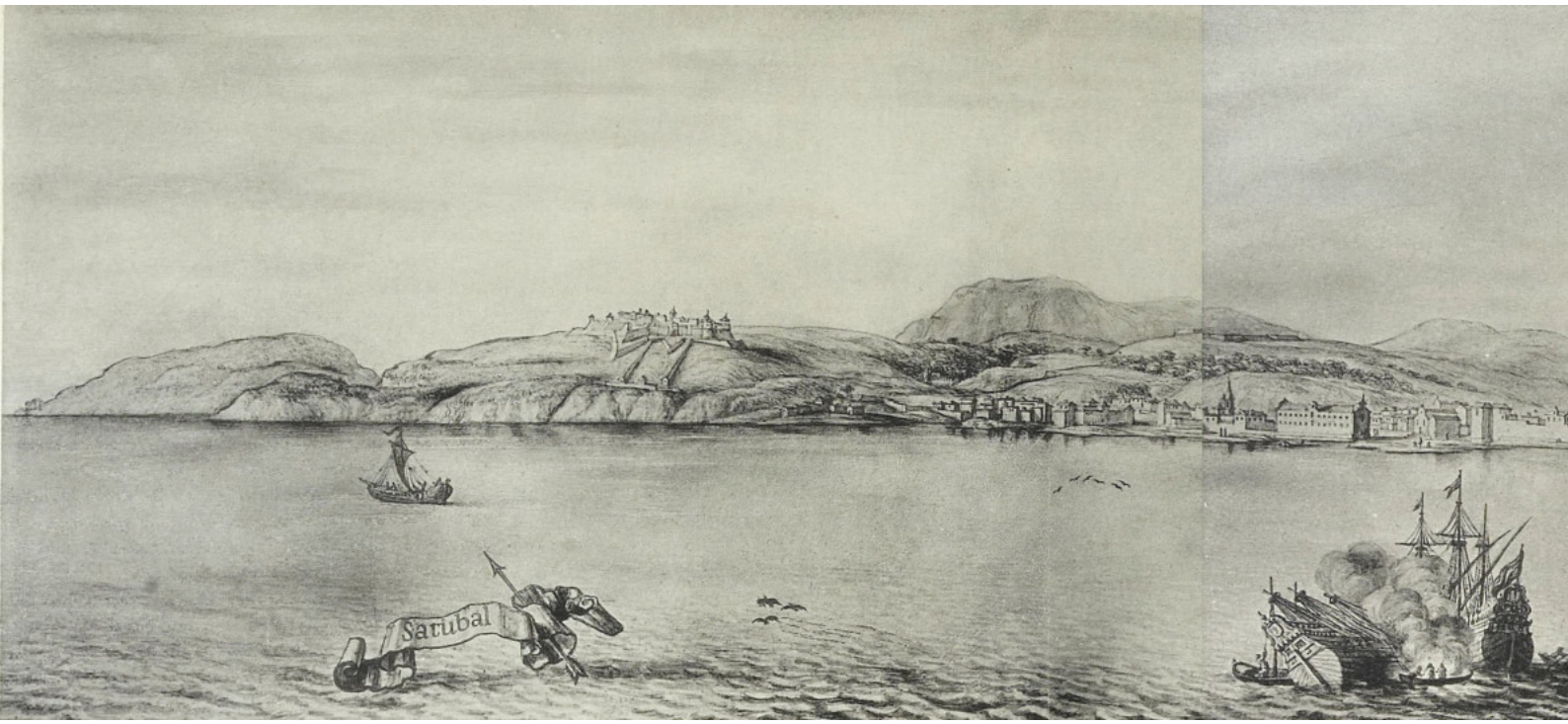


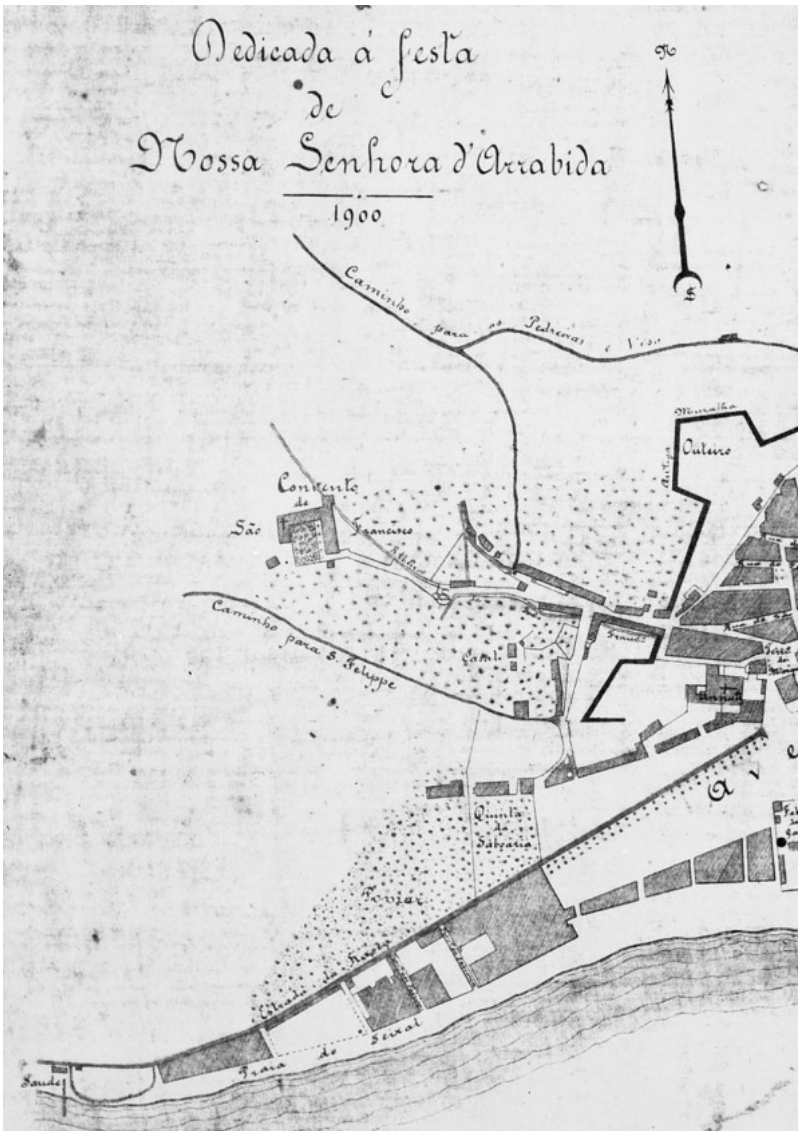
Figura 8 - Vista sobre a cidade de Setúbal, 1669
© Pier Maria Baldi



A cidade Pós-terramoto de 1755

O terramoto de 1 de novembro de 1755 teve profundas repercussões em Setúbal, devastando cerca de metade do núcleo urbano, sendo considerada a localidade portuguesa onde os efeitos foram mais desastrosos. O incêndio subsequente e a invasão do mar agravaram ainda mais os estragos, provocando o colapso de parte da nova muralha. (Sousa, 1919-1932)

Figura 9 - Planta da cidade de Setúbal com a avenida Luísa Todi, 1900



A Cidade Industrial

Em 1860, por ordem de D. Pedro V, foram construídos os primeiros troços ferroviários da cidade (Silva, 1990), ligando Setúbal a Pinhal Novo e, posteriormente, em 1907, estendidos até Alcácer do Sal. A linha férrea, que se estabelecia no rio Sado, integrou-se numa rede industrial e logística que aproximava Setúbal da capital e facilitava o escoamento de produtos agrícolas e mineiros do Baixo Alentejo. (Câmara Municipal de Setúbal, 2021)

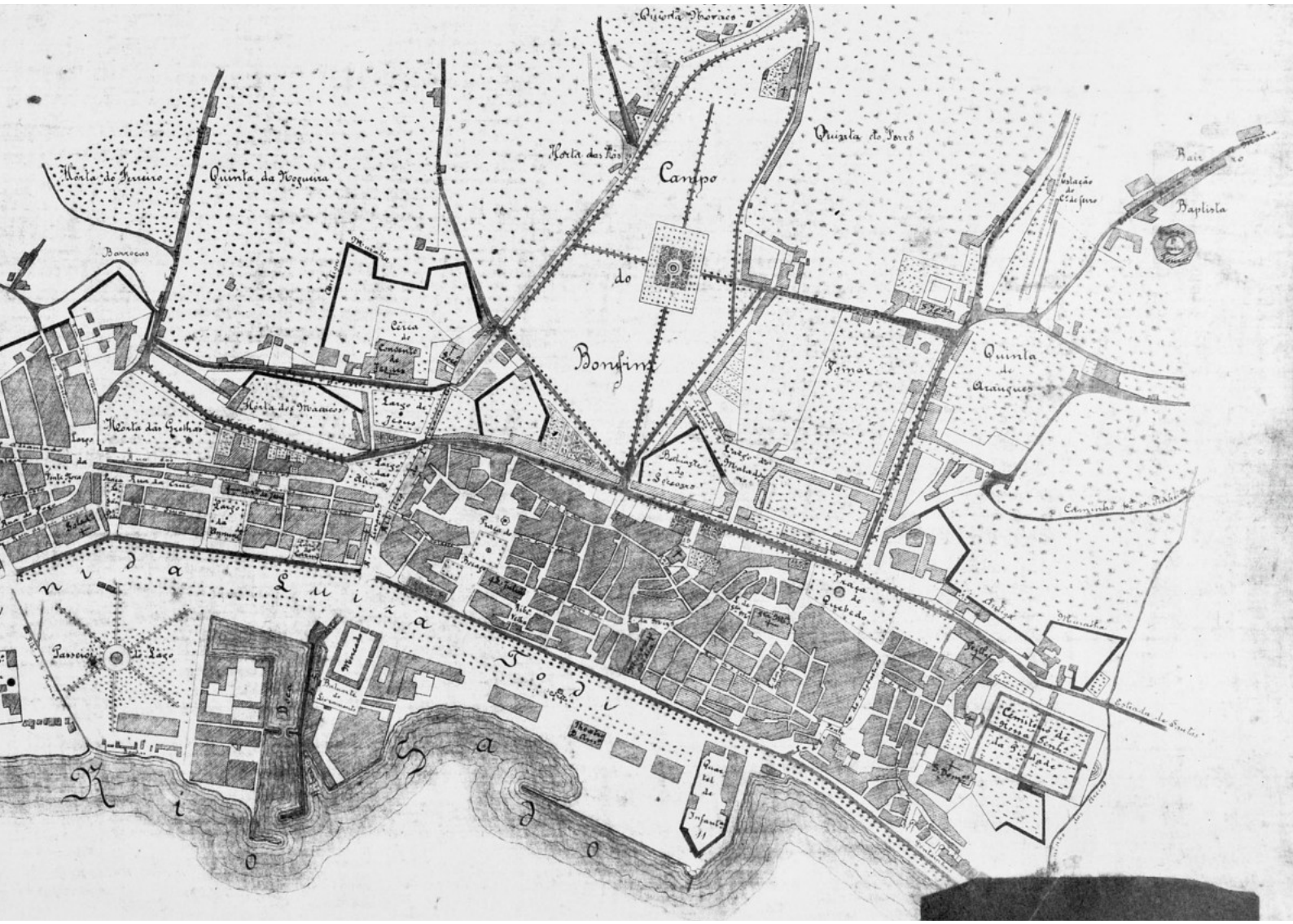




Figura 10 - Avenida Luísa Todi, século XX
© Américo Ribeiro

Apenas na segunda metade do século XIX, com a expansão ferroviária a favorecer a reorganização do espaço urbano, a Câmara iniciou a execução de aterros sobre o rio, junto ao limite da cidade, então confinada pela praia, com o objetivo de prolongar o cais de Nossa Senhora da Conceição até ao Baluarte do Livramento (Loureiro, 1909). Dessa intervenção nasceu a Avenida da Praia (1848-1895), a atual Avenida Luísa Todi (Rodrigues, 2011).

Este dinamismo transformou Setúbal num importante centro fabril, afastando-se progressivamente da sua tradição rural, piscatória e salineira. (Pulido, 1981)
Por essa mesma altura, iniciou-se o primeiro grande processo de industrialização da cidade, centrado na indústria conserveira e o início da Primeira Guerra Mundial provocou um grande "*boom*" económico até 1920, período em que Setúbal atingiu o maior número de fábricas de conservas de sardinha. (Alcântara, 2010)

Figura 11 - Avenida Luísa Todi, século XX
© Américo Ribeiro





Figura 12 - Doca de Depeult, 1933

Em 1923, durante o período de expansão da indústria conserveira, foi fundada a Junta Autónoma do Porto de Setúbal - JAPS, com o propósito de melhorar as condições portuárias da cidade, uma vez que, até então, existia apenas uma doca - a Doca Depeult. A JAPS procurou igualmente estudar a possibilidade de um acesso ferroviário ao Vale do Sado, num contexto em que o porto de Setúbal era considerado o terceiro mais relevante do país em termos de tráfego marítimo. (Faria, 1981)
Em 1926, foi aprovado o projeto do engenheiro Afonso de Melo Cid Perestrello para a construção do Porto de Setúbal (União das Freguesias de Setúbal, s.d.). As obras decorreram entre 1930 e 1934 e, nas décadas seguintes, o porto recebeu novos edifícios, um jardim, etc. (Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, SA, s.d.)

Figura 13 - Planta para as obras do Porto de Setúbal, século XX

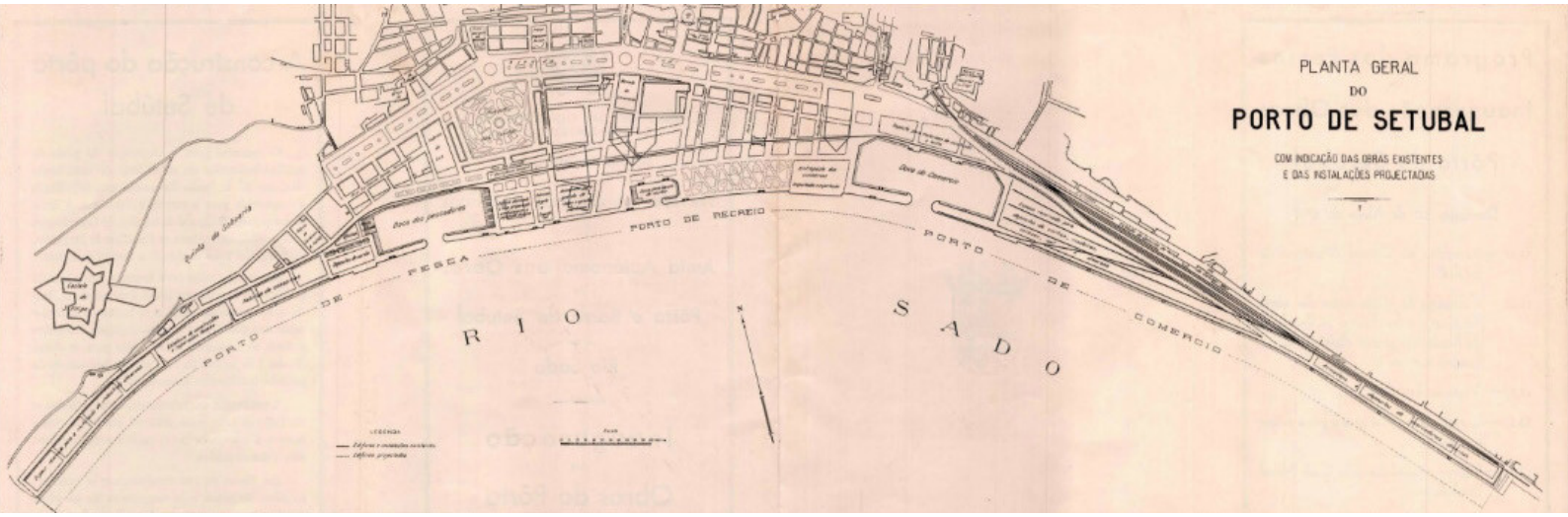




Figura 14 - Porto de Setúbal, século XX

A Cidade em Transição

Ao longo do século XX, o porto de Setúbal passou por sucessivas expansões, processo que continuou ainda no século XXI. Atualmente, o porto de Setúbal é considerado um dos mais importantes de Portugal. (Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, SA, s.d.)
Paralelamente, a cidade também se expandiu urbanisticamente para além do seu centro histórico, acompanhando o crescimento económico e demográfico.

Figura 15 - Porto de Setúbal, século XXI



2 O Betão



Figura 16 - Panteão Romano, século II A.C.
© lysander07

O Betão em Setúbal

O betão não é um material moderno. Se recuarmos dois mil anos, o Panteão Romano foi construído em betão. No entanto, é um betão diferente daquele utilizado hoje nas construções.

O betão romano, composto por pozolana (uma mistura de cinzas vulcânicas), cal e água, tem uma elevada capacidade de resistência e, ao contrário do betão atual, torna-se cada vez mais forte. Estudos recentes demonstraram que minerais brancos formados no betão, resultantes da reação da cal com água a ferver, facilitam a autorreparação de fissuras no cimento. Portanto, a chave da durabilidade do betão romano reside na mistura da cal com água em temperaturas elevadas. (Massachusetts Institute of Technology, 2023).

Utilizado durante séculos em construções, o betão romano foi esquecido quando o seu Império caiu no século V. Somente no final do século XVIII, *John Smeaton* descobriu uma forma de produzir cal hidráulica. No entanto, o verdadeiro avanço ocorreu em 1824, quando Joseph Aspdin inventou o cimento *Portland*. Ao queimar pedras calcárias e argila, obteve um pó fino que, ao ser misturado com água, se tornava altamente resistente. Este tipo de cimento continua a ser amplamente utilizado hoje, embora com algumas alterações. (NACHI, s.d.)

Estruturas como a catedral de Brasília apenas se tornaram possíveis graças ao que hoje conhecemos como betão armado, uma invenção do jardineiro *Joseph Monier* que, em 1867, utilizou pela primeira vez aço para reforçar os seus vasos de cimento. Desde então, o betão armado passou a ser utilizado na construção de edifícios industriais, uma vez que não era considerado esteticamente agradável- uma visão que o século XX viria a alterar por completo. (NACHI, s.d.)

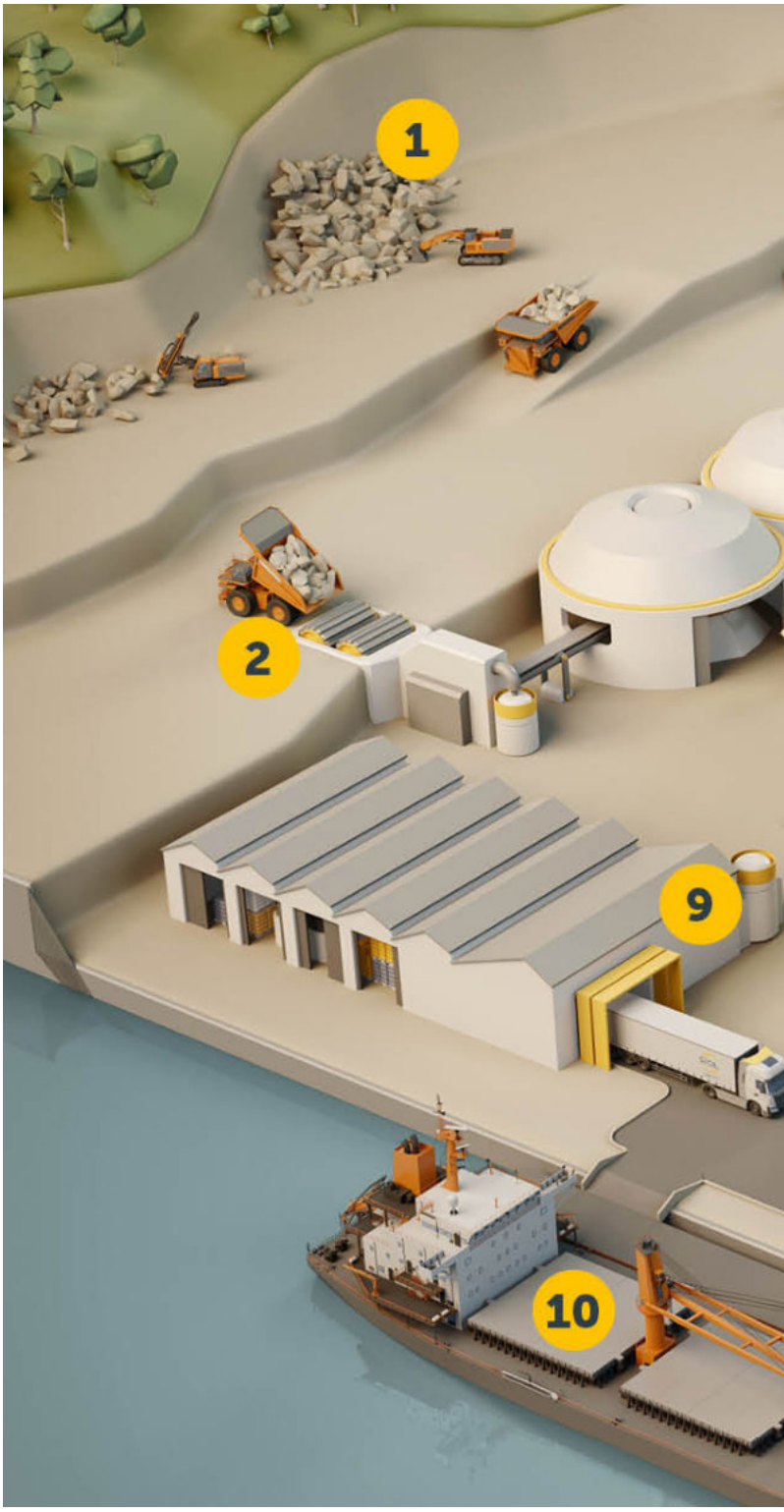
Figura 17 - Catedral Metropolitana de Brasília, Oscar Niemeyer, 1970
© flickr Augusto Areal



Figura 18 - Processo de fabrico de cimento
© Secil

1 - Extração do calcário e da marga com explosivos.
2 - Britagem, de modo a diminuir o tamanho das pedras
3 - Homogeneização das pedras controlado através de um processo online
4 - Conhecido como “cru”, é o processo de moagem das pedras
5 - Secagem do cru que, com a ajuda de calor, é transportado para a armazenagem
6 - O cru é levado para uma torre de pré-aquecimento
7 - Aquecimento do material a uma temperatura que atinge os 1450° de modo a criar o clínquer que depois é então arrefecido ainda no forno
8 - O clínquer é moído e são adicionados outros tipos de materiais dependendo do cimento a produzir
9 - Ensacamento do cimento
10 - Expedição do cimento

(Secil, s.d.)




3
4
5
6
8
7
10
10



Figura 19 - Fábrica de cimento da Secil em Outão, Setúbal, século XX

Em 1906, a Fundação da Companhia de Cimentos de Portugal (criada em 1904) construiu uma fábrica de cimento em Outão, local escolhido pela disponibilidade da matéria-prima adequada e pela facilidade do seu transporte. (SECIL, s.d.)
Em 1918, a fábrica e os seus terrenos foram vendidos à Companhia Geral de Cal e Cimento que, mais tarde, arrendaria o espaço à empresa Secil, a qual adotaria oficialmente este nome em 1925. Já em 1930, surgiu a necessidade de ampliar a fábrica, motivada pelo início da construção do porto de Setúbal. Para tal, a Secil uniu-se à Companhia Geral de Cal e Cimento, contando também com a participação de firmas dinamarquesas. Em 1972, a Secil tornou-se a maior fábrica de cimento em Portugal e, atualmente, é a segunda maior do país, estando também espalhada pelo mundo inteiro e explora constantemente novas hipóteses de tornar a produção de cimento mais sustentável, vindo a alcançar progressos nesse sentido. (SECIL, s.d.)

Figura 20 - Fábrica de cimento da Secil, em Outão, século XXI



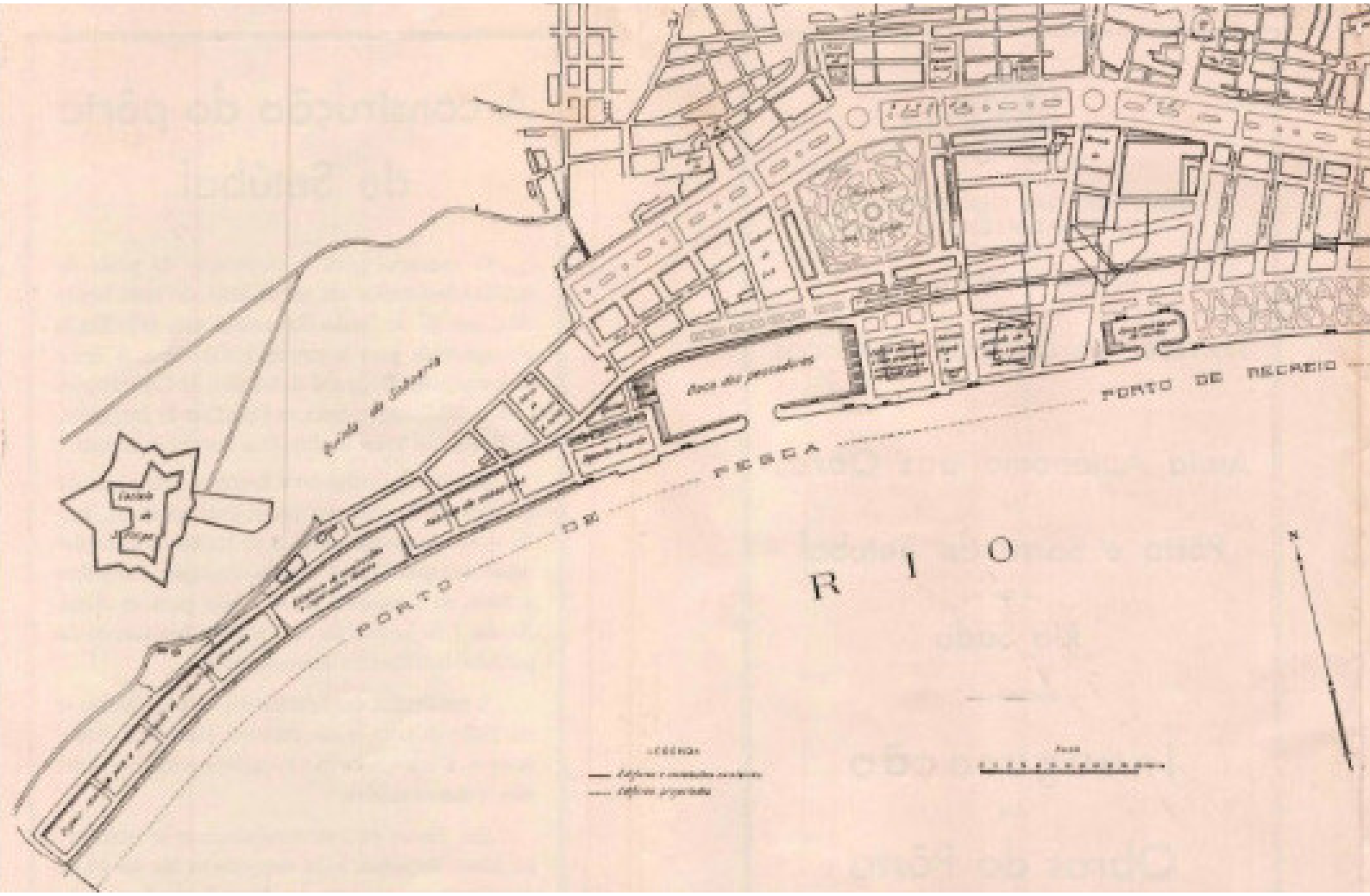


Figura 21 - Planta para as obras do Porto de Setúbal, século XX

Com o aparecimento, em 1906, da fábrica de cimento em Outão, começou-se, naturalmente, a construir em betão na zona portuária da cidade.
Em 1930, como referido anteriormente, a fábrica teve de ser ampliada para auxiliar a construção do porto de Setúbal, iniciada nesse mesmo ano.

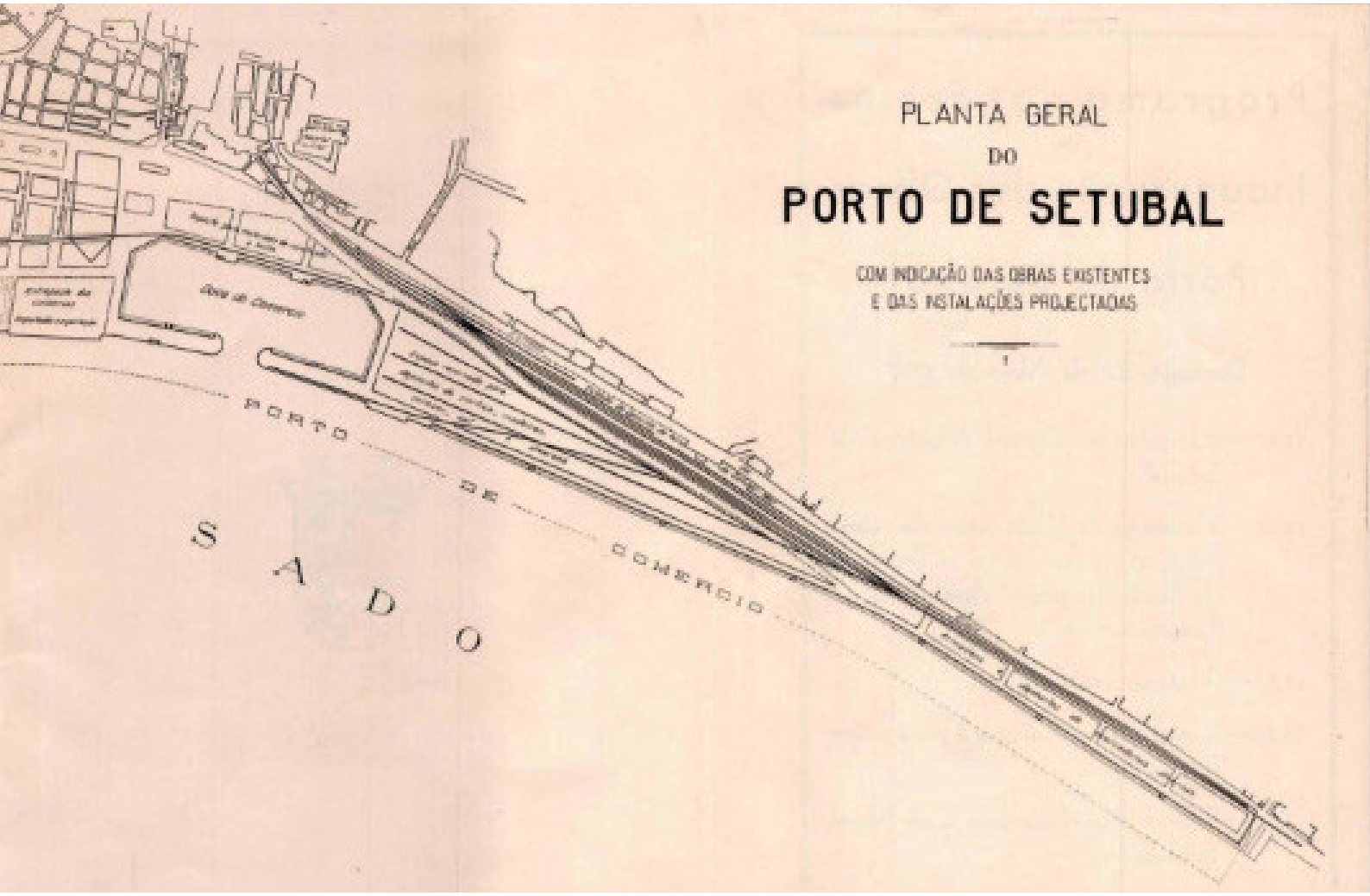

PLANTA GERAL
DO
PORTO DE SETUBAL
COM INDICAÇÃO DAS OBRAS EXISTENTES
E DAS INSTALAÇÕES PROJECTADAS
PORTO
DE
COMERCIO
S A D O



Figura 22 - Diferença entre a zona histórica e a nova zona ribeirinha com construções em betão

Na Figura 22, é possível observar a clara distinção, através da avenida Luísa Todi, entre a zona histórica e a nova ampliação portuária que deu origem a diversas construções em betão. Inclusive, pode-se destacar um dos edifícios com grande relevância em Setúbal, construído em 1930 com recurso ao betão – O Mercado do Livramento. (Câmara Municipal de Setúbal, 2025)
Verifica-se também uma progressiva expansão urbana em direção ao interior da cidade ao longo das décadas seguintes, com numerosas edificações recorrendo igualmente a este material.

Figura 23 - Diferença entre a zona histórica e a nova zona ribeirinha com construções em betão



3 Local de Intervenção



Figura 24 - Local de intervenção (vermelho)



Figura 25 - Local de intervenção

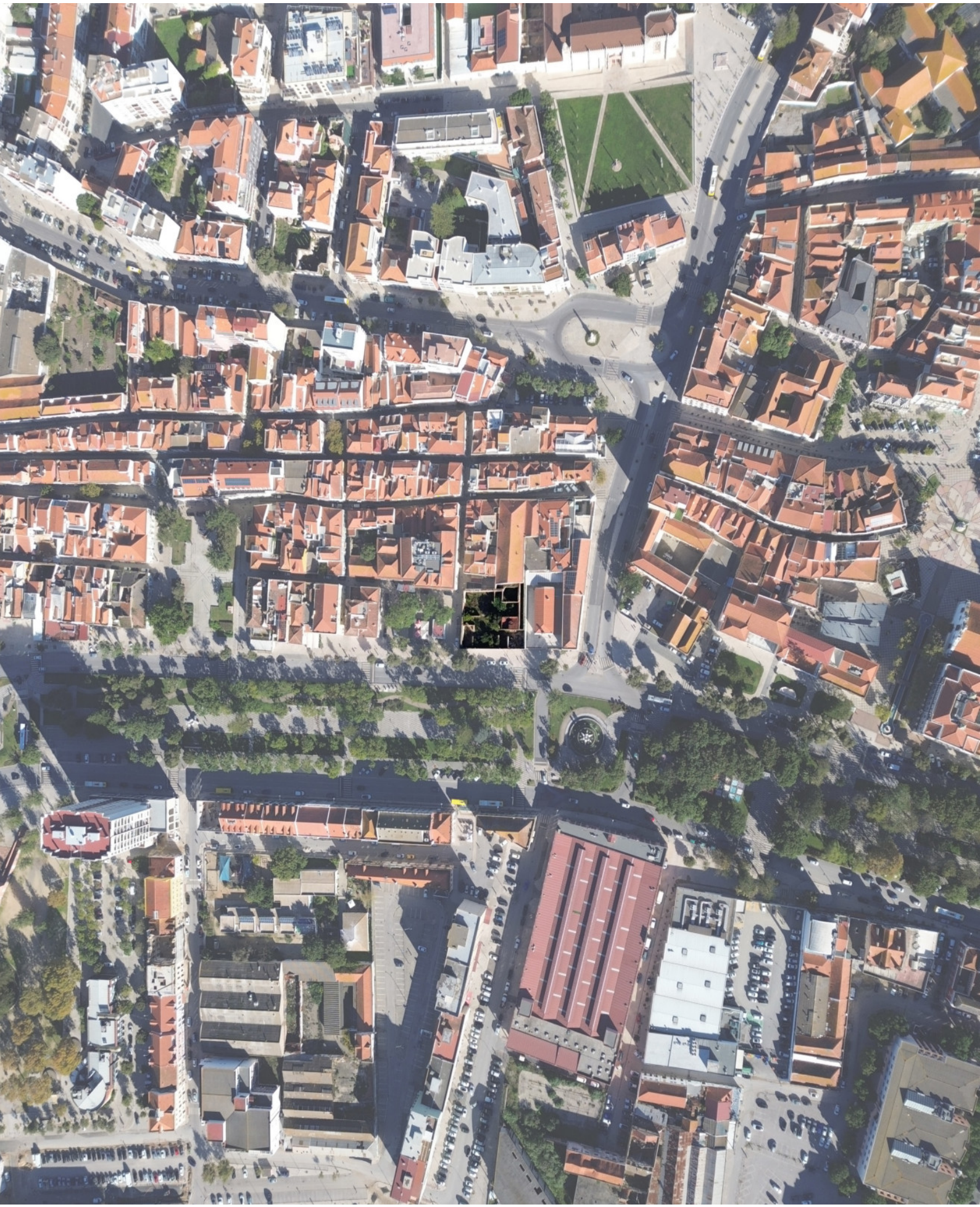




Figura 26 - Local de intervenção na antiga igreja do Carmo (ponto vermelho mais perto do rio, no centro)

Introdução

Depois de realizada uma investigação, percebeu-se que este lote abrigou, no século XX, um antigo cinema, agora abandonado.
Antes disso, no século XVII, foi ali edificada a igreja do Carmo, pertencente ao antigo Convento de Nossa Senhora do Carmo, do qual ainda subsistem vários vestígios no mesmo quarteirão. Entre esses vestígios, pode-se destacar uma pequena capela, ainda utilizada pela Ordem Terceira da Nossa Senhora do Carmo, que se situa, em relação ao antigo cinema, no lado oposto do quarteirão (Figura 27).

Contexto Histórico

A partir do final da Idade Média, Setúbal registou um elevado crescimento populacional nos séculos seguintes, o que levou, por motivos religiosos, à construção de novos conventos na cidade. Numa altura em que a Ordem dos Carmelitas queria difundir-se por Portugal, entre 1603 e 1622, em apenas dezanove anos, foi erguido em Setúbal o Convento de nossa Senhora do Carmo. (Neto, 2010, p.345)

A justificação para a edificação deste convento, que acolheu dezoito frades (Ordem Terceira do Carmo da cidade de Setúbal, s.d), encontra-se associada à necessidade de «criação de uma casa de apoio, entre Lisboa e os conventos do Sul de Portugal, evitando, consequentemente, uma exposição prolongada dos Irmãos na vida leiga enquanto se encontravam em viagem. A legitimação para a construção do convento estava também alicerçada na suposta necessidade dos pescadores do Troino terem auxílio espiritual próximo – missa diária antes da faina, o que implicaria um templo na zona que não os obrigasse a desviarem-se do seu caminho de trabalho». (Neto, 2010, p.345 e 348)

Figura 27 - Local de intervenção. Uma das suas fachadas murada está voltada para a avenida Luísa Todi e outra para o largo do Carmo.





Figura 28 - Residência Monte Carmelo

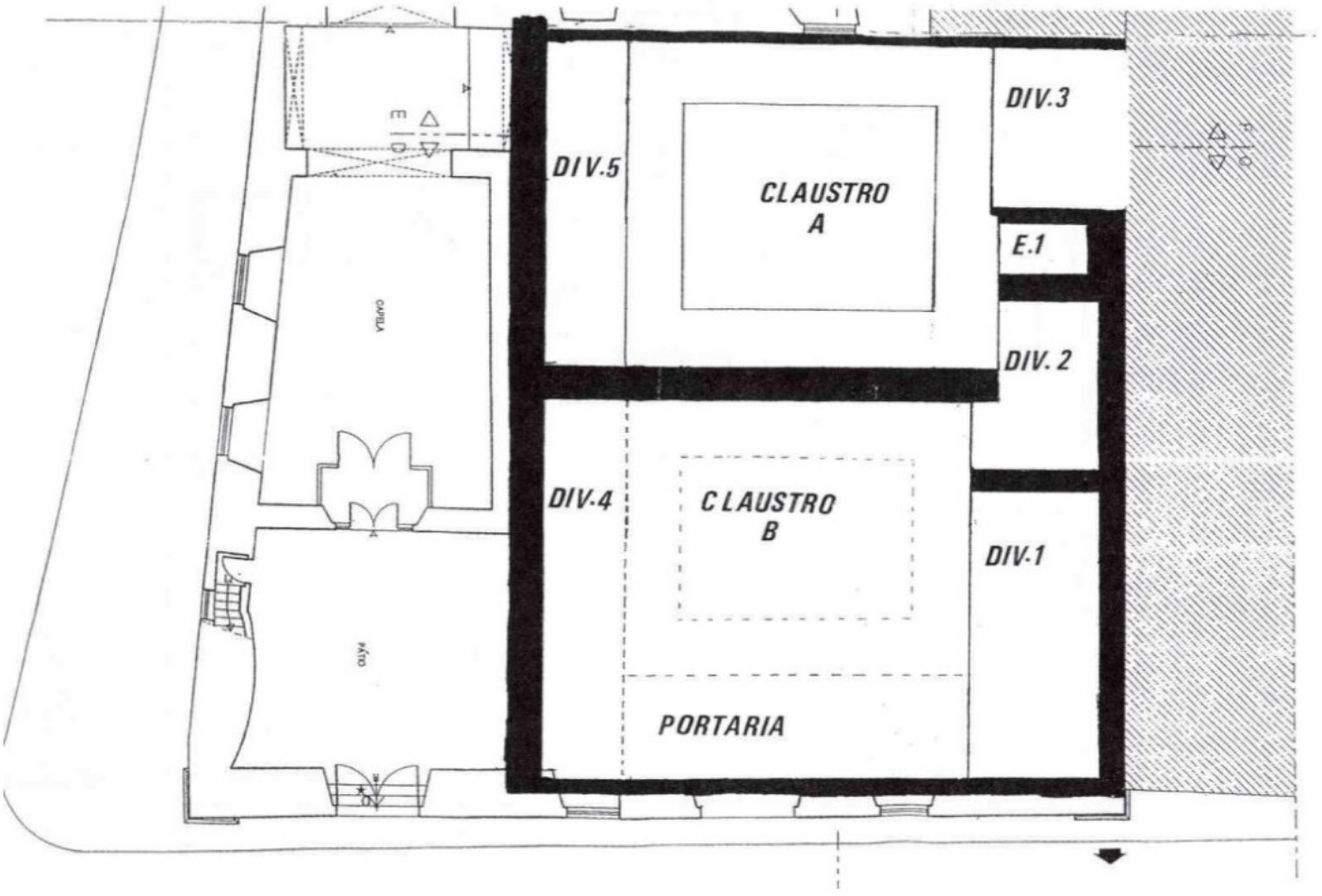
Em 2001, foi realizada uma intervenção arqueológica numa área específica deste convento, na sequência da construção da residência Monte Carmelo no local. Para além da edificação de um novo corpo arquitetónico, determinadas zonas do convento foram alteradas de modo a acomodar este novo espaço.

Esta intervenção junto à antiga capela do convento, onde se instala atualmente a Ordem Terceira da Nossa Senhora do Carmo de Setúbal, possibilitou formular uma hipótese acerca da organização espacial original do convento, como mostra José Luís Neto na sua dissertação "A Idade do Ouro Branco: O contributo da Arqueologia Pós-medieval para o conhecimento de Setúbal, uma cidade portuária portuguesa".

Na Figura 28, lança-se a hipótese de se terem erguido ali dois claustros. É certo que o convento se desenvolvia em dois andares, sendo que o piso superior acomadava as celas dos frades. É também provável que o acesso ao convento se fizesse pela rua António Maria Eusébio (paralela à avenida Luísa Todi – ver Figura 28, em cima). No que diz respeito à igreja, construída no local de intervenção, José Luís Neto propõe a hipótese de que a igreja, de grandes dimensões, estaria orientada Norte-Sul, tal como a capela, e não segundo a orientação cristã tradicional Este-Oeste. (Neto, 2010, p.354 e 355)

Relativamente à construção do convento, recorreu-se às matérias daquela região: calcário, brecha da Arrábida, cal (para reboco, necessitando de reaplicação aproximadamente a cada década), areia, argila (tijolo e telha) e madeira. Todavia, conforme refere José Luís Neto, este convento apresenta a particularidade da sua estrutura ter sido construída quase na totalidade em argamassa, o que permitiu economizar a vários níveis da construção. (Neto, 2010, p.348 e 349)

Figura 29 - Hipótese da organização do Convento de Nossa Senhora do Carmo
DIV 1 – cozinha e armazém; DIV 2 – refeitório; DIV 3 – Acesso à Igreja; DIV 4 – Biblioteca; DIV 5 – Sala do Capítulo; E1 – Escadaria



Pós-terramoto de 1755

Após o terramoto no dia 1 de novembro de 1755, «o edifício conventual ficou arruinado e o convento foi ligeiramente deslocalizado. Tal permitiu que a área do convento primitivo fosse ocupada com enterramentos da Venerável Ordem Terceira do Carmo, num adro de dimensões fabulosas.» (Neto, 2010, p.330 e 331)
Mais tarde, já no século XIX, ocorreram as extinções das ordens religiosas em Portugal, o que levou à ocupação de uma parte do convento, em 1837, pelo Ministério da Guerra. Outra parte, em 1863, pela Câmara. A área anteriormente ocupada pelo Ministério da Guerra dá hoje lugar a uma esquadra da PSP. (Ordem Terceira do Carmo da cidade de Setúbal, s.d)

Nas últimas décadas do século XIX, foi construída a escola Conde de Ferreira, entre o espaço então ocupado pelo Ministério da Guerra e a antiga igreja que, desde 7 de maio de 2022, funciona como centro de recursos educativos e culturais. (O Setubalense, 2022)



Figura 30 - Antiga escola Conde de Ferreira, no meio



Figura 31 - Casino Setubalense, 1944
© Américo Ribeiro

Século XX

Às portas da antiga igreja, chegavam as águas do rio Sado, onde hoje se estende a Avenida Luísa Todi. Nessa direção, abriu-se, em março de 1908, a porta principal do cinema Casino Setubalense. (União das Freguesias de Setúbal, s.d.)

O nome do cinema surgiu da intenção de abrir também um casino no local. Contudo, nunca se concretizou. O cinema não era apenas uma sala de exibição, mas também um espaço de reunião e encontro, dando palco a vários comícios políticos naquele lugar. Como refere Alberto de Sousa Pereira, «era normalmente frequentado, à tarde, por homens que trabalhavam na Lota e nas atividades marítimas.» (União das Freguesias de Setúbal, s.d.). Acrescenta ainda que, depois de 1974, começaram a exibir-se filmes pornográficos. No entanto, a «sala já tinha poucas condições, passou apenas a dar bailes nas tardes de sábados e domingos e encerrou nos anos 80.» (União das Freguesias de Setúbal, s.d.)

Figura 32 - Casino Setubalense (segundo plano, à esquerda) e a avenida Luísa Todi, 1956
© Américo Ribeiro





Figura 33 - Fachada Sul do antigo cinema

Atualidade

Atualmente, o espaço encontra-se em ruínas e ao abandono, mantendo apenas as paredes periféricas.

Figura 34 - Traseiras e fachada poente do antigo cinema





Figura 35 - Entrada principal e bilheteira do antigo cinema

Figura 36 - Cunhal do antigo Convento da Nossa Senhora do Carmo





Figura 37 - Interior do antigo cinema. Parede em alvenaria mista



Figura 38 - Estado atual do interior do antigo cinema



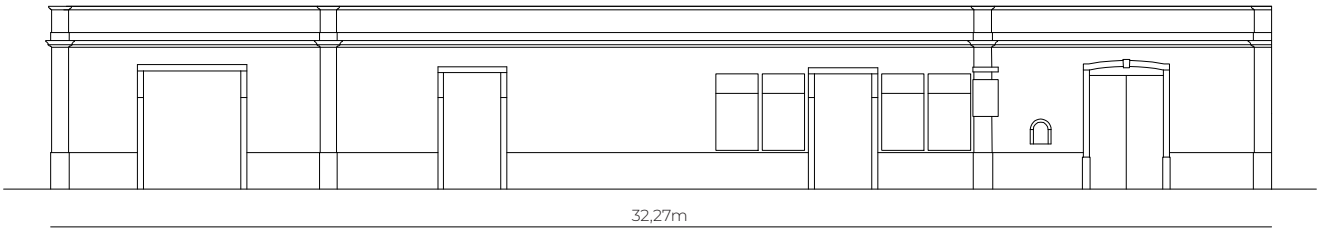
Figura 39 - Átrio do antigo cinema



Figura 40 - Corredor para a sala de cinema



Figura 41 - Planta de implantação e alçado sul do local de intervenção



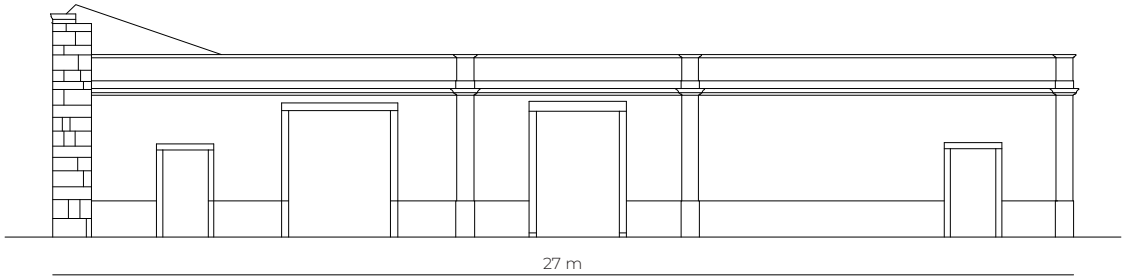


Figura 42 - Alçado sul e nascente do local de intervenção

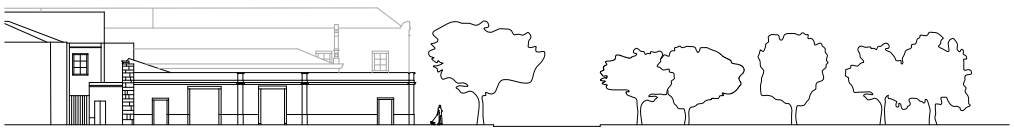


Figura 43 - Alçado nascente do local de intervenção

4 Casa do Povo



Figura 44 - Casa do Povo de Vizela, século XX

Casas do Povo em Portugal: Uma breve Introdução

As Casas do Povo foram uma iniciativa do Estado Novo, concebidas com o propósito de prestar apoio às populações rurais, de acordo com os princípios do corporativismo. Estabelecidas em 1933, apareceram como «organismos de cooperação social». (Maldonado, 2016, pp.105-125). Embora pudessem surgir por iniciativa de habitantes ou autoridades locais, estas instituições encontravam-se fortemente controladas pelo Estado, que as apresentava como expressão da vontade popular, mas garantia o seu enquadramento com a ideologia do regime. (Maldonado, 2016, pp.105-125)

O regime apoiava a criação das Casas do Povo para responder às carências sociais existentes no meio rural- nomeadamente na assistência médica, na previdência e no apoio familiar. No entanto, estas instituições desempenhavam também um papel de controlo social, reunindo a vida comunitária das aldeias e funcionando como instrumentos de intervenção política do Estado, através da promoção de atividades comunitárias, culturais e recreativas alinhadas com a ideologia oficial. (Maldonado, 2016, pp.105-125)

As Casas do Povo desempenhavam uma tripla função. Inicialmente, asseguravam previdência e assistência aos seus associados, garantindo «proteção e auxílio nos casos de doença, desemprego, invalidez e velhice» (Maldonado, 2016, pp.105-125). Segunda, desempenhavam um papel educativo e cultural, promovendo atividades de ensino para adultos e crianças, desporto, cinema educativo e momentos de lazer coletivo. Finalmente, colaboravam no desenvolvimento das comunidades, promovendo «cooperação nas obras de utilidade comum, comunicações, serviço de águas e higiene pública.» (Maldonado, 2016, pp.105-125)

A coordenação era assegurada pela Junta Central das Casas do Povo, que uniformizava a ação destas instituições e limitava a sua autonomia, transformando-as em extensões locais da estrutura corporativa do Estado. (Branco, 1999)
Nos anos de 1950 e 1960, o papel das Casas do Povo foi alargado à promoção da habitação social. Além disso, muitas Casas do Povo funcionaram como centros culturais e recreativos, promovendo bibliotecas, grupos musicais, bailes e sessões de cinema. Contudo, este incentivo cultural tinha frequentemente uma intenção de aproveitamento político: a cultura popular era enquadrada pelo regime como expressão do “espírito nacional”, reforçando a ideologia do Estado Novo. (Maldonado, 2016, pp.105-125)

Que aspecto havemos de dar às Casas do Povo?

Artigo do Arquitecto Raúl Lino

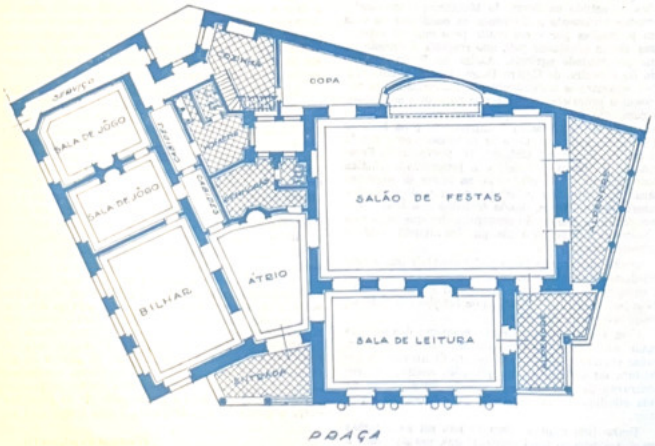
IV

A quem tiver lido os três artigos anteriores que, subordinados a este mesmo tema, aqui se publicaram, não lhe causará surpresa a afirmação de que uma obra de construção, para ter valor prático ou arquitectónico, tem de partir dos seguintes princípios: 1.° estabelecimento de um programa perfeitamente definido; 2.° conhecimento cabal das condições do terreno a que a edificação se destina. Estes princípios deviam ser intuitivos, mas com a míngua de senso prático que nos distingue, há muito boa gente, por vezes ilustrada até com diplomas de cursos superiores, que ignora esta circunstância e cai no absurdo erro de querer implantar qualquer edifício projectado, embora seja em si muito interessante, num terreno qualquer de seja que região fôr.

Sei do exemplo em que certo proprietário pretendeu, sem qualquer preocupação, executar no seu terreno uma casa que tinha sido lindamente projectada para determinado local de condições absolutamente diferentes. A simples adaptação do projecto à imprevista localização encareceu-lhe a obra em cerca de 40%. — Em outro caso que se passou numa cidade da Beira Alta, alguém (um médico!) copiou um projecto de moradia publicado em certo livro, e adregou ficar o grande alpendre, feição principal da casa, virado ao Norte, sem que por isso o Sr. Dr. se ralasse muito ou pouco...

Publicamos aqui hoje, como exemplo, um projecto de construção que não é Casa do Povo, mas sede de «Assembleia» recreativa. Interessa-nos não só porque o seu destino é comparável ao das Casas do Povo — edifício para reuniões de carácter recreativo ou cultural, — mas também por se tratar de uma casa realizada e construída desde a raiz, obedecendo a um programa bem definido e sujeita a determinado terreno, aliás ingrato e bastante difícil de se aproveitar.

O programa desta construção era claro: salão de festas, sala de leitura, sala de bilhar, duas salas para jogos de vasa, serviços de pequena cozinha e instalações sanitárias para ambos os sexos. O agrupamento das salas foi estudado de maneira que resultasse num bom aproveitamento da área limitada por pentágono irregular. A frente principal por onde se faria a entrada dos associados, devia dar para a pequena praça aonde vão dar as duas ruas divergentes que ladeiam o edifício. Os restantes dois lados da área pentagonal confinam com propriedades vizinhas. — A dificuldade da solução era agravada pela



10



diferença de nível — quase 4 metros — entre dois extremos do terreno.

A planta, dentro do pentágono irregular, distingue-se pela forma escorreita das salas que têm o máximo tamanho compatível com a área de que se dispunha. O próprio átrio de entrada, onde é resolvida a divergência de direcção das duas ruas, apresenta disposição perfeitamente simétrica, com seu nicho fronteiro à entrada e suas portas de comunicação de um e outro lado. Aproveitando o considerável desnivelamento das vias públicas, estabelecem-se varandas alpendradas para desafogo das duas salas maiores. Pequenos saguões tornam possível iluminação e arejamento dos serviços, havendo uma entrada independente para as dependências da cozinha, de onde parte a escadinha para os armazéns instalados no subterrâneo.

Ao fazer-se a distribuição dos corpos deste edifício não se perderam de vista condições que permitiram o estabelecimento de coberturas simples de construir e de aspecto harmónico, prevalecendo-se o arquitecto da circunstância de ser conveniente elevar o pé-direito do salão de festas.

No exterior teve-se em atenção o carácter local das construções tradicionais, de molde que o que se fez não fosse destoar da fisionomia geral da terra — que é a cidade de Abrantes. A própria índole da edificação impunha que a sua arquitectura fosse tratada sem severidade, com boa disposição e certo ar prazenteiro. Não se cuidou de introduzir arrebiques que se não justificassem. Assim pode dizer-se que o azulejo aplicado no alpendre da entrada tem por fim proteger, e muito bem, as paredes onde será mais fácil as pessoas encostarem-se; o uso das rótulas nas janelas das salas menores também se explica pela necessidade de impedir que os transeuntes devassem indiscretamente o interior da casa, e, por fim, os pequenos poiais para vasos que ladeiam as janelas da frente principal vêm a propósito porque a praça em frente é ajardinada, estabelecendo-se assim como que uma ligação com o logradoiro público.

O conjunto deste edifício deixa-nos a impressão de estar tudo bem arrumado, com adaptação fácil e elgante à circunvizinhança, mas muitos poucos farão ideia exacta de quanto custa obter-se uma solução desta ordem com aspecto natural e harmonioso!

RAUL LINO

Função Social das «Casas do Povo»

(Continuação da página 9)

zinhas. E acodem logo também à nossa lembrança exemplos de velhos professores que se foram deste mundo cumulados das bênçãos de todo um povo, de todos os que durante longos anos ensinaram a ler e dirigiram e auxiliaram, tornando-se verdadeiramente os «homens bons» da comunidade rural.

Mas, chegados a este ponto, e encarando o presente, começam logo a desenhar-se graves inconvenientes para a realização de uma obra profícua e estável: os professores sucedem-se hoje a curto prazo nas escolas das aldeias como nas das cidades, e os párocos não têm às vezes mais permanência do que eles à testa das suas respectivas freguesias. E, assim, uns e outros não chegam a dispor de tempo para se dedicarem inteiramente às suas terras, e para estudarem os seus problemas mais instantes, tirando-lhes com frequência todo o estímulo de semear a antecipada certeza de que não serão eles a colher.

Suponhamos, entretanto, que as *Casas do Povo* têm a felicidade de encontrar dirigentes capazes de realizar os objectivos que com elas teve em vista o legislador. Como poderão elas tornar-se verdadeiramente, conforme aqui dizíamos há tempos, núcleos de uma nova estrutura rural?

E o que veremos para outra vez.

Coimbra, Março de 1947.

A. DE AMORIM GIRÃO

11

Figura 45 - Mensário das Casas do Povo nº12, pág.10 e 11

Entre 1946 e 1948, o arquiteto Raul Lino publicou uma série de artigos no Mensário onde refletia sobre a arquitetura das Casas do Povo. Defendia que estes edifícios deviam responder às necessidades reais das comunidades, privilegiando a proporção, a simplicidade e a adaptação ao contexto local.

Após a Revolução dos Cravos, em 1974, as Casas do Povo sofreram profundas transformações. O sistema corporativo foi abolido, dando lugar a novos objetivos e formas de gestão. Em 1985, foi criado um acordo que visava conceber maior autonomia a estas instituições, embora muitas tenham sido abandonadas devido à alteração dos objetivos iniciais e à dificuldade em se adaptar às novas realidades sociais.
Atualmente, várias Casas do Povo continuam em funcionamento, assumindo predominantemente um papel cultural ou de apoio social a crianças e idosos, sobretudo nas zonas rurais. (Jaramillo, 2012, p. 37 a 41)



Figura 46 - *Maison du People*, de Victor Horta, em Bruxelas, final do século XIX

O princípio de haver uma casa coletiva virada para a comunidade não surgiu apenas em Portugal.
No século XIX, vários países construíram edíficios ao serviço das suas comunidades, como é o caso da *Maison du People*, de Victor Horta, em Bruxelas. (Rethinking The Future, s.d.)



Figura 47 - *Maison du People*, de Victor Horta, em Bruxelas, final do século XIX

5 Projeto



Figura 48 - Local de intervenção

O local de intervenção encosta-se a um quarteirão a norte, definindo o seu limite nascente, volta-se para a Avenida Luísa Todi, a sul, e relaciona-se, a oeste, com o Largo do Carmo. Esta condição urbana, caracterizada por frentes consolidadas e espaços abertos, determina o princípio do conceito para a implantação.

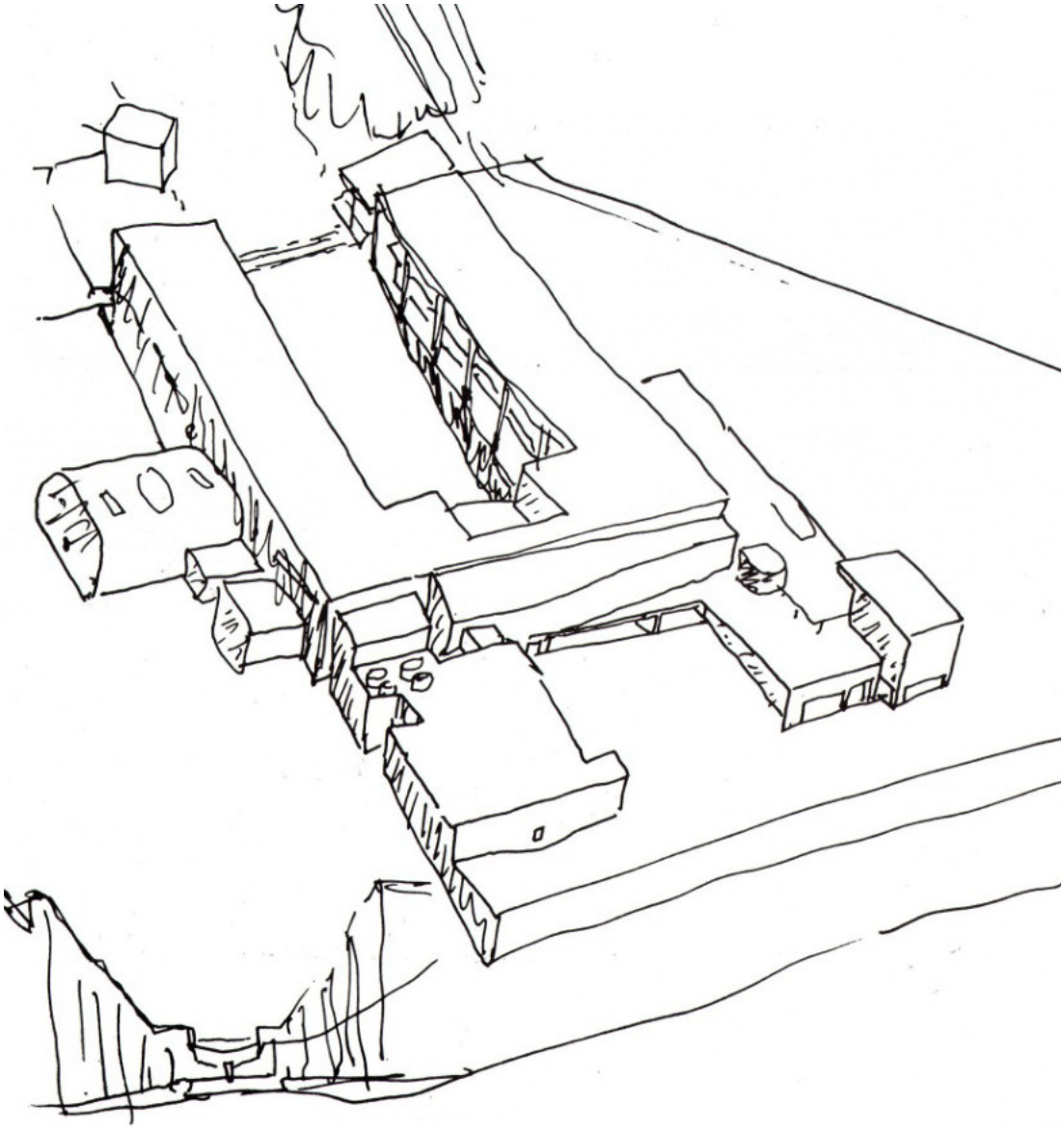


Figura 49 - Esquiço de Siza Vieira, Escola Superior de Educação, em Setúbal.

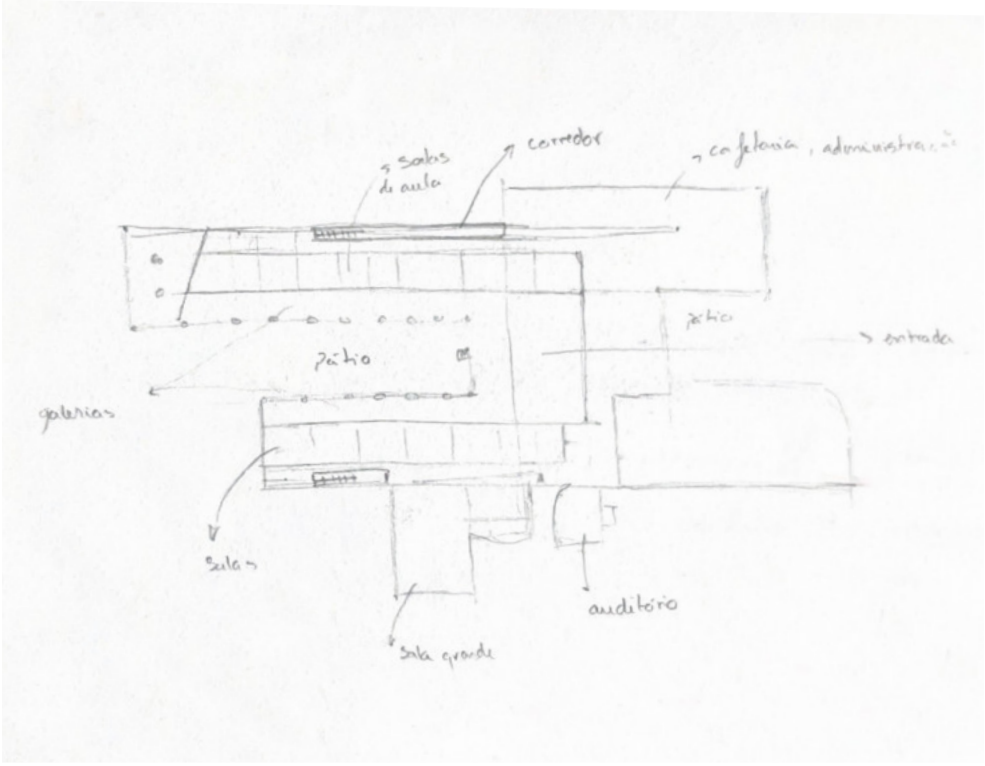


Figura 50 - Esquiço

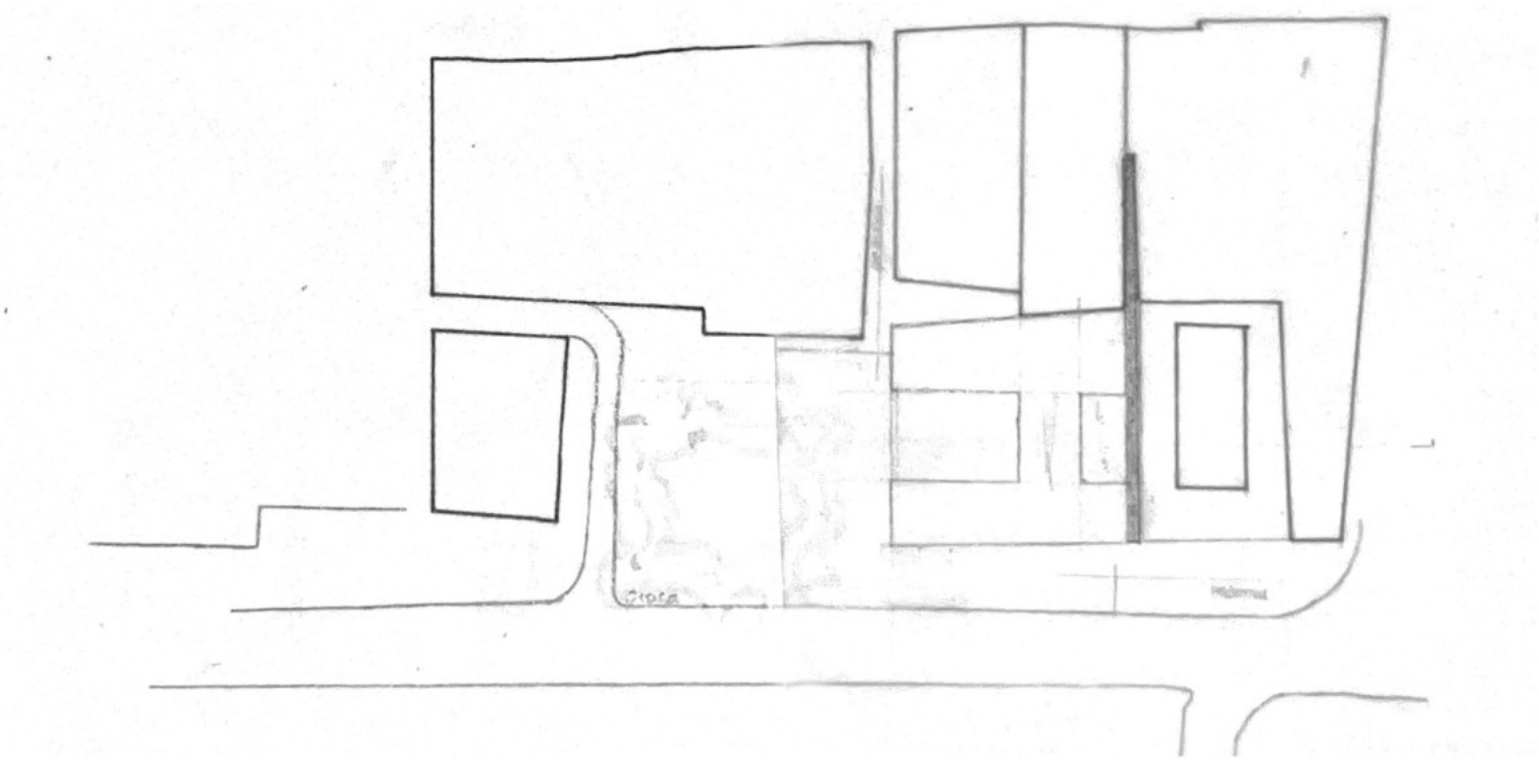


Figura 51 - Esquiço

Com a intenção de estabelecer uma ligação direta com o Largo do Carmo, a primeira proposta surge da criação de um corpo em “H”.

Esta geometria procurava prolongar o espaço público para o interior do edifício, criando uma continuidade entre a cidade e o novo conjunto.

Nesta fase inicial, o programa funcional da proposta é definido. O acesso principal situava-se no centro do “H”, através de uma “testa” que marcava a entrada, conduzindo à receção, espaço distribuidor do conjunto.

No braço norte, encostado ao quarteirão, situa-se o salão. No braço sul, junto à Avenida Luísa Todi, o café, com uma relação direta com a praça e o interior do “H”. As oficinas distribuem-se ao longo do limite nascente, separadas por um pátio interior, que cria ligação visual entre elas, garantindo iluminação e ventilação natural.

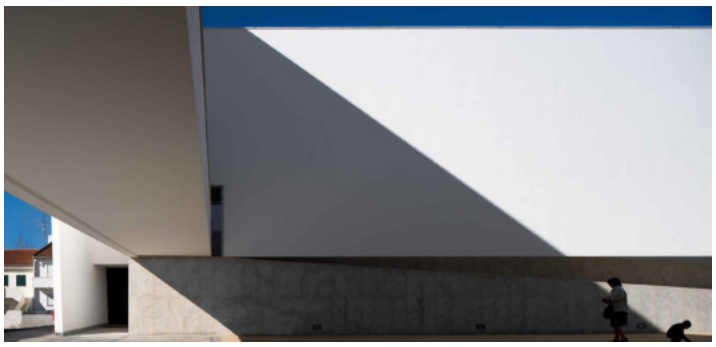
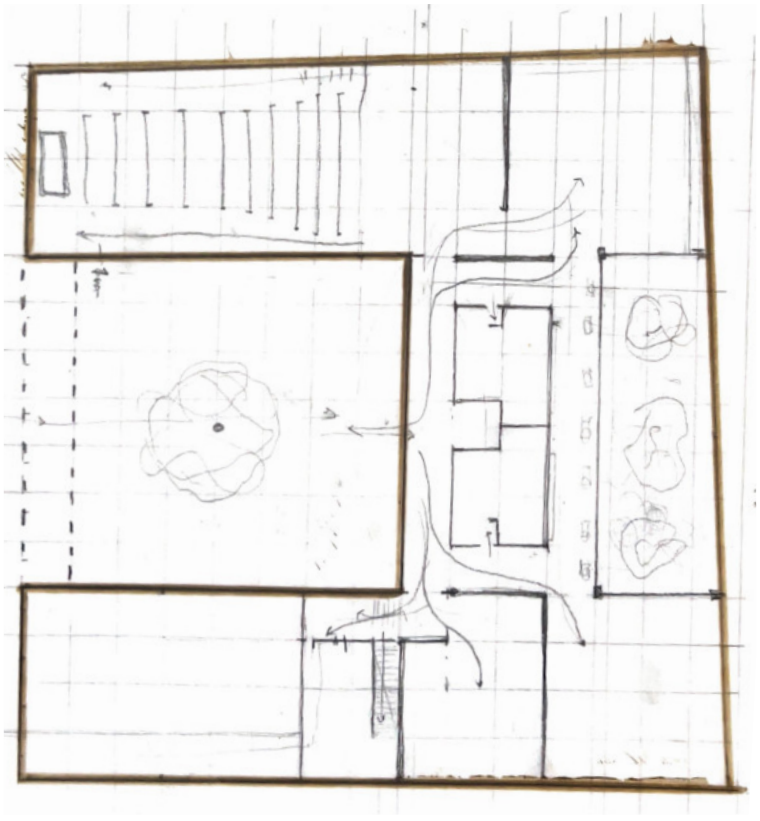
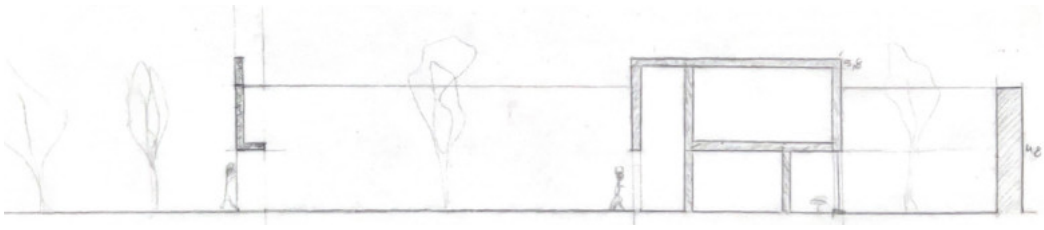


Figura 52 - Pórtico. Fotografia da Igreja de Santo António, em Portalegre, João Luís Carrilho da Graça

Figura 53 - Esquiço

Figura 54 - Esquiço





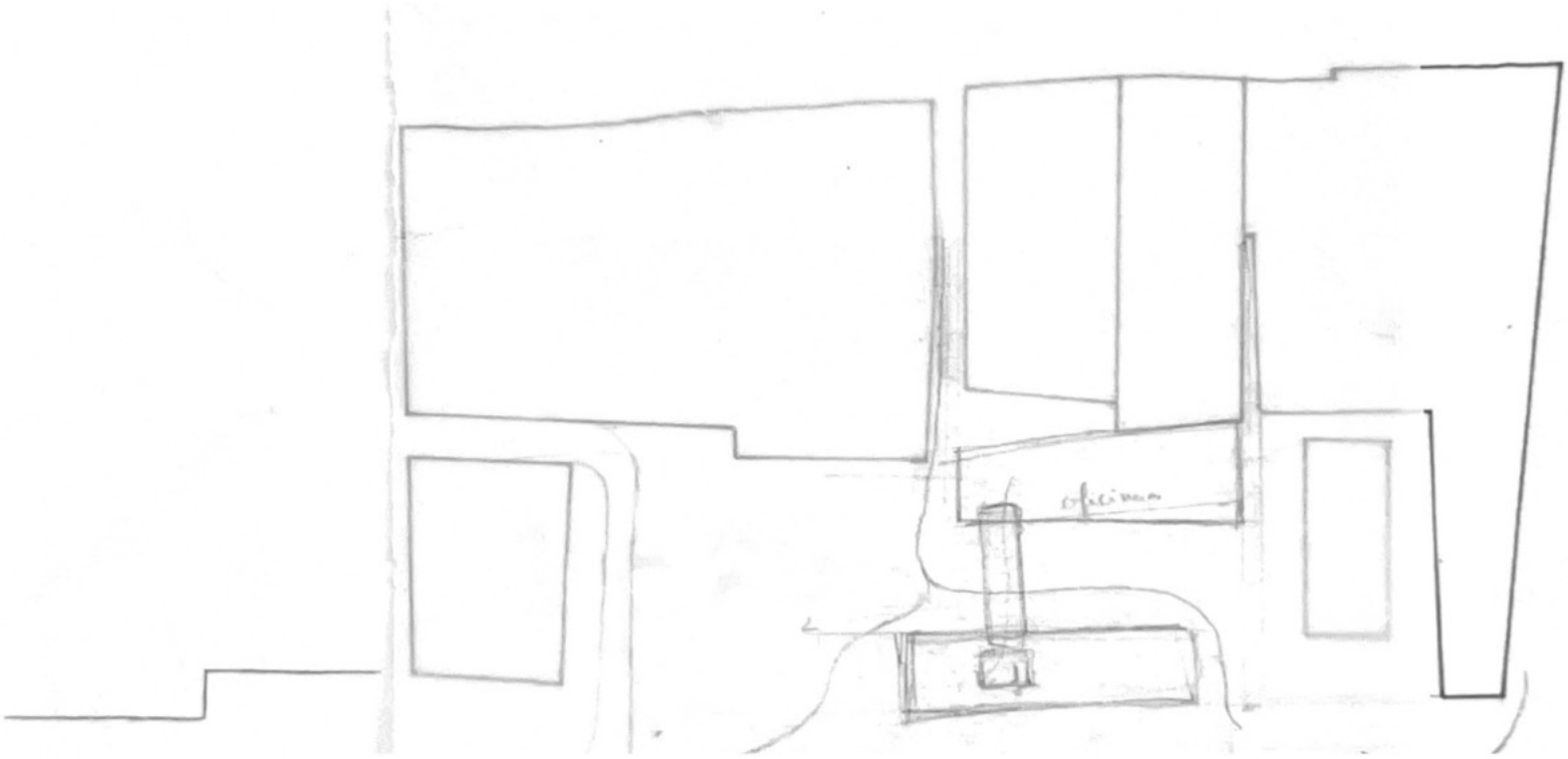


Figura 55 - Esquiço

Esquiço que definiu o projeto

A evolução do projeto leva à reconfiguração do volume em “H”. Os dois braços separam-se, dando origem a dois corpos independentes e criando, entre eles, uma nova rua pedonal. Esta ação transforma a proposta. O espaço público passa a atravessar o lote, e o projeto ganha uma dimensão urbana mais fluida e aberta.

O Corpo A, encosta-se ao quarteirão existente, completando-o a norte. O Corpo B aproxima-se da Avenida Todi, relacionando-se com a sua envolvente.

A separação redefine o conceito do projeto, criando uma relação com o espaço entre os corpos e o espaço público.

Figura 56 - Esquiço

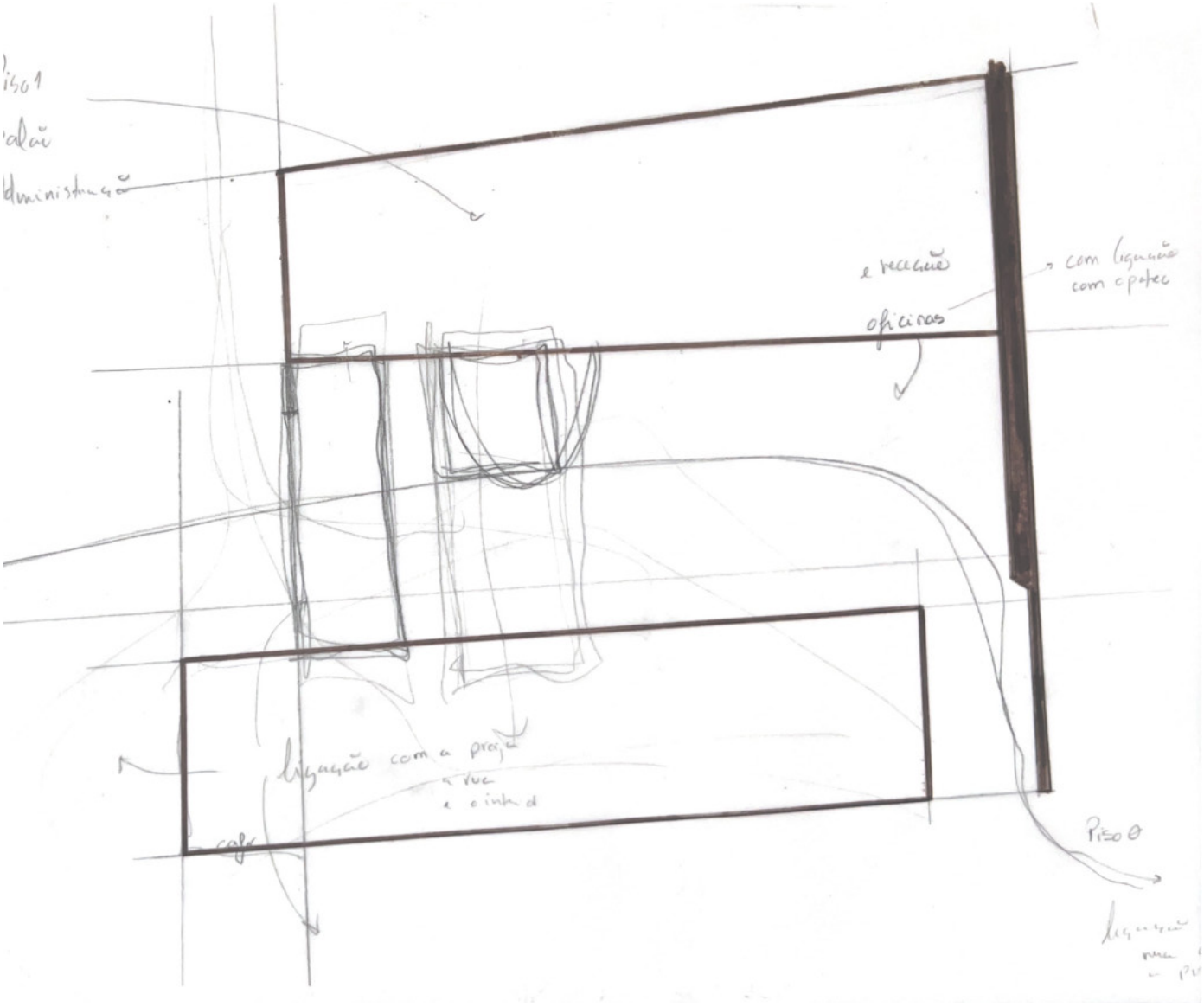




Figura 57 - Vista aérea do local de intervenção.

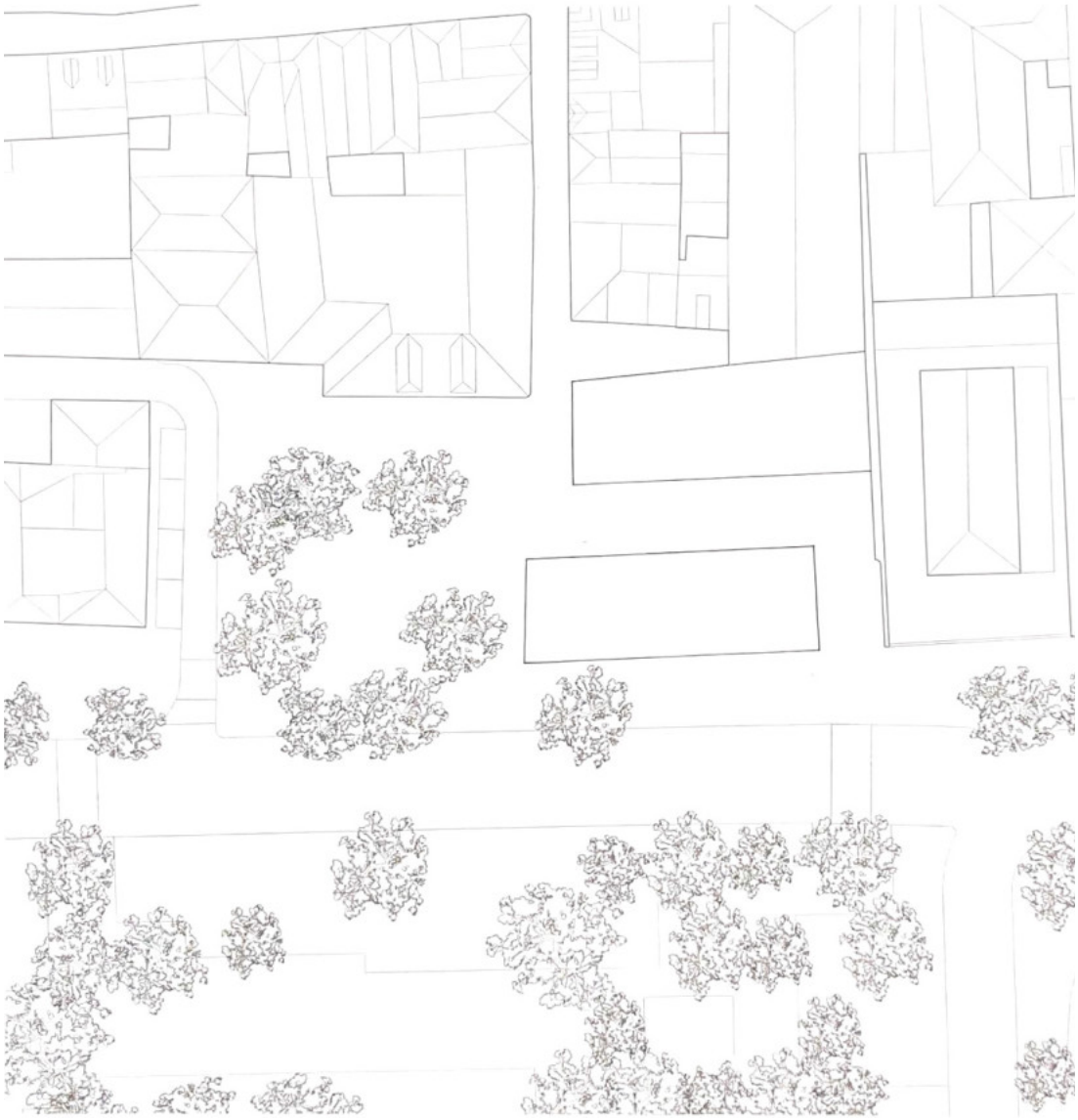


Figura 58 - Planta de implantação. Ponto de situação, dia 20/02/2025

Consolida-se a ideia de dois corpos independentes, unidos por um espaço público central que se prolonga em forma de rua.

Um corpo - A - completa o quarteirão a norte. O outro - B -, um pavilhão aberto, relaciona-se diretamente com a envolvente.

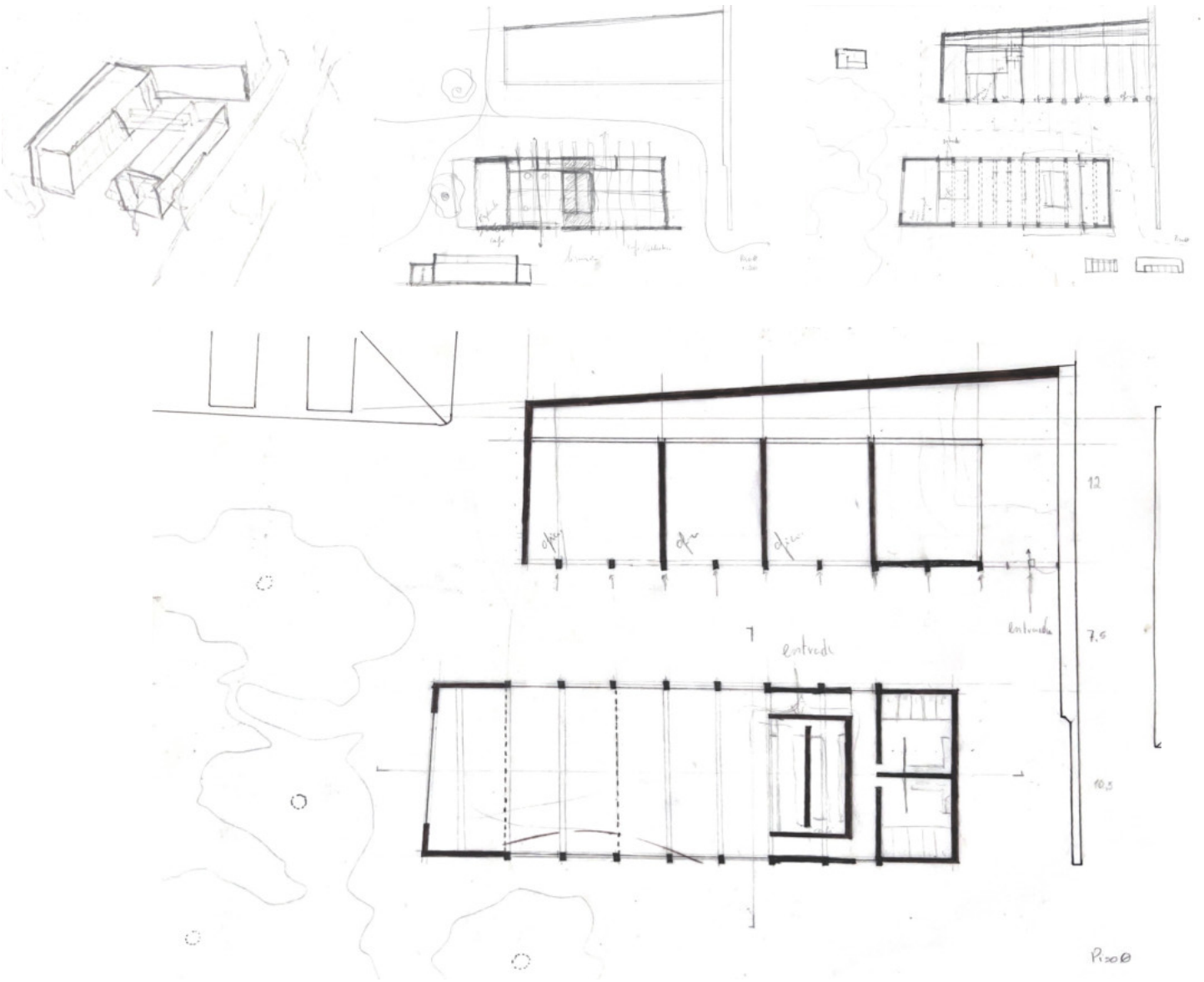


Figura 59 - Esquiços

No Corpo A, o piso térreo engloba o átrio distribuidor do conjunto e as oficinas, voltadas para a nova rua estabelecida pela separação dos conjuntos. No piso superior, situam-se o salão e a administração.

No Corpo B, o café ocupa o piso térreo, prolongando-se através de um mezanino que cria uma ligação visual e espacial entre os dois níveis.

Figura 60 -Planta Piso 0, Planta Piso 1 e Cortes. Ponto de Situação, dia 20/02/2025

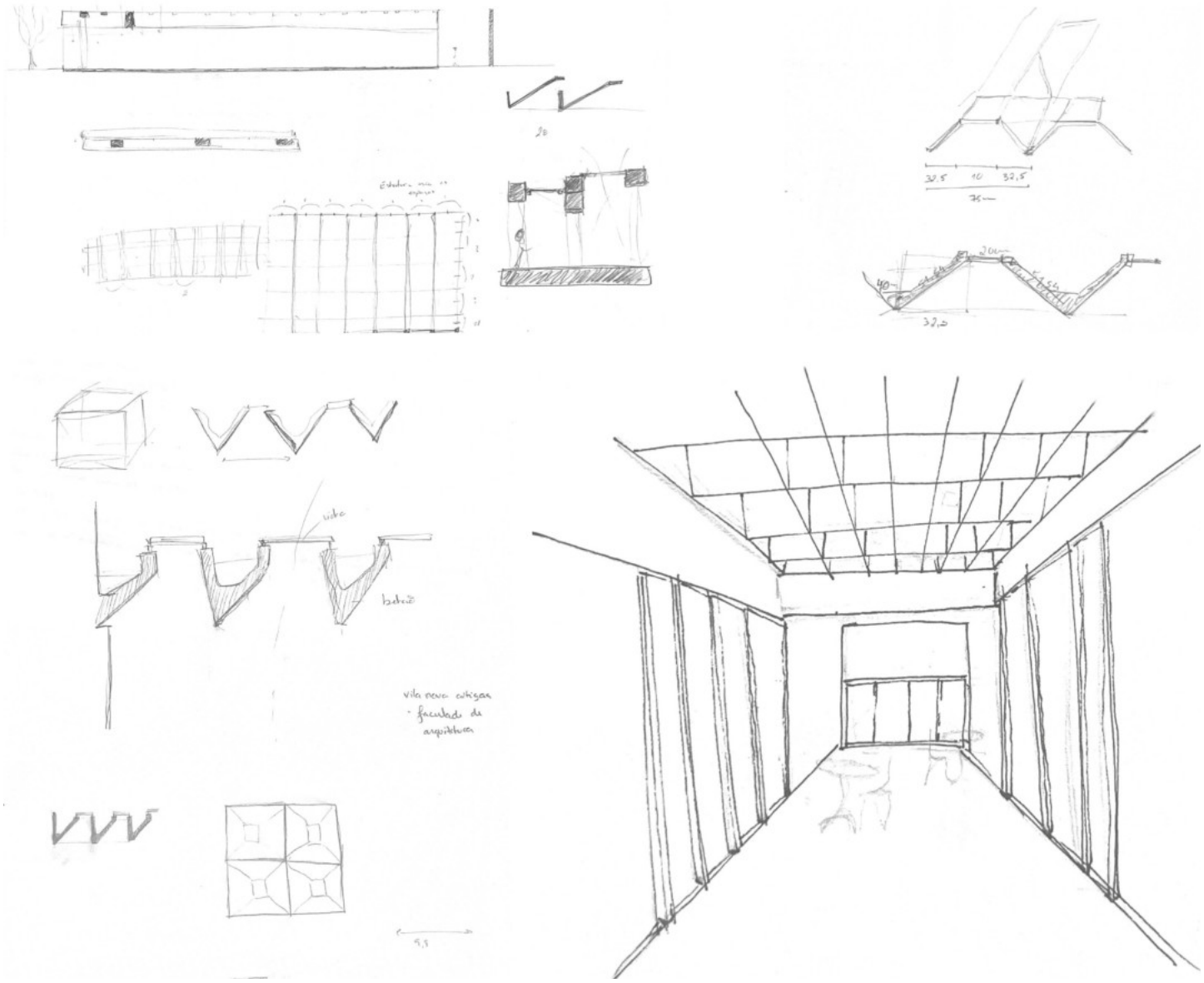




Figura 61 - Faculdade de Arquitetura, São Paulo, Vila Nova Artigas.

Surge o interesse em desenvolver uma cobertura que filtre a luz natural, inspirada na Faculdade de Arquitetura de Vilanova Artigas. O sistema de iluminação difusa torna-se referência, apontando para uma atmosfera mais suave e controlada.

Figura 62 - Esquiços



Identifica-se a possibilidade de estabelecer uma ligação física entre os dois corpos.

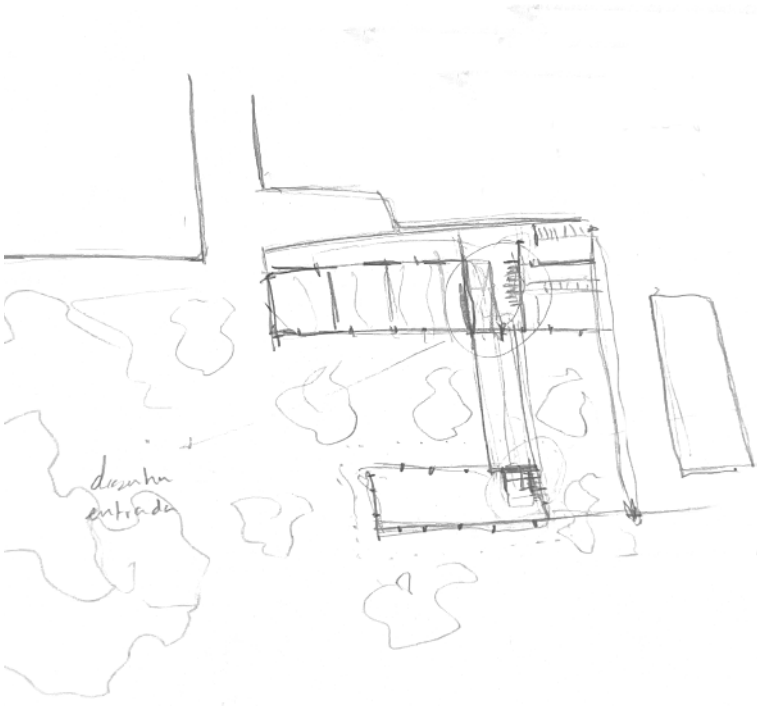


Figura 63 - Esquiço



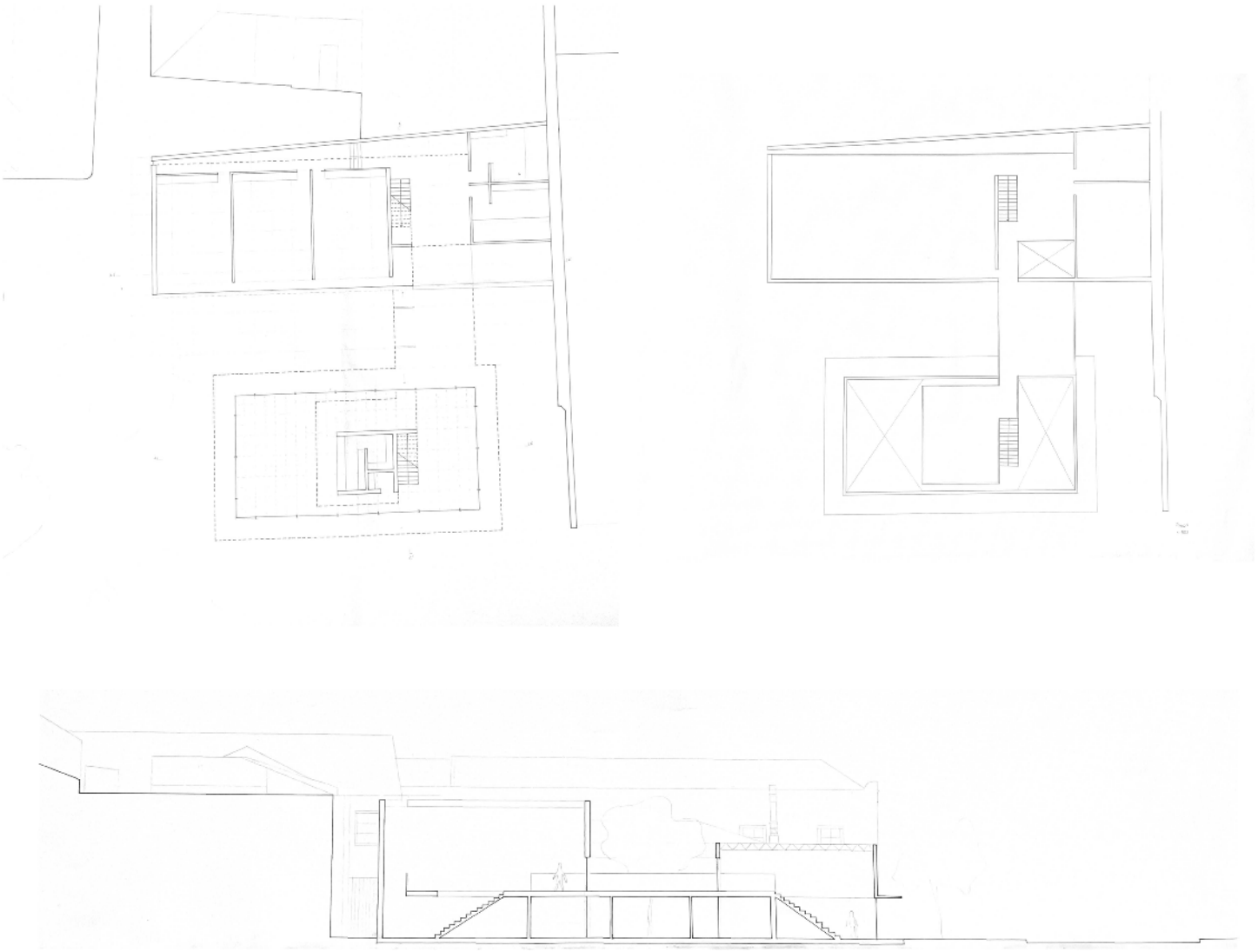
Figura 64 - Esquiços

Propõe-se, então, uma passagem aérea que, além de unir os edifícios, assume um papel de destaque na entrada principal.

Este elemento interliga o salão ao mezanino do café, estabelecendo uma relação funcional e visual entre ambos.

Nesta fase, introduz-se a métrica de 1,80 m x 1,80 m, que passa a regular toda a composição e a estrutura do projeto.

Figura 65 - Planta Piso 0, Planta Piso 1 e Corte. Ponto de Situação, dia 14/03/2025



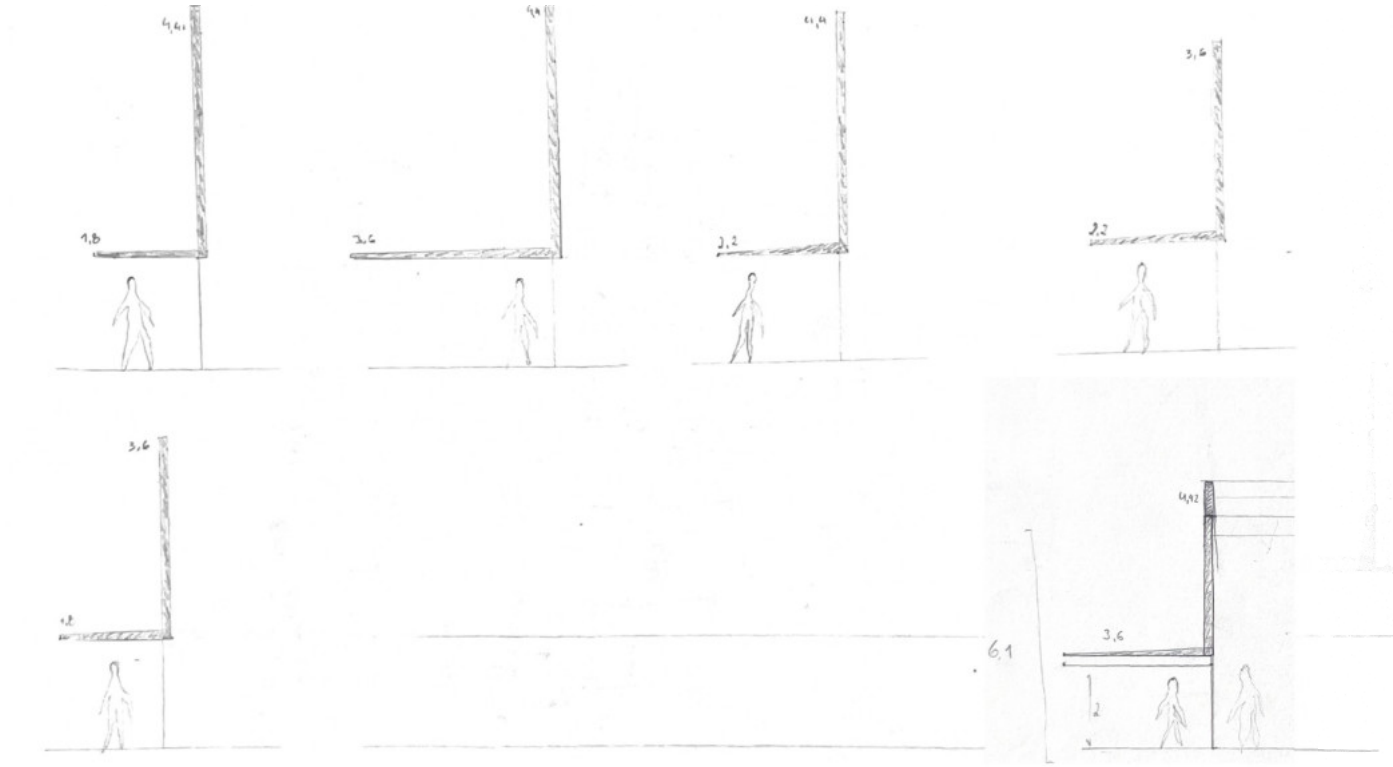


Figura 66 - Esquiços

O Corpo B, o pavilhão, ganha maior expressão volumétrica através das fachadas envidraçadas, que reforçam a transparência e a continuidade com o espaço público.

O piso térreo torna-se permeável, abrindo travessias e criando um espaço coberto em todo o perímetro através de uma pala contínua.

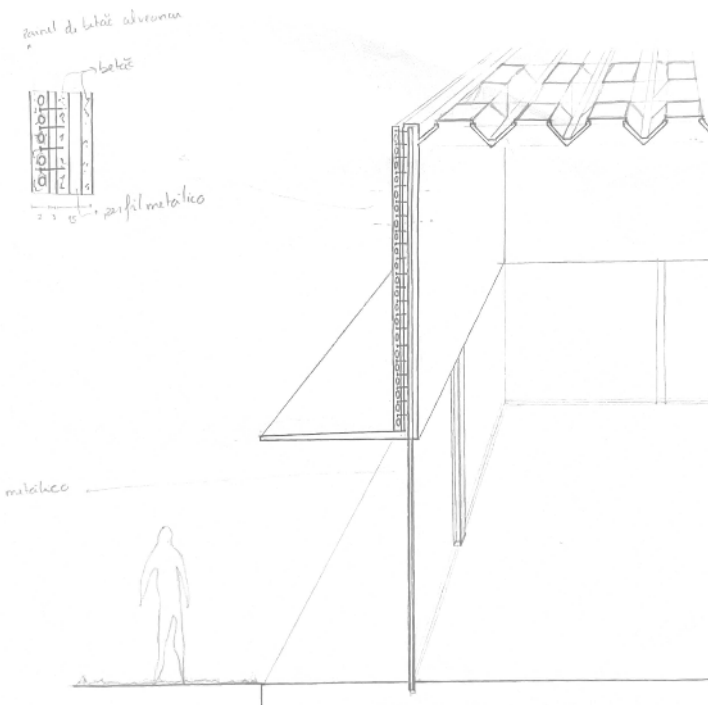
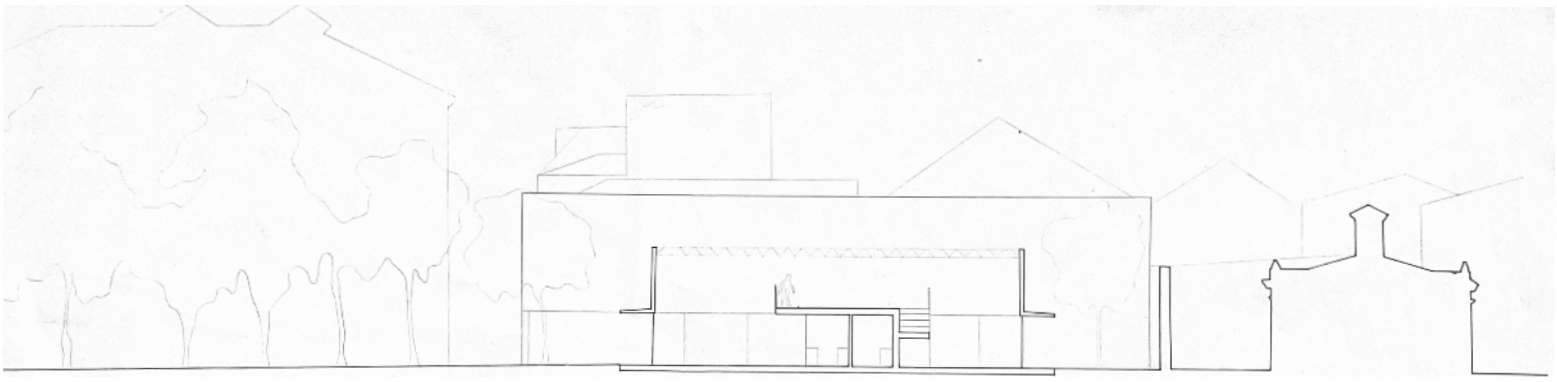
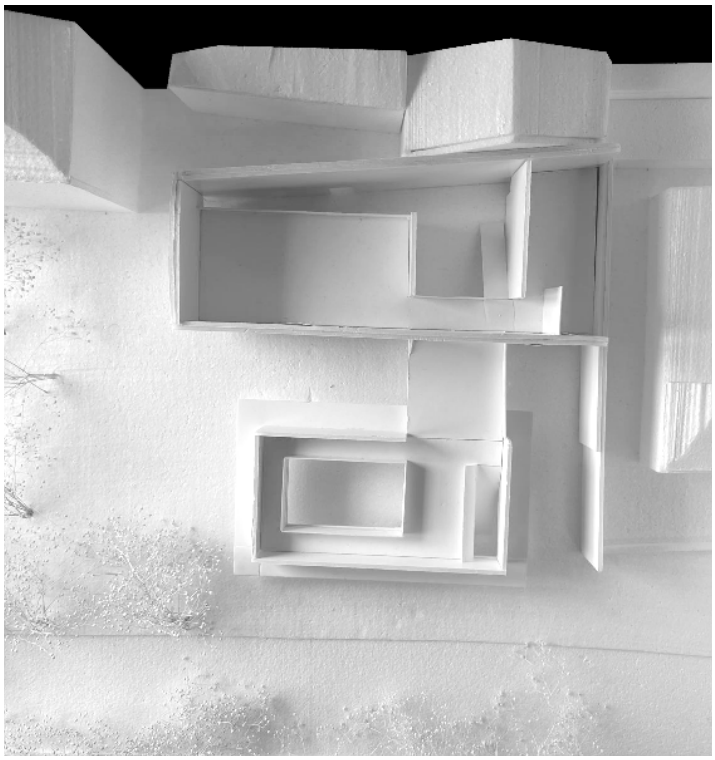


Figura 67 - Corte Perspetivado. Ponto de Situação, dia 14/03/2025

Figura 68 - Corte. Ponto de Situação, dia 14/03/2025





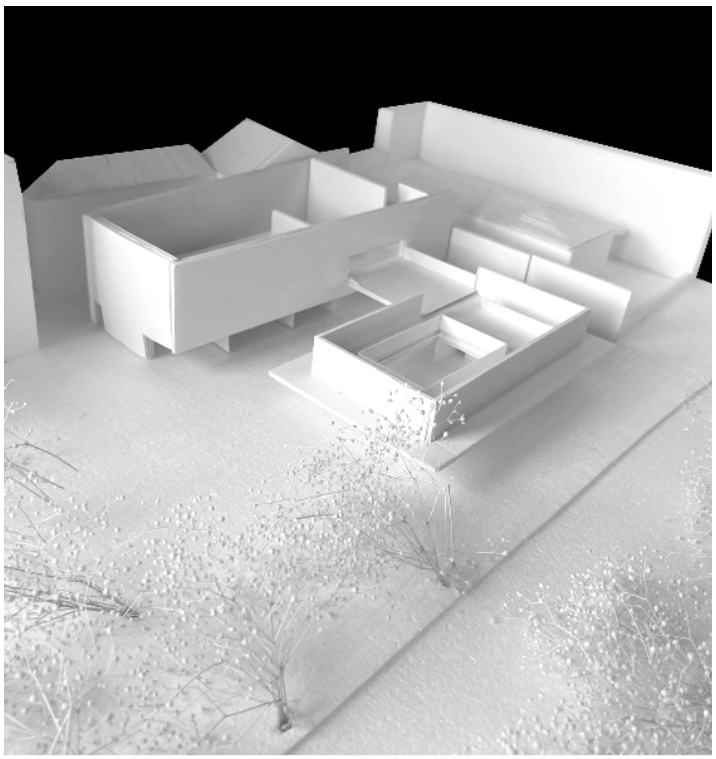


Figura 69 - Maquete 1/100. Ponto de Situação, dia 07/05/2025

O pavilhão, corpo B, adota uma planta livre, libertando as fachadas envidraçadas e reforçando a ideia de transparência.

A pala passa a integrar estruturalmente o mezanino, que percorre o perímetro interior e mantém a relação visual entre os dois níveis.

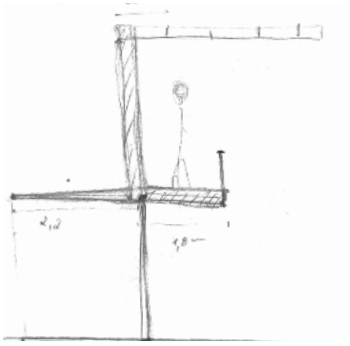
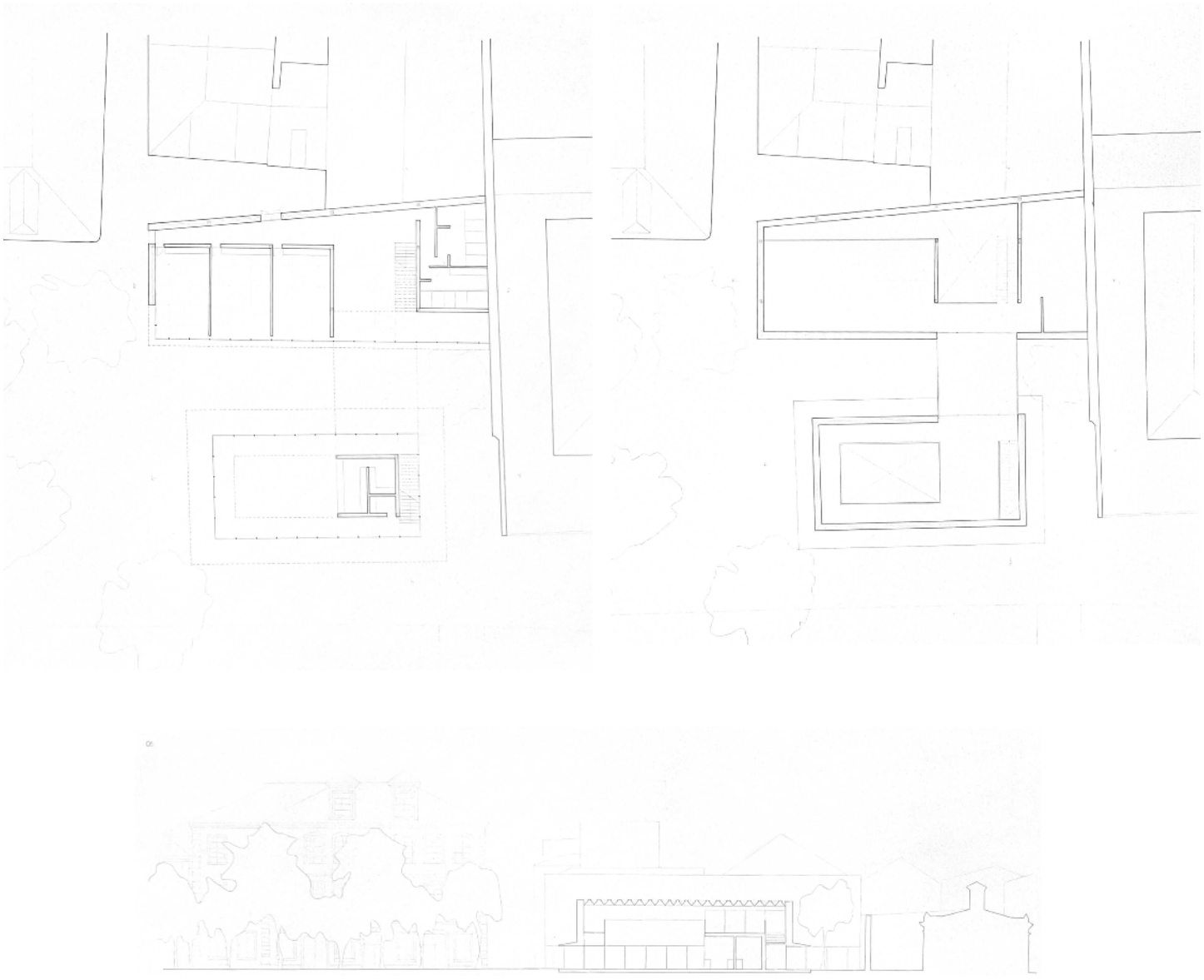


Figura 70 - Esquiço

Figura 71 - Planta Piso 0, Planta Piso 1 e Corte. Ponto de Situação, dia 07/05/2025



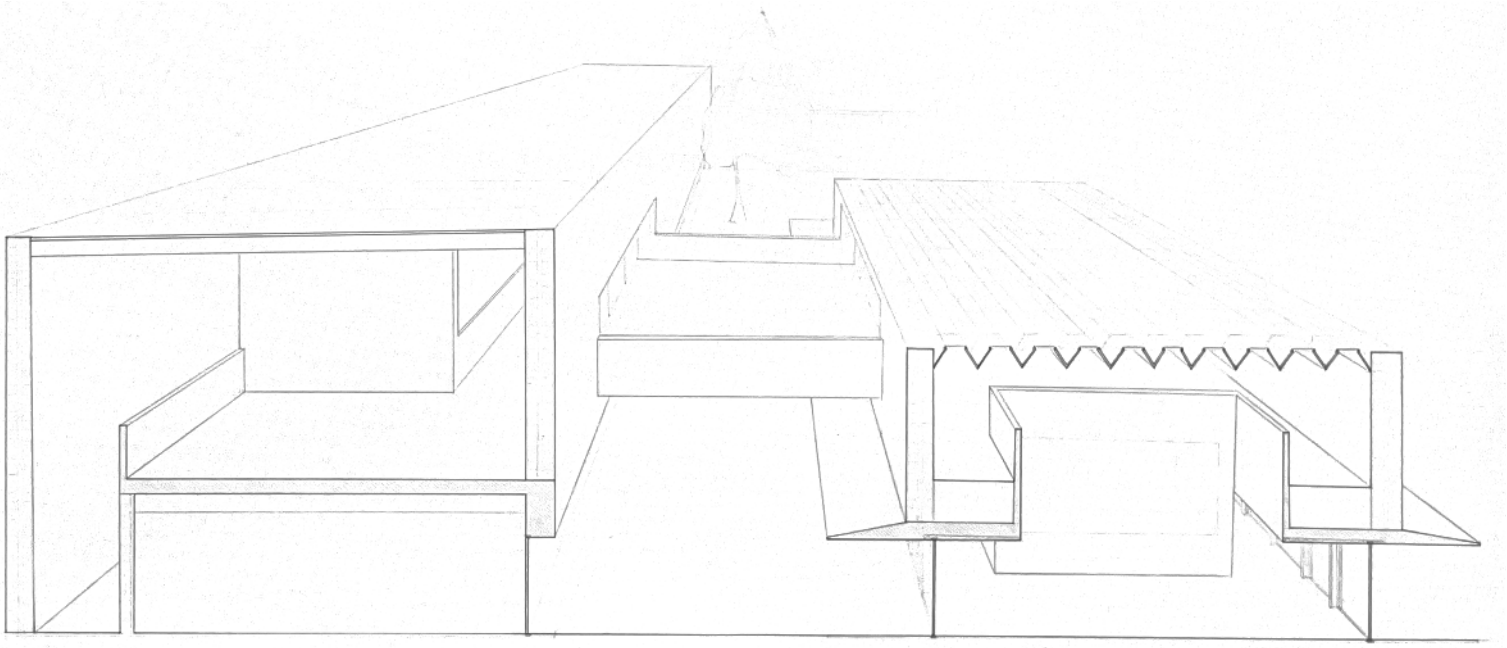


Figura 72 - Corte Perspetivado. Ponto de Situação, dia 07/05/2025

O objetivo é criar no piso térreo espaços abertos e comunicantes com o exterior, onde interior e cidade se confundem, e, no piso superior, promover relações diretas com o piso inferior para promover um aumento da perceção espacial.

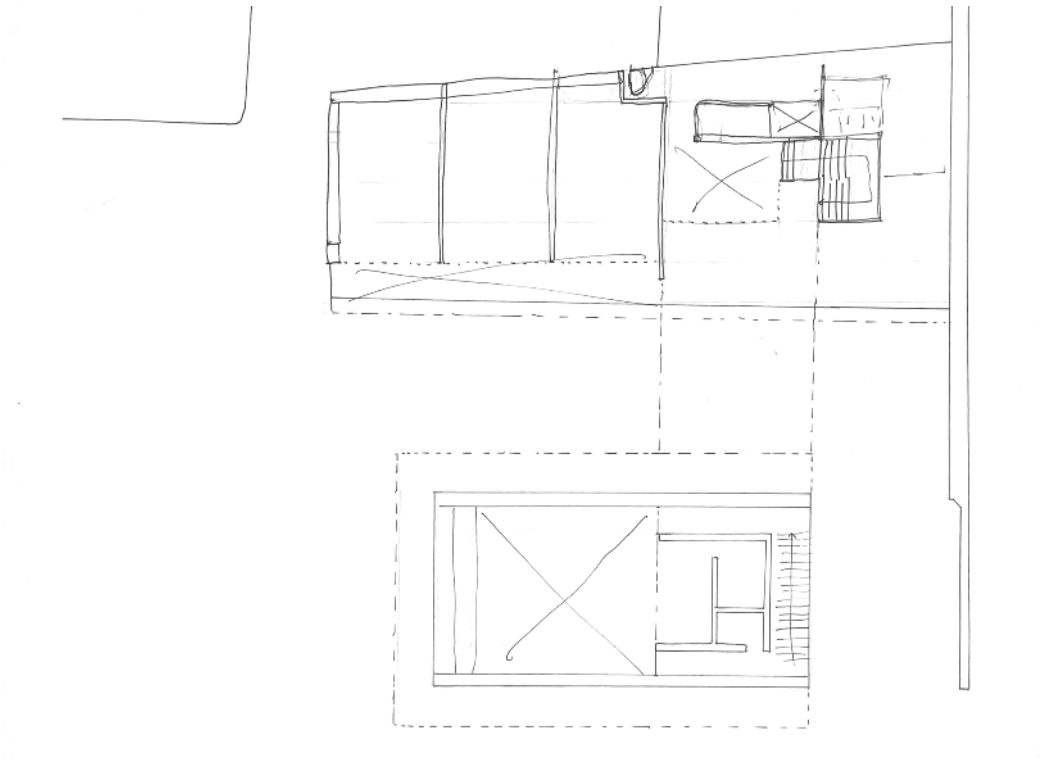
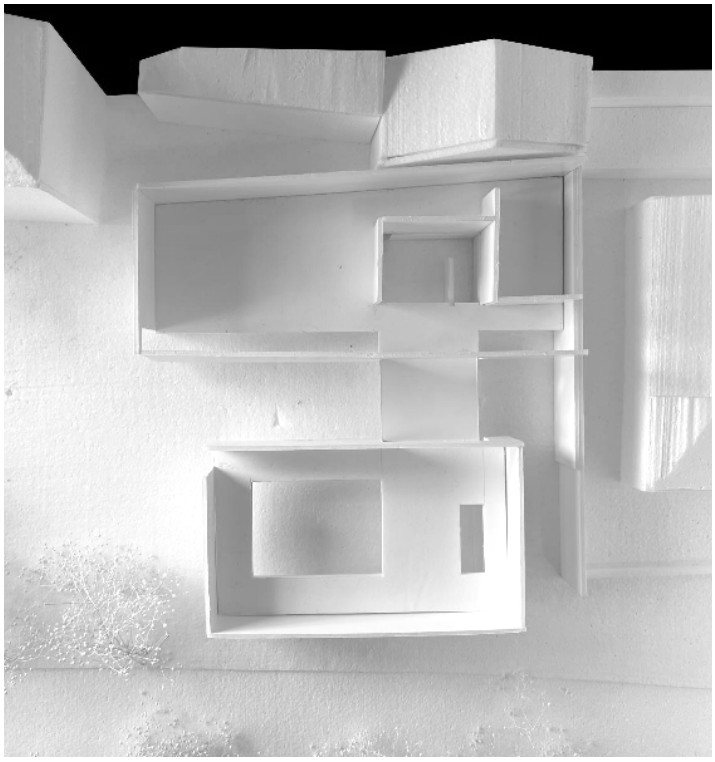
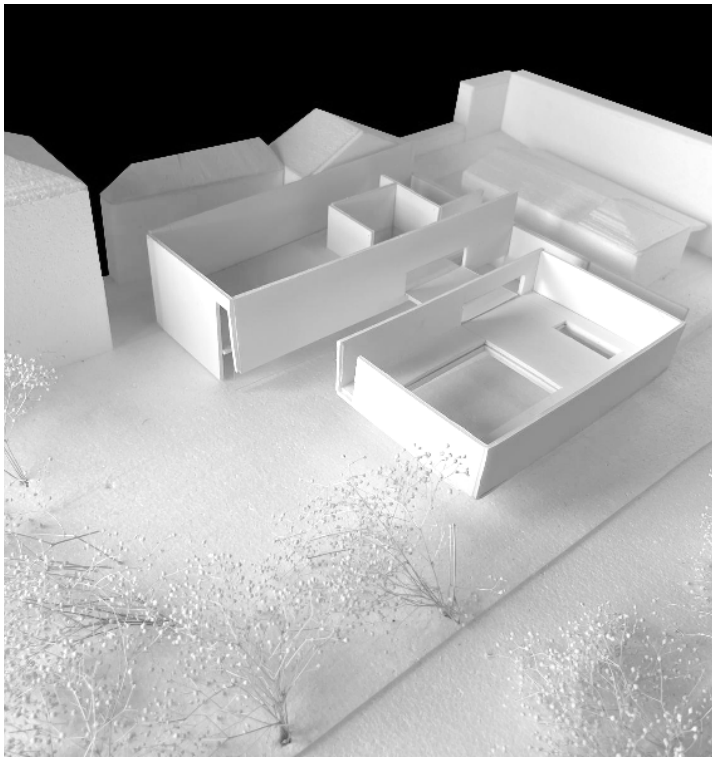


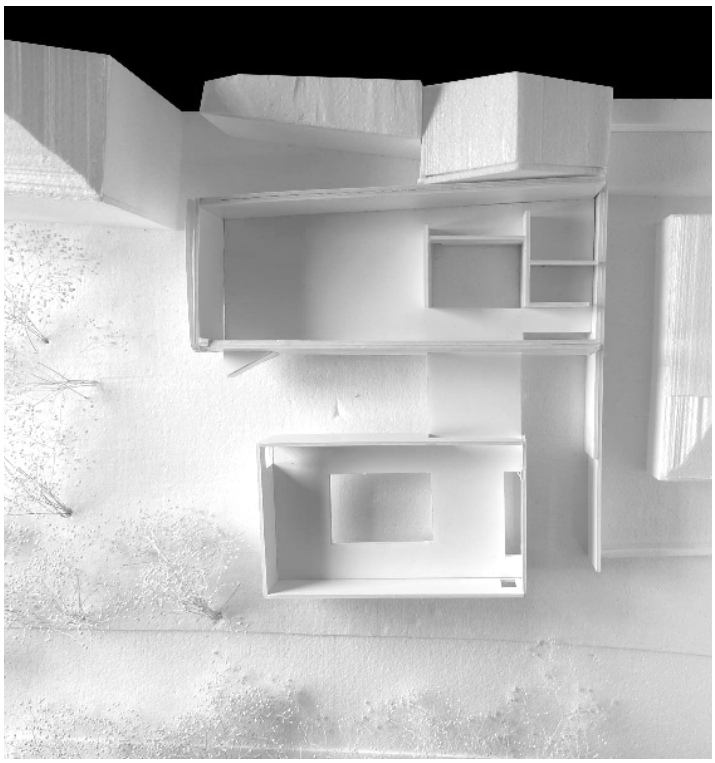
Figura 73 - Esquiço

O Corpo B é reorganizado, introduzindo-se aberturas pontuais no piso superior para estabelecer uma relação mais contida com o exterior, em contraste com a permeabilidade e transparência total do piso térreo.

Figura 74 - Maquete 1/100







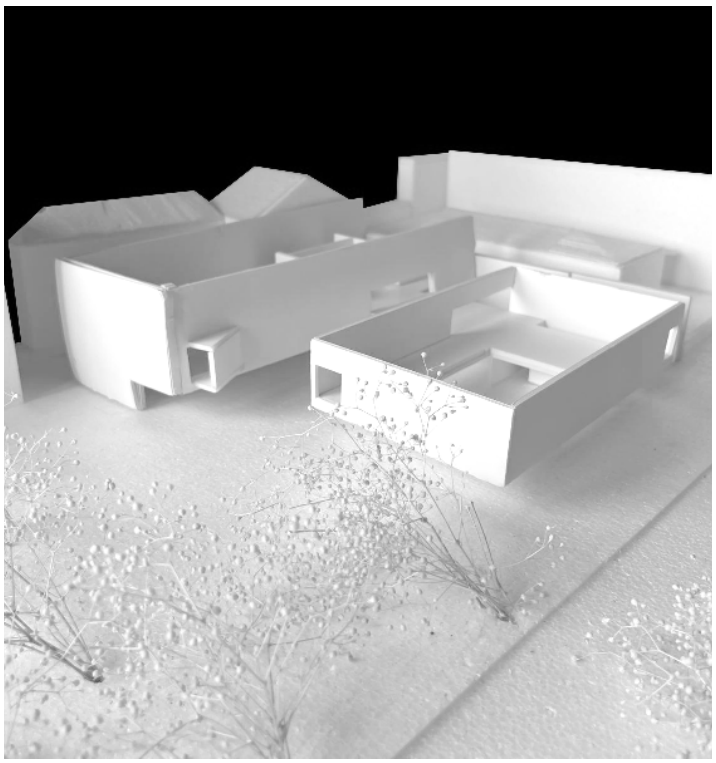


Figura 75 - Maquete 1/100. Ponto de Situação, dia 20/06/2025

A cobertura do Pavilhão é redesenhada para que a luz natural incida apenas sobre o mezanino.

No mesmo, o antigo espaço coberto pela pala dá lugar a um avanço do volume, que agora define o espaço protegido.

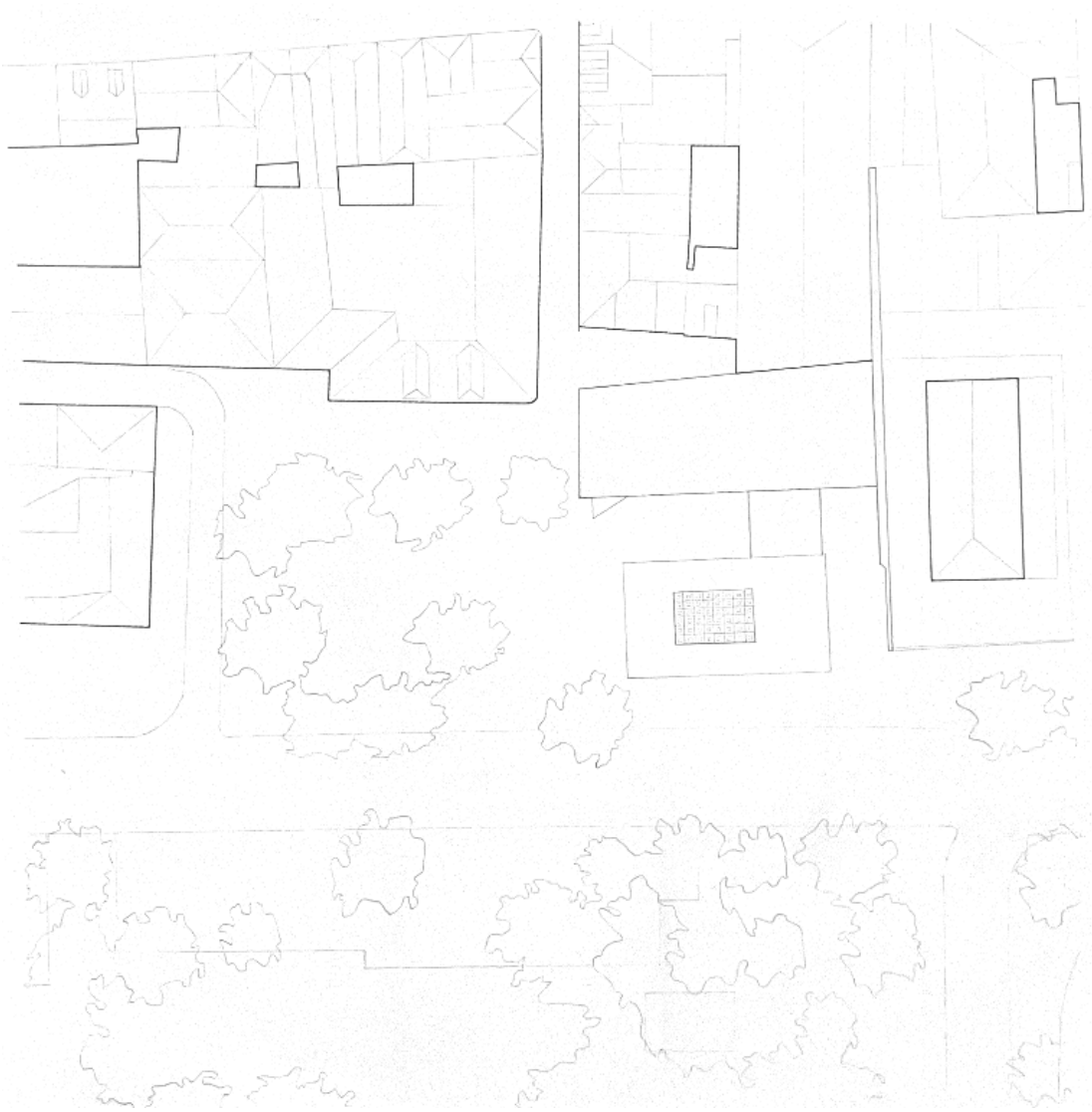
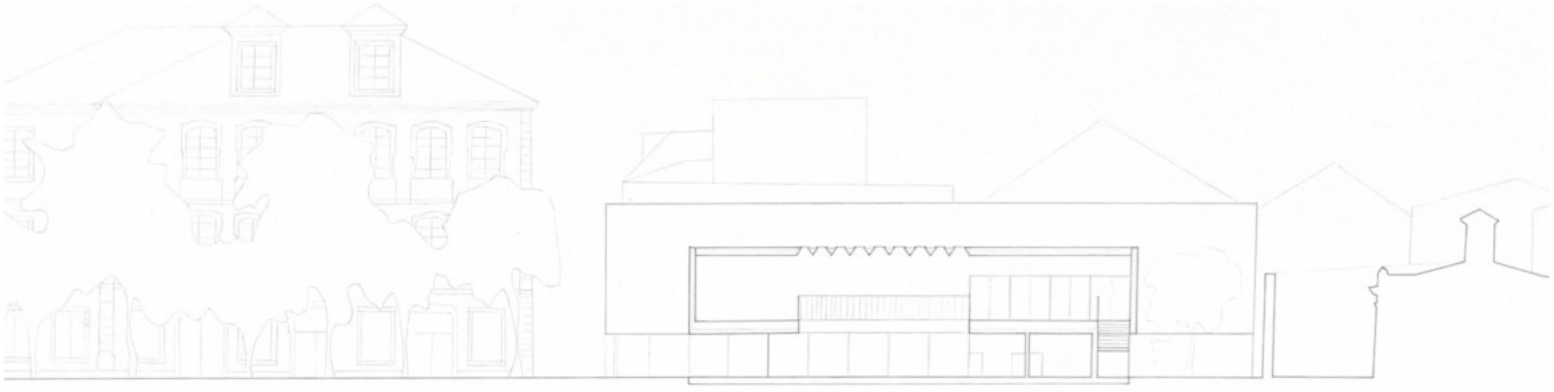


Figura 76 - Planta de Implantação. Ponto de Situação, dia 20/06/2025

Figura 77 - Corte. Ponto de Situação, dia 20/06/2025



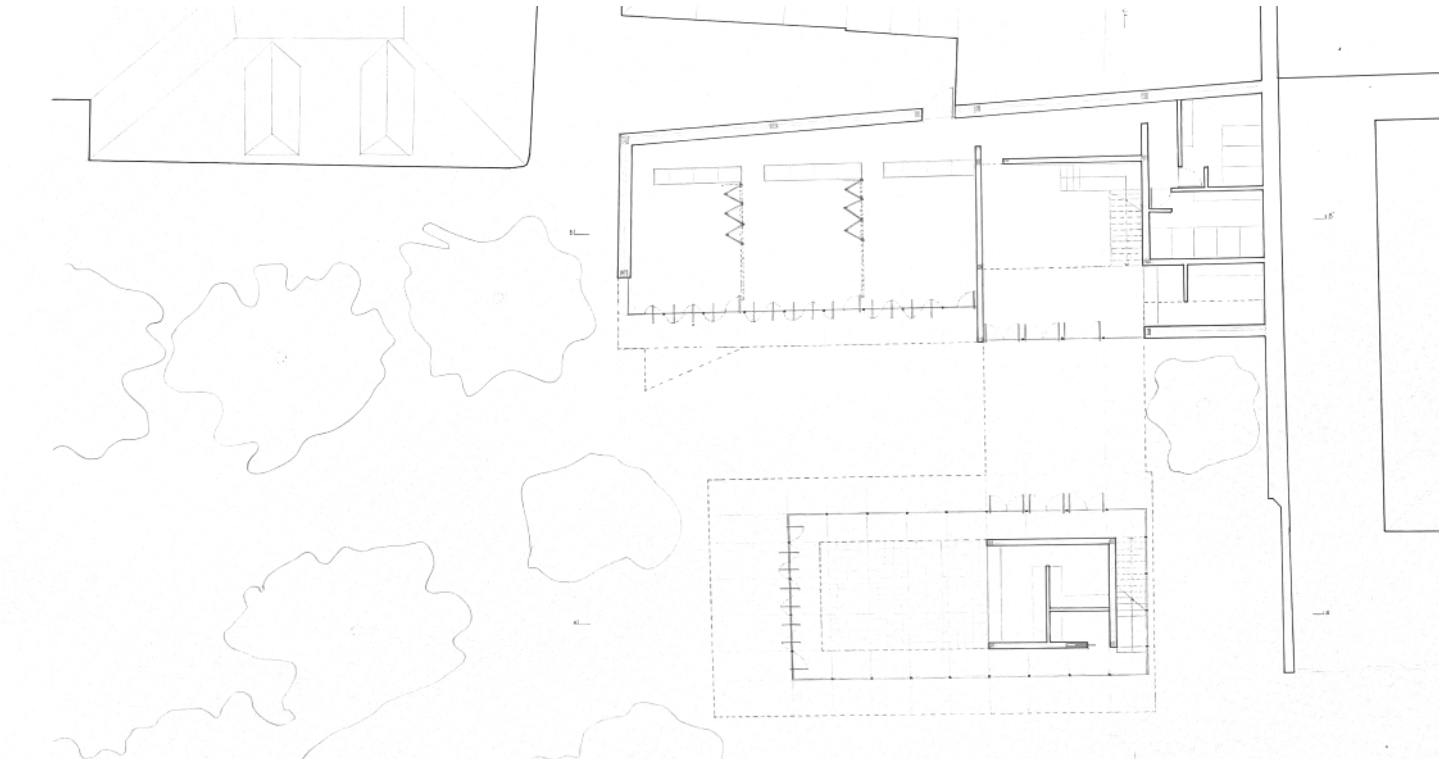
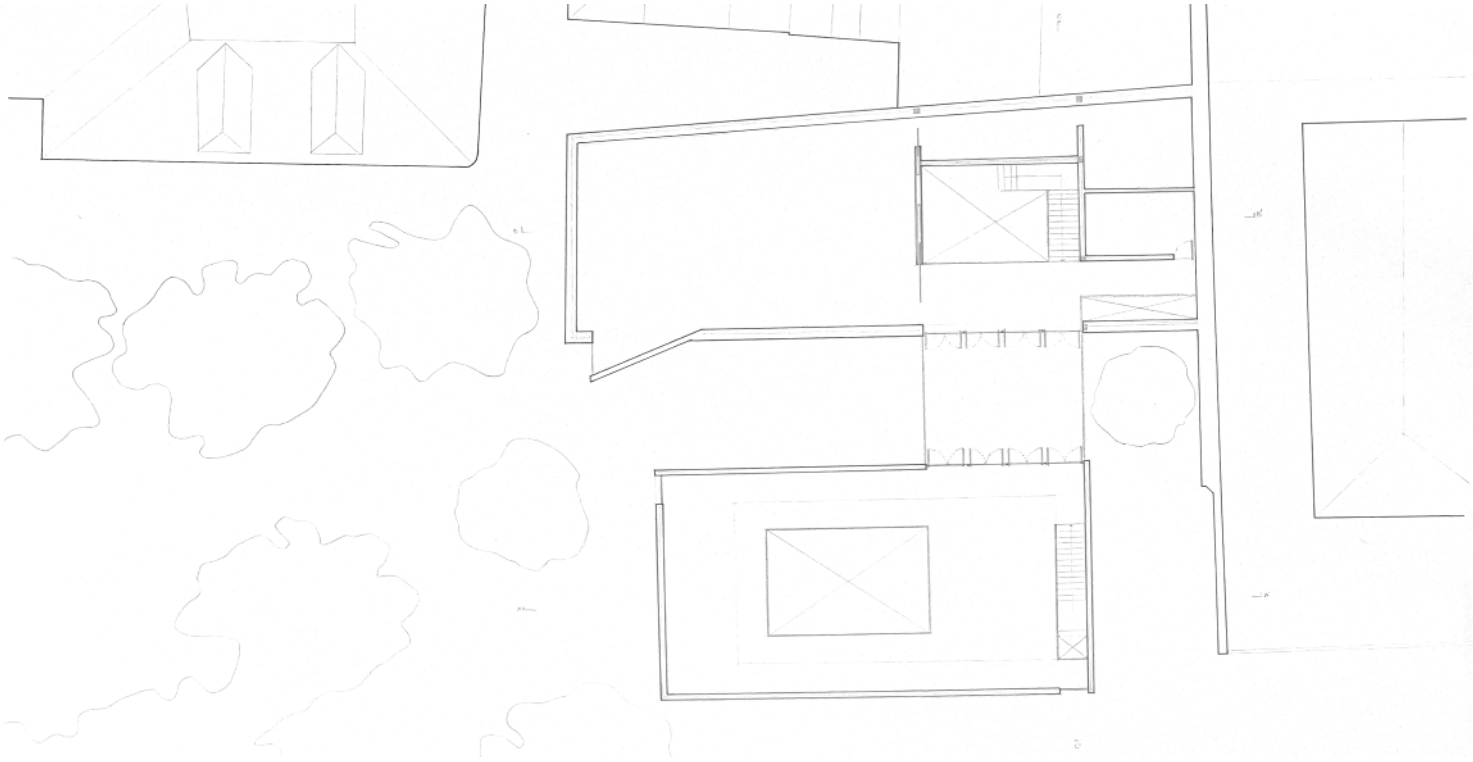


Figura 78 - Planta Piso 0. Ponto de Situação, dia 20/06/2025

O projeto concentra-se na reorganização dos espaços, distinguindo as zonas de serviço das áreas principais, e na comunicação do piso superior com o exterior.

Figura 79 - Planta piso 1. Ponto de Situação, dia 20/06/2025



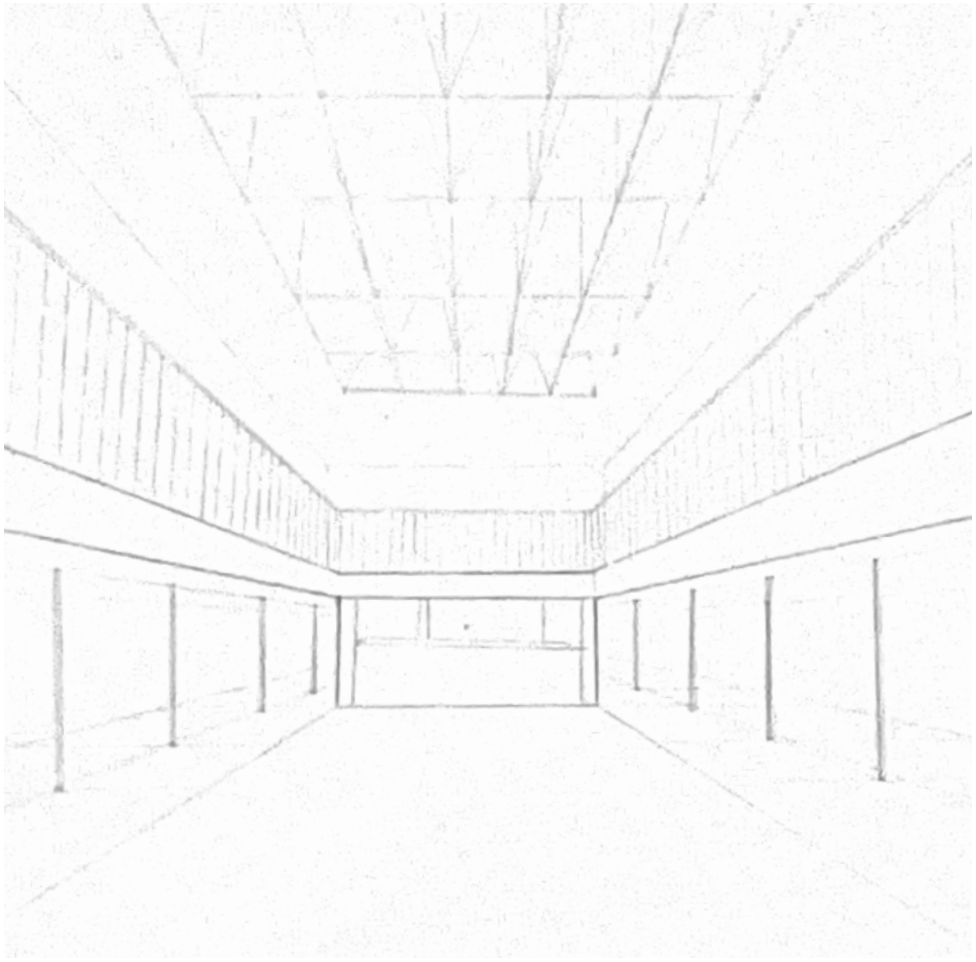


Figura 80 - Esquiço

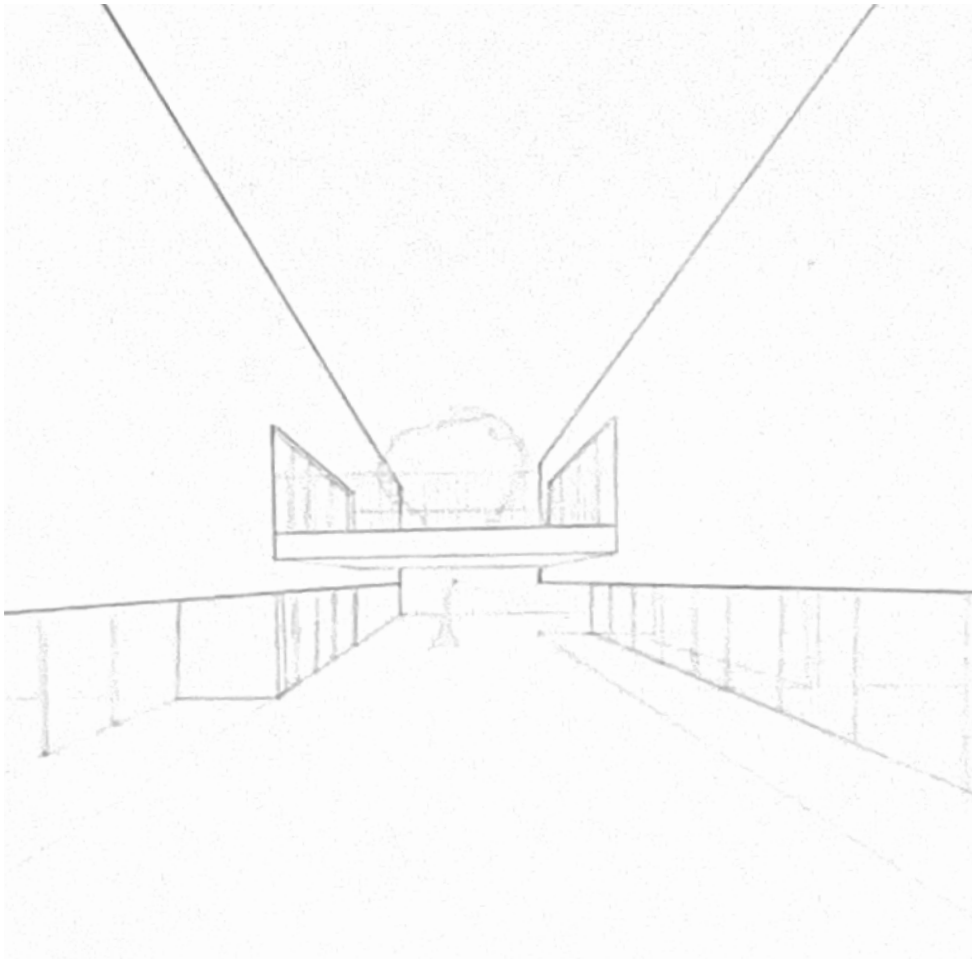


Figura 81 - Esquiço

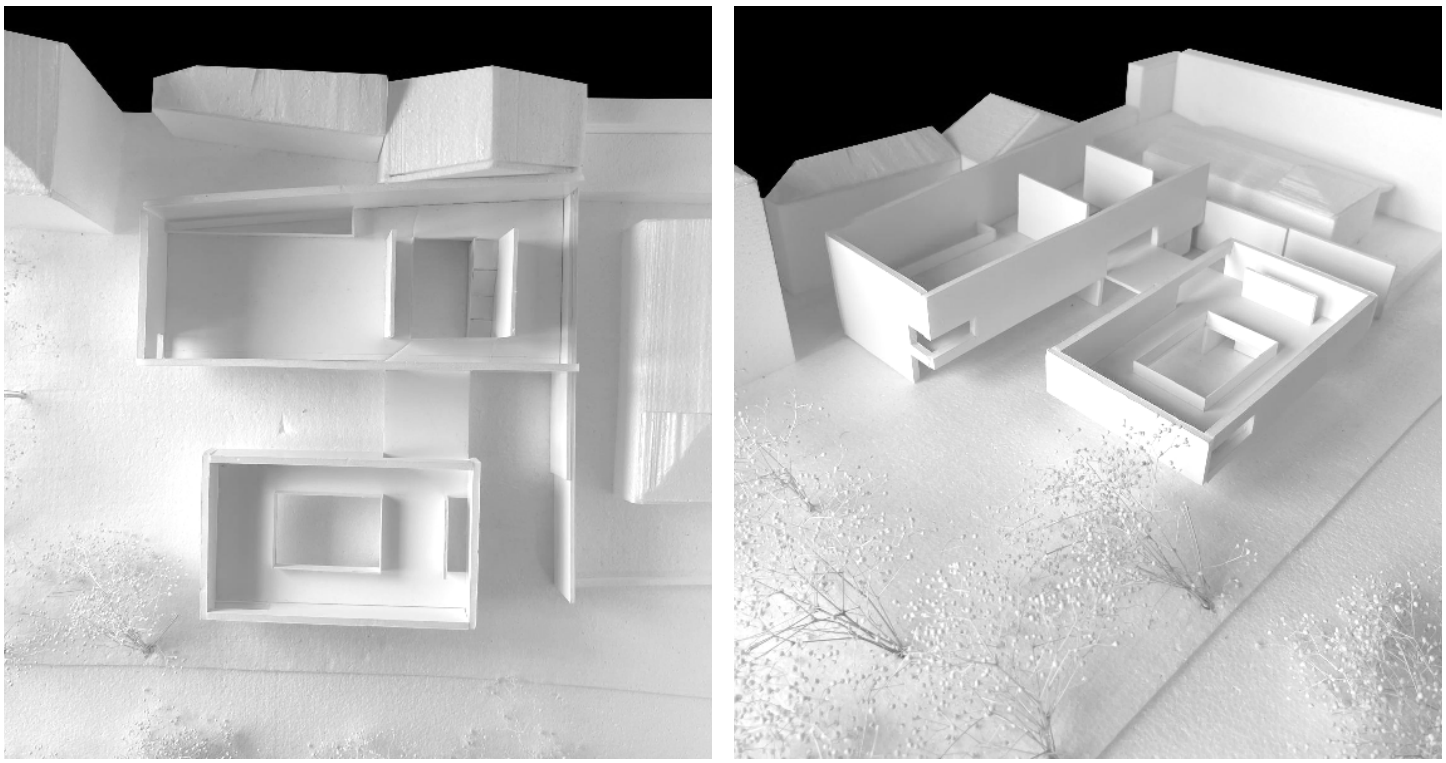


Figura 82 - Maquete 1/100

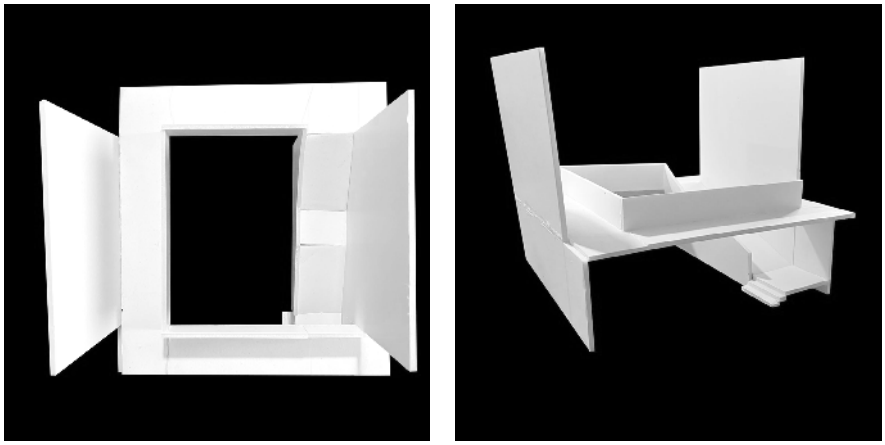


Figura 83 - Maquete 1/50

O átrio é reorganizado com o intuito de reforçar a relação entre os dois níveis. Adota-se um princípio semelhante ao do pavilhão, permitindo circular em torno do mezanino e manter a ligação visual e espacial com o piso inferior.

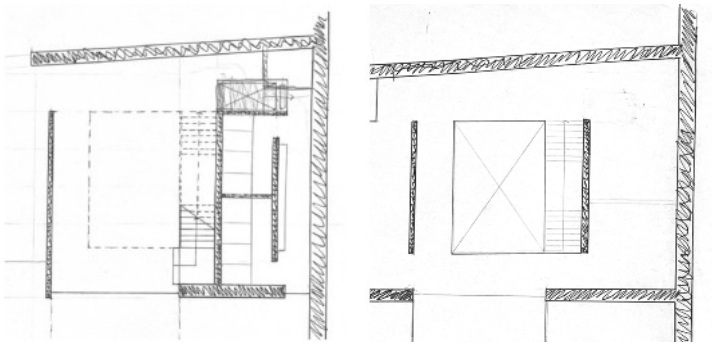
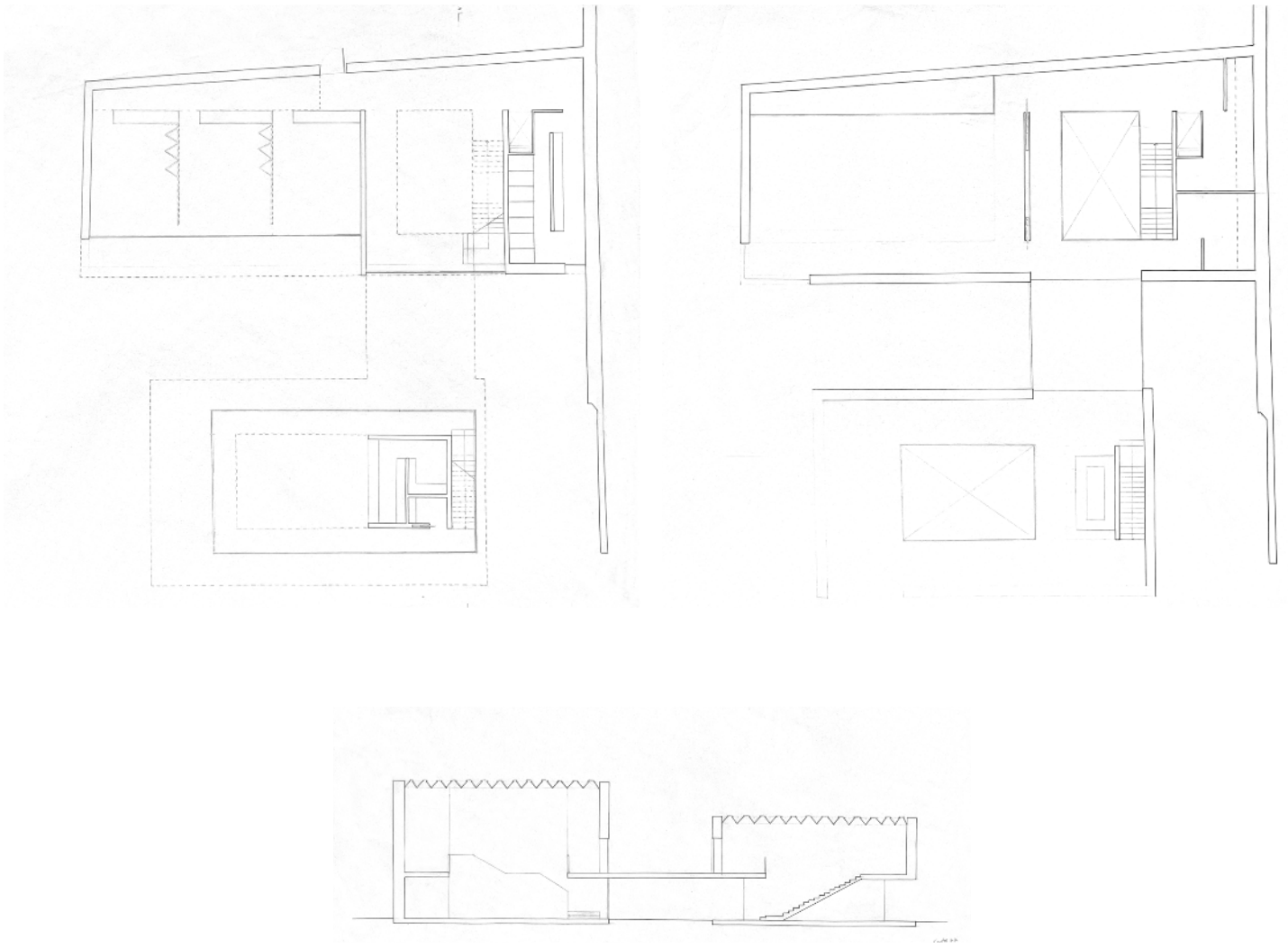


Figura 84 - Esquiço

Figura 85 - Planta Piso 0, Planta Piso 1 e Corte



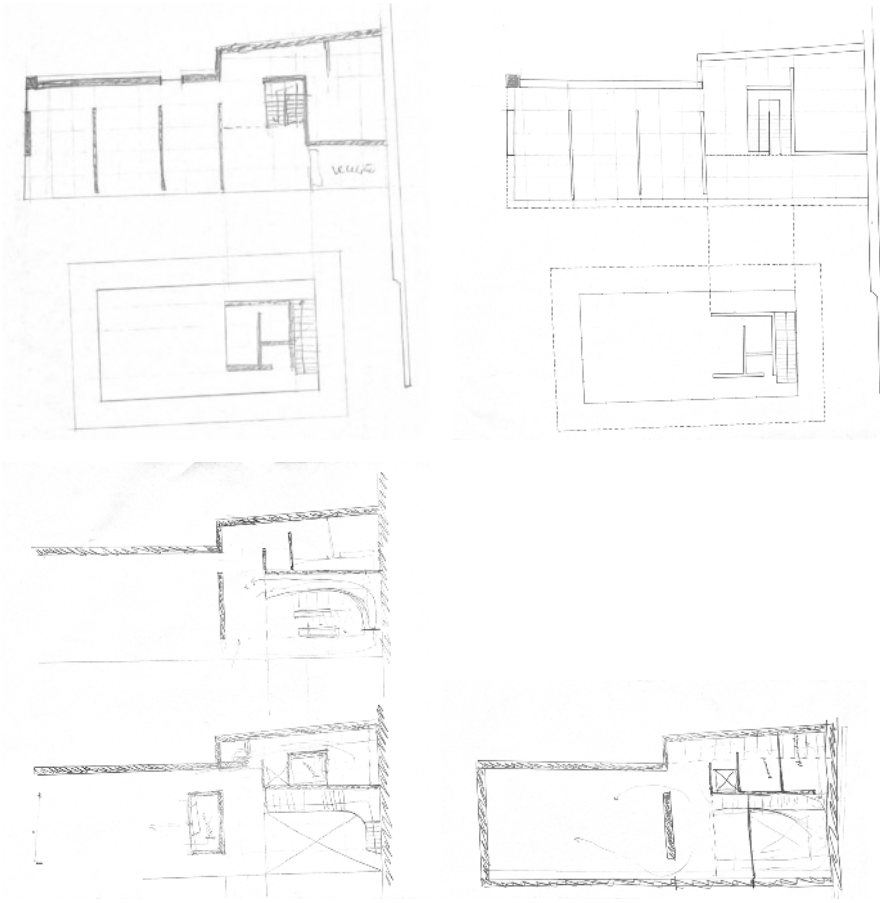
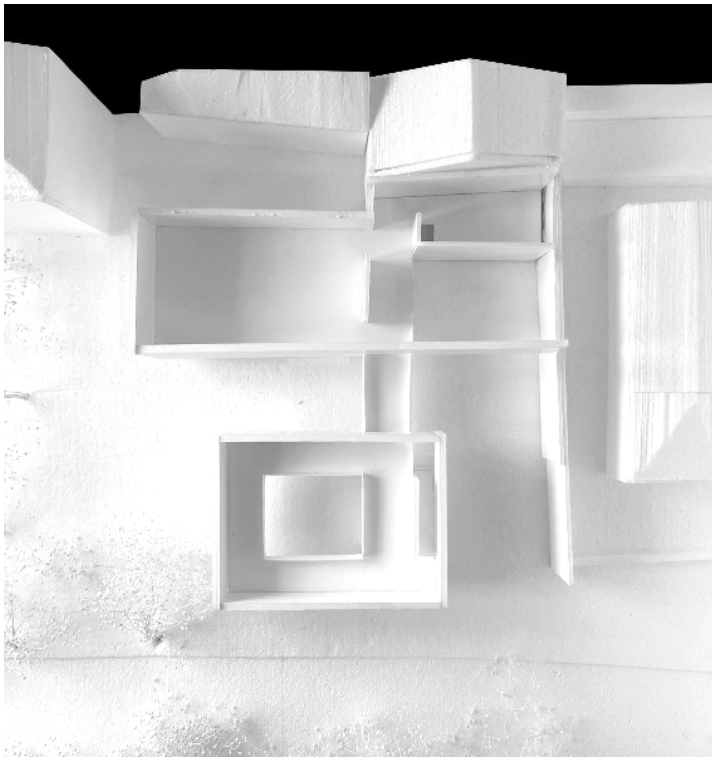
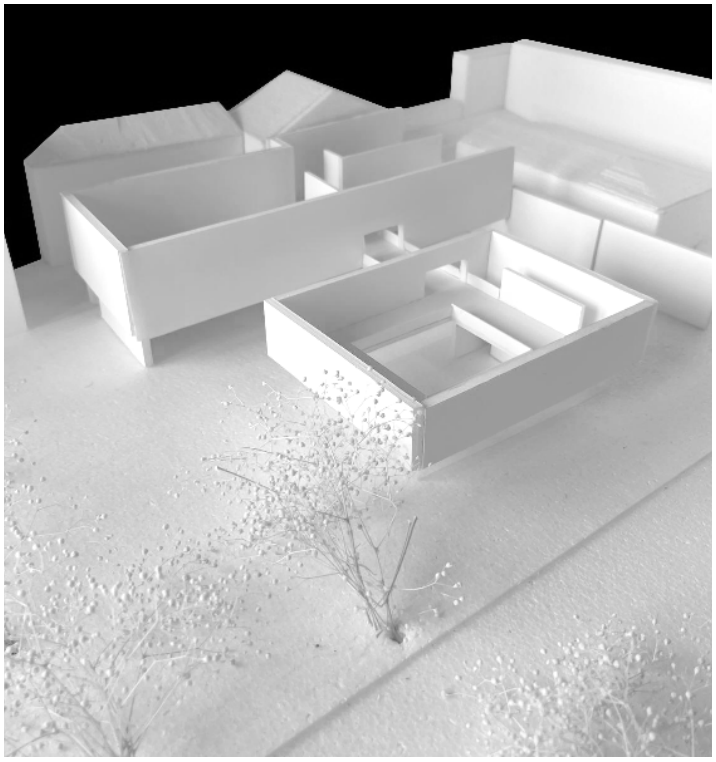


Figura 86 - Esquiços

Figura 87 - Maquete 1/100. Ponto de Situação 28/07/2025

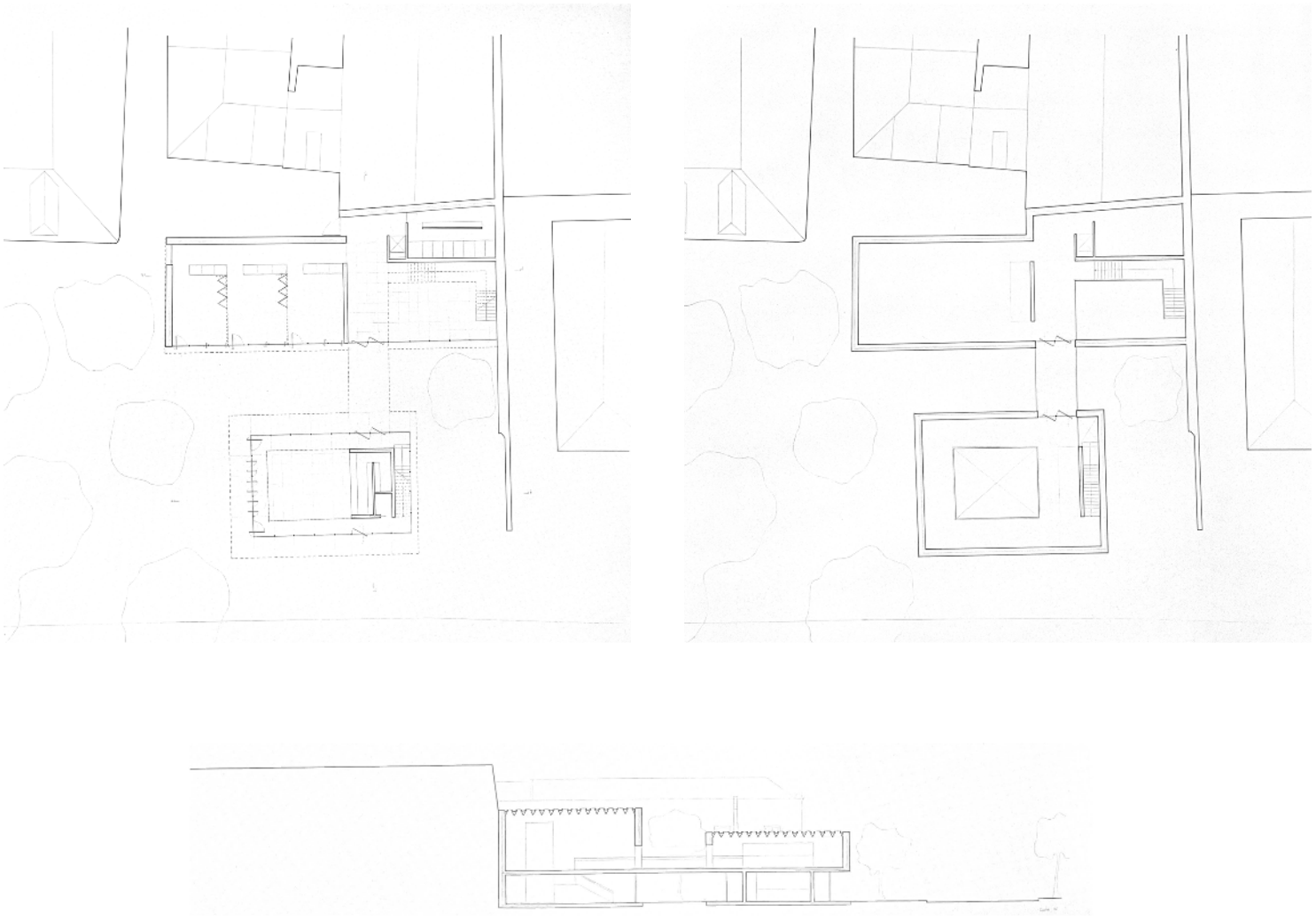




O átrio e o acesso vertical são novamente repensados para atribuir uma maior relevância ao átrio enquanto espaço central do edifício.

A entrada é marcada por um pé-direito mais baixo, em continuidade com a passagem exterior, conduzindo gradualmente ao espaço do átrio, onde o pé-direito se eleva e revela toda a sua amplitude. Este contraste acentua a transição entre o exterior e o interior.

Figura 88 - Planta Piso 0, Planta Piso 1 e Corte. Ponto de Situação 28/07/2025



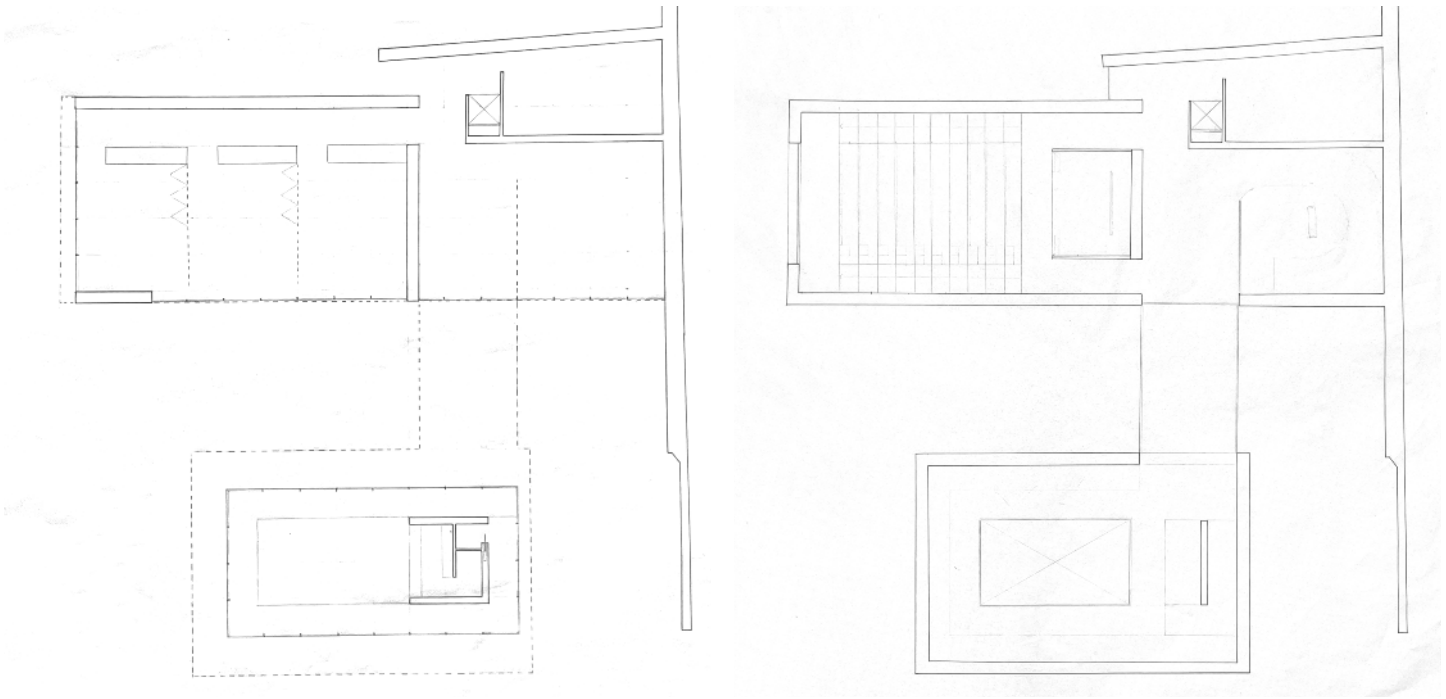
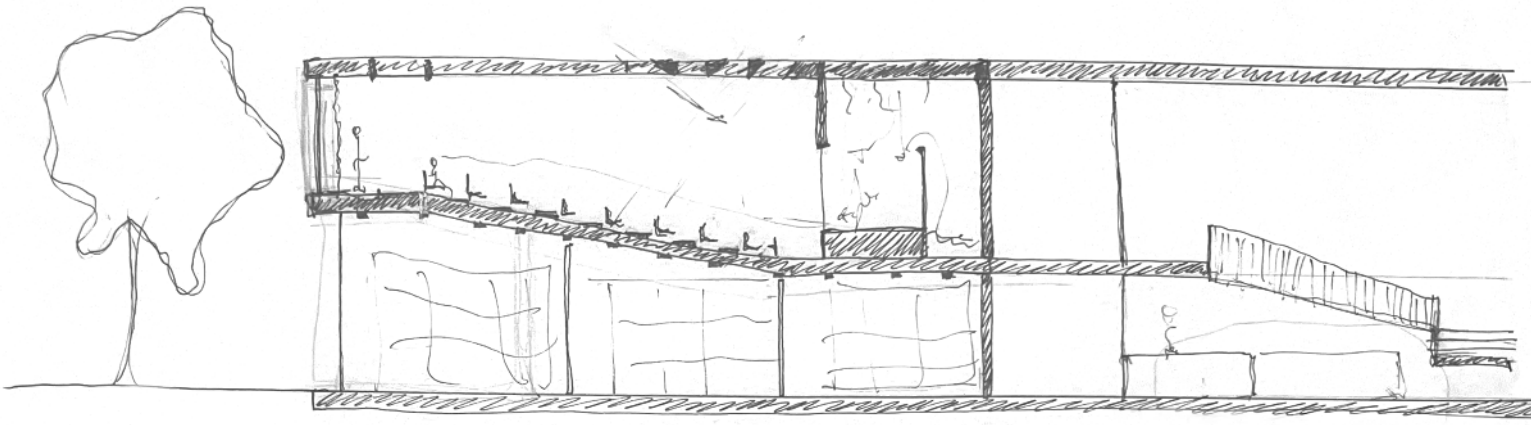


Figura 89 - Planta Piso 0 e Planta Piso 1. Ponto de Situação, dia 17/09/2025

Considera-se a hipótese de transformar o salão em auditório, o que implicaria uma alteração volumétrica significativa. Após estudo dos equipamentos existentes em Setúbal, a ideia é abandonada.

Figura 90 - Esquiço



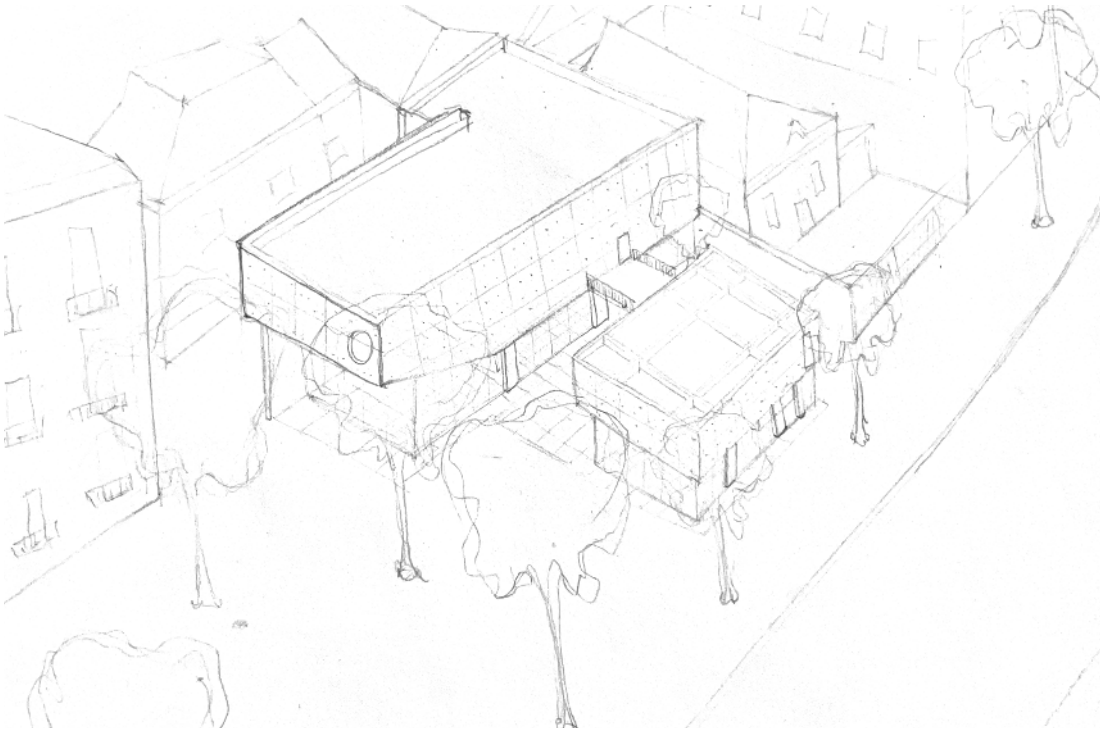


Figura 91 - Esquiço

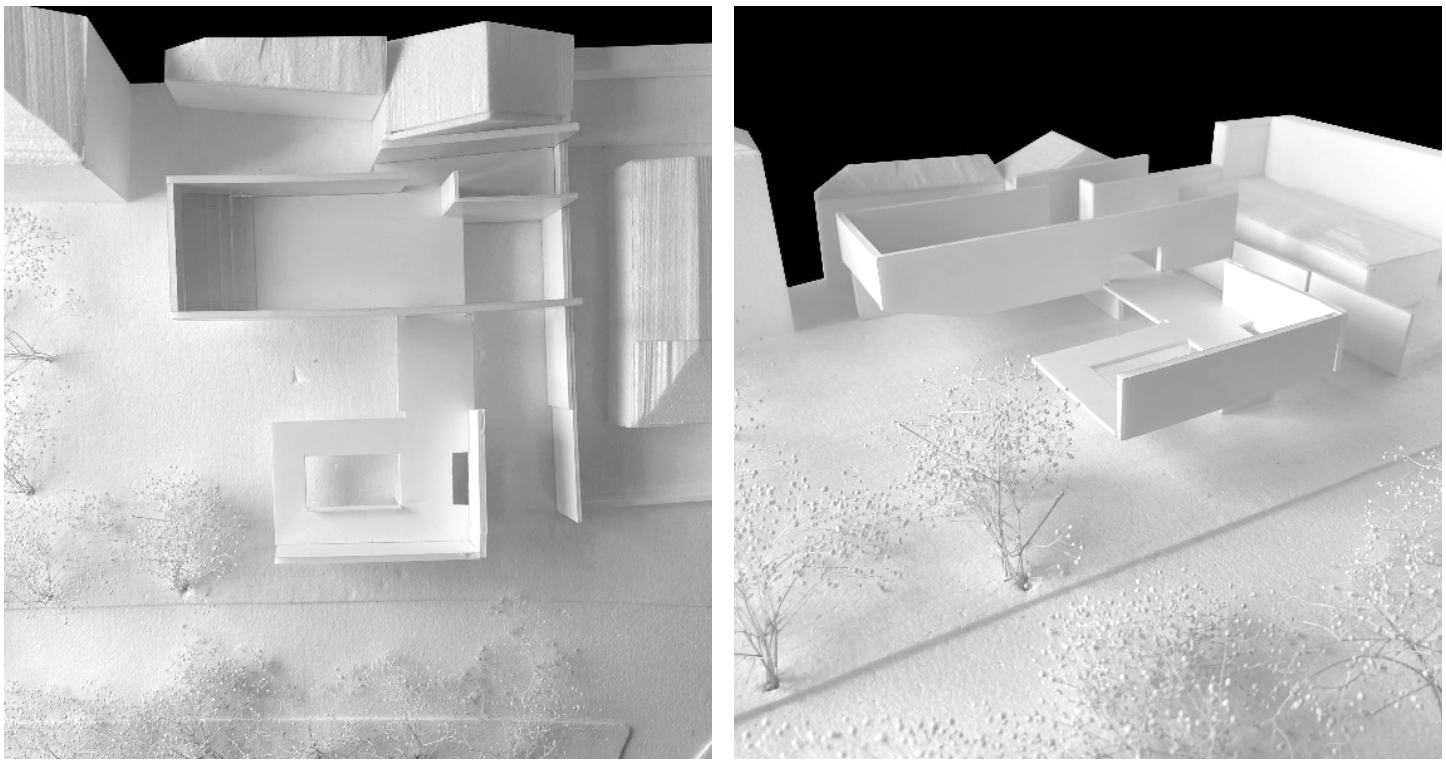
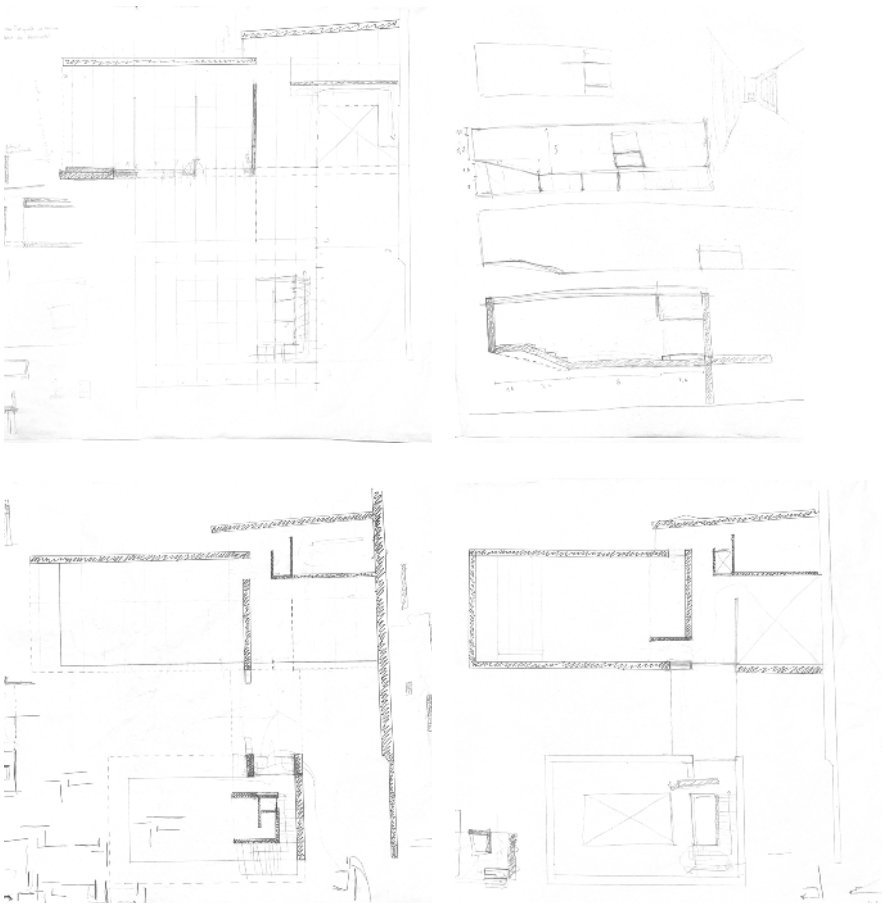


Figura 92 - Maquete 1/100.

Figura 93 - Esquiços



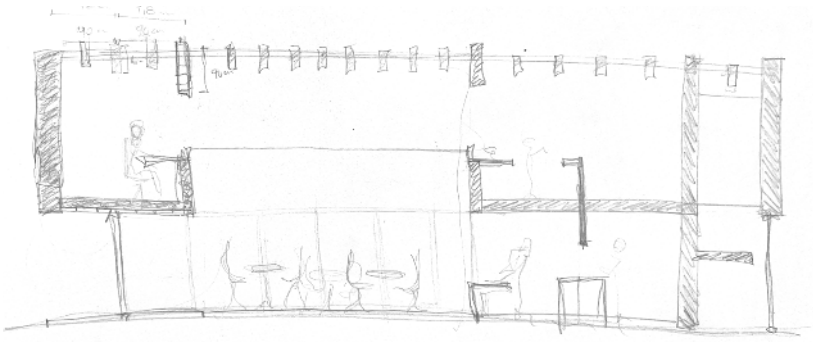
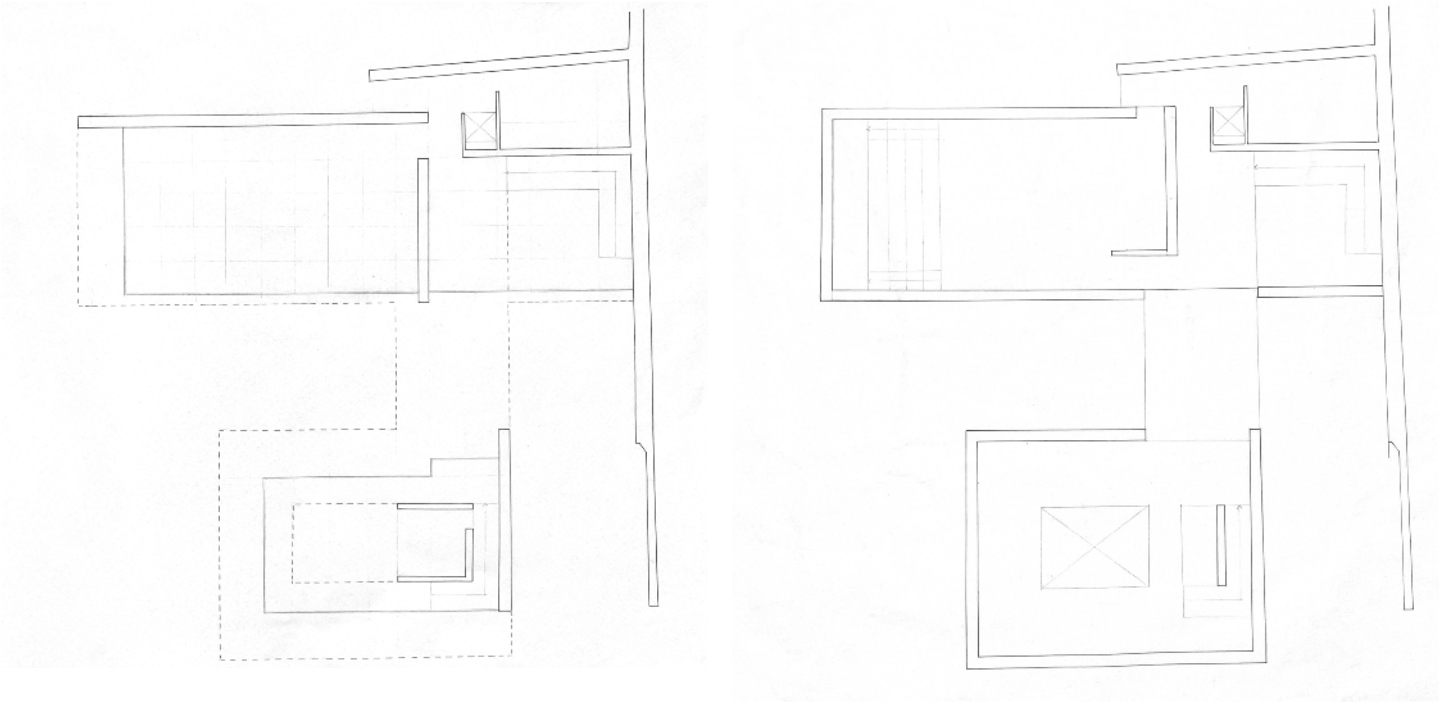


Figura 94 - Esquiço

Ainda assim, manteve-se a intenção de criar um espaço de permanência e reunião, motivo pelo qual se propôs a introdução de uma bancada contínua, que se prolonga até à fachada.

Figura 95 - Planta Piso 0 e Planta Piso 1



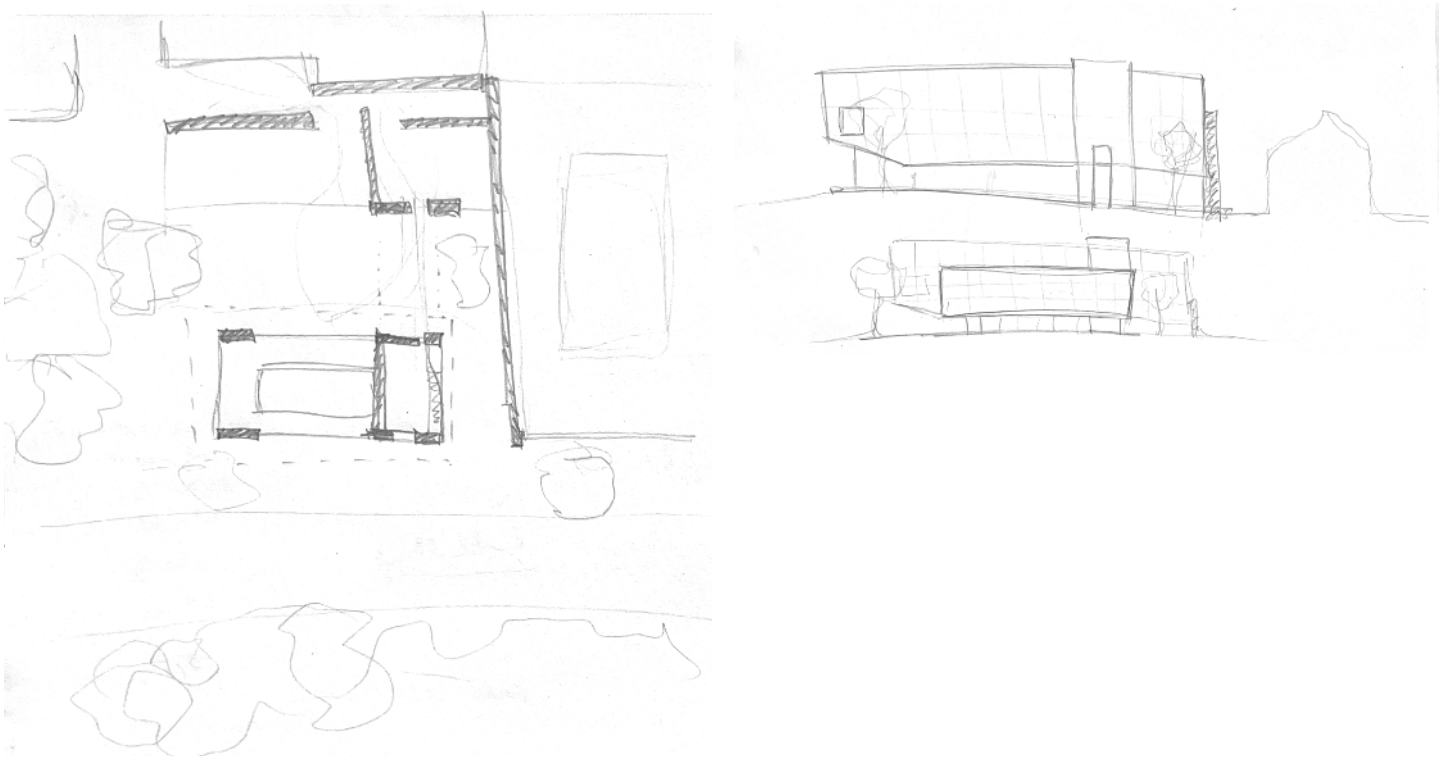
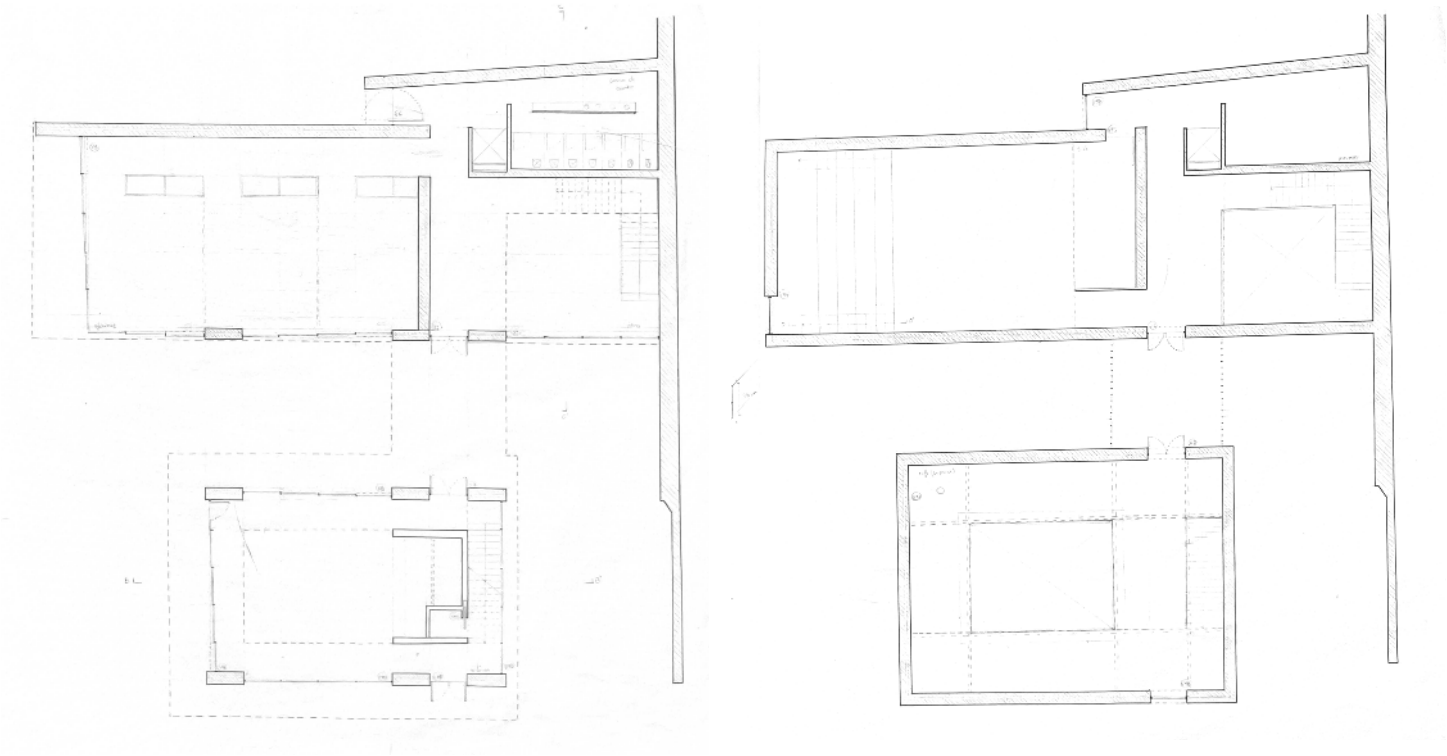


Figura 96 - Esquiços

Com o desenvolvimento, o projeto foca-se na estrutura e na sua expressão material.

Após uma sessão com o engenheiro Fernando Rodrigues, a convite do Professor José Neves, confirma-se a necessidade de apoios verticais no Pavilhão, integrados de forma a não comprometer a transparência do piso térreo.

Figura 97 - Planta Piso 0 e Planta Piso 1. Ponto de Situação, dia 24/09/2025



A materialidade afirma-se com a proposta dos edifícios em betão aparente liso, com fachadas contínuas e grandes planos envidraçados.

Foram realizados ensaios com pigmentos de óxido de ferro, visando a brecha da Arrábida e o contraste com os tons das árvores, mas a opção final recai sobre um betão branco aparente, neutro, que se integra com naturalidade na malha urbana.



Figura 98 - Ensaios realizados



Figura 99 - Betão branco aparente liso - paredes exteriores



Figura 100 - Madeira de Carvalho - pavimento interior do salão e area de estudo/trabalho



Figura 101 - Marmorite in situ - pavimento interior e exterior do piso 0

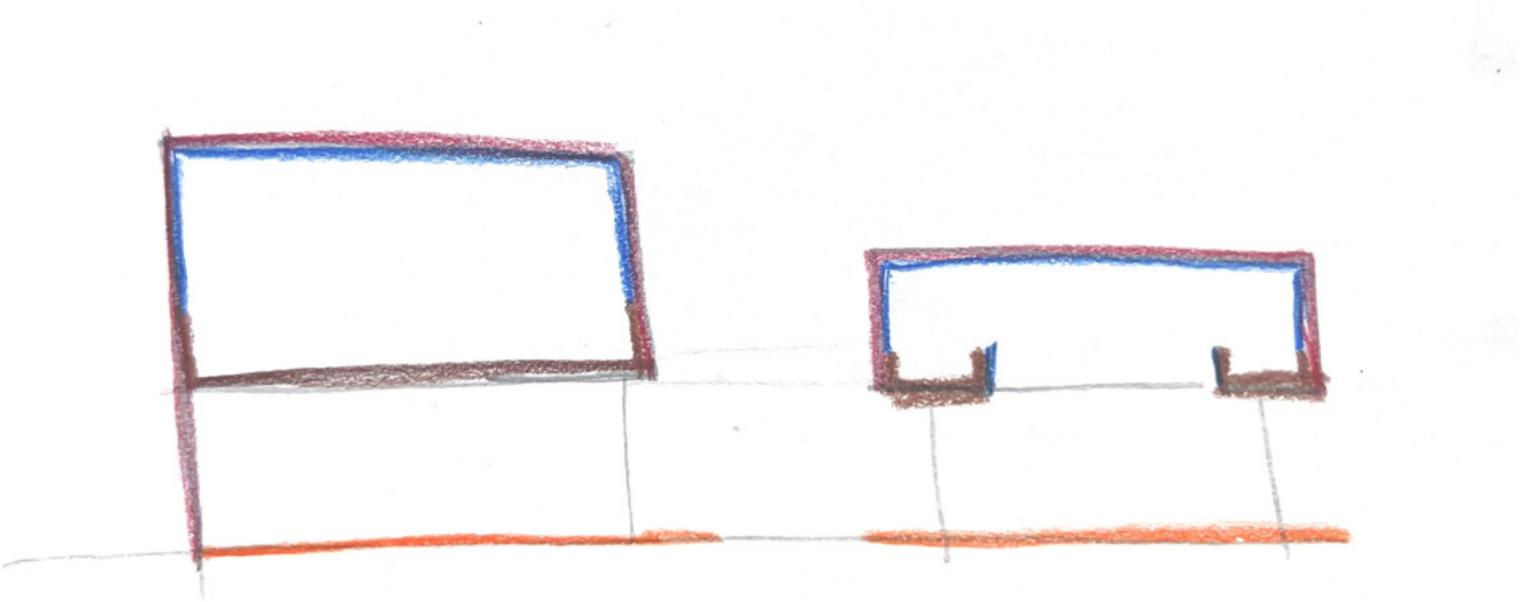


Figura 102 - Esquiço

Enquanto o exterior realça volumes em betão branco aparente liso, sustentados por planos no piso térreo, a ideia evolui para volumes revestidos interiormente por gesso cartonado, no piso superior.

O pavimento nos pisos térreos, em marmorite, mantêm a tonalidade da calçada exterior, reforçando a continuidade entre interior e o espaço público.

Nos pisos superiores, o salão e a área de estudo/trabalho, apresentam um pavimento em soalho de madeira maciça, introduzindo um ambiente mais acolhedor e confortável.

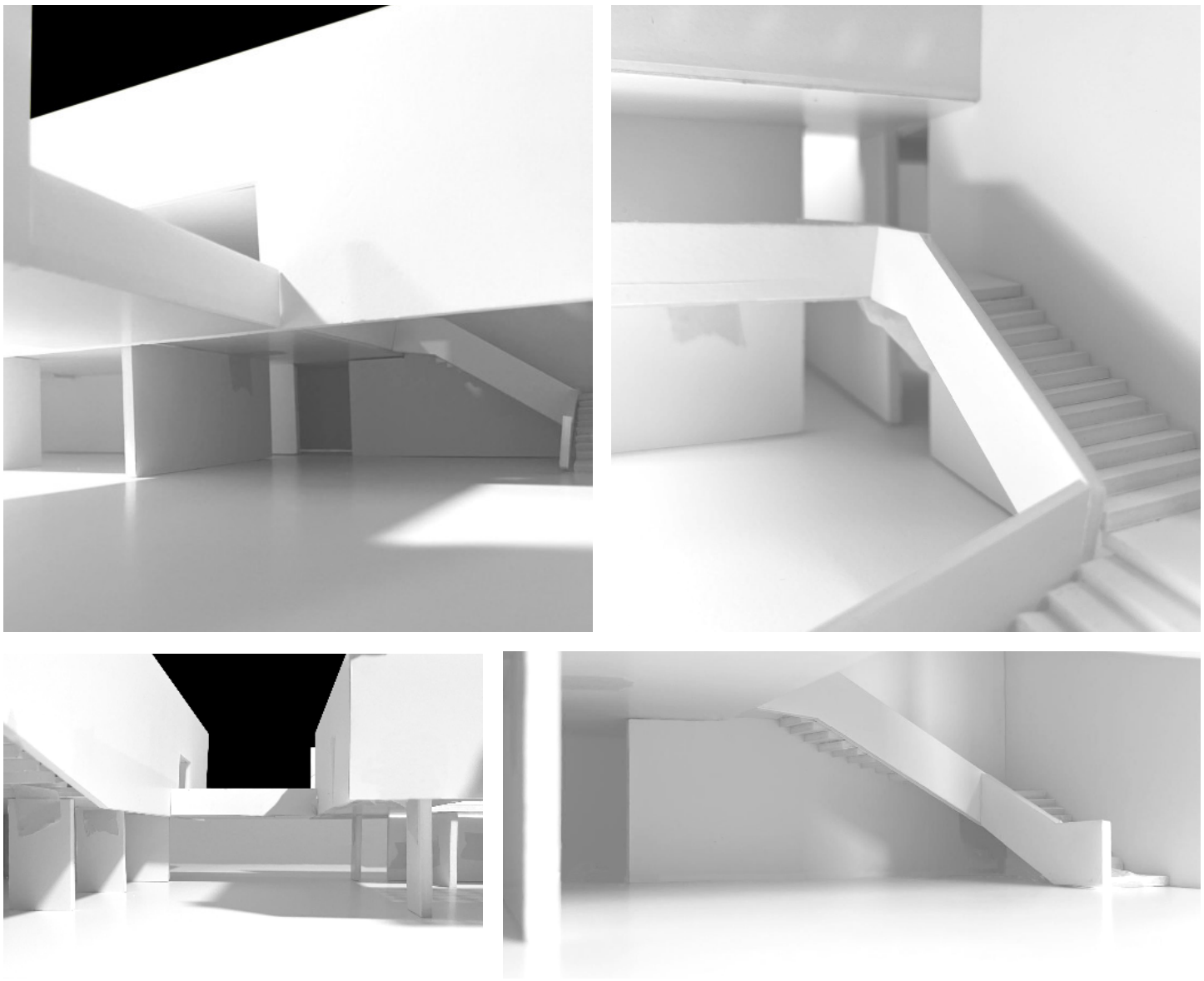


Figura 103 - Maquete 1/50

Os volumes em betão destacam-se, os planos tornam-se legíveis e o piso térreo, transparente, estabelece o diálogo direto com o espaço público.

Figura 104 - Esquiço

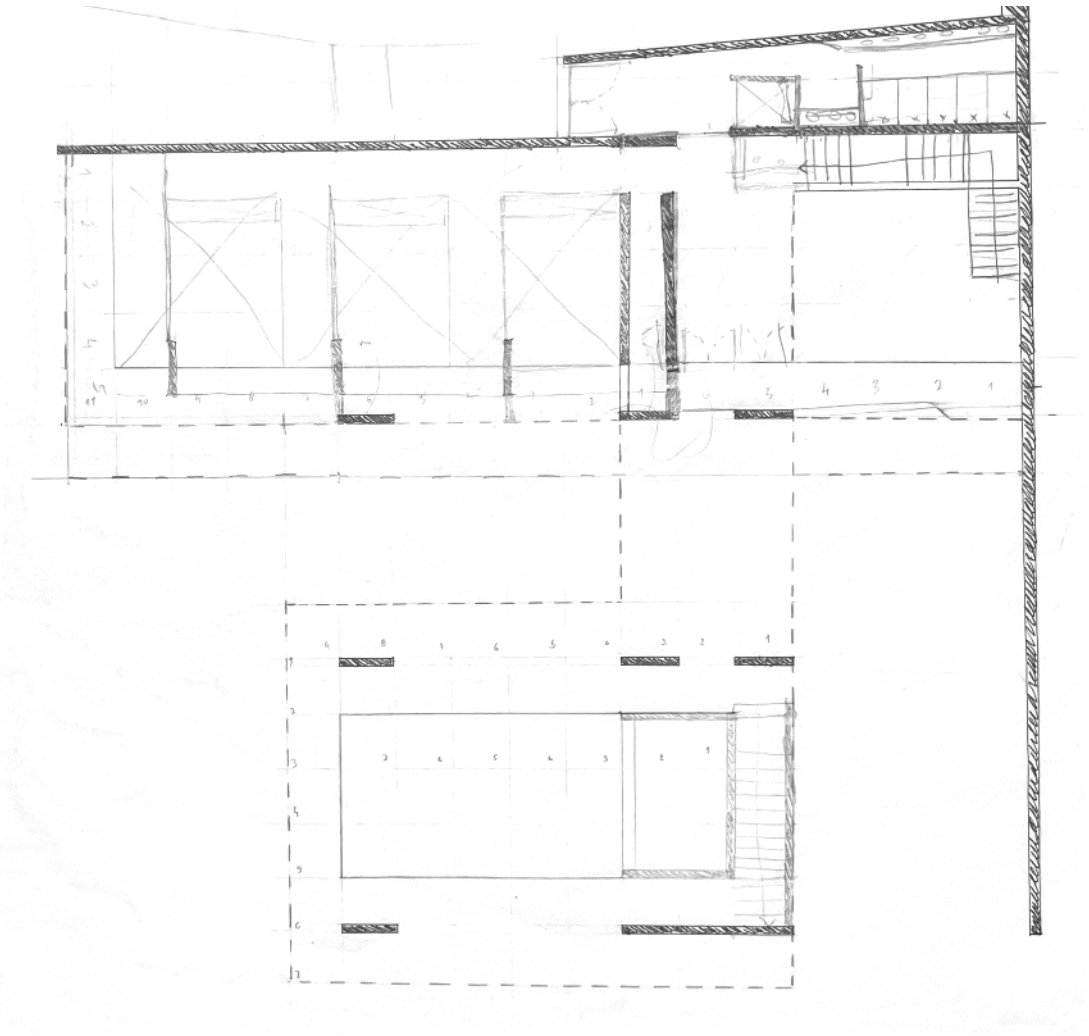


Figura 105 - Planta Piso 0 e Planta Piso 1

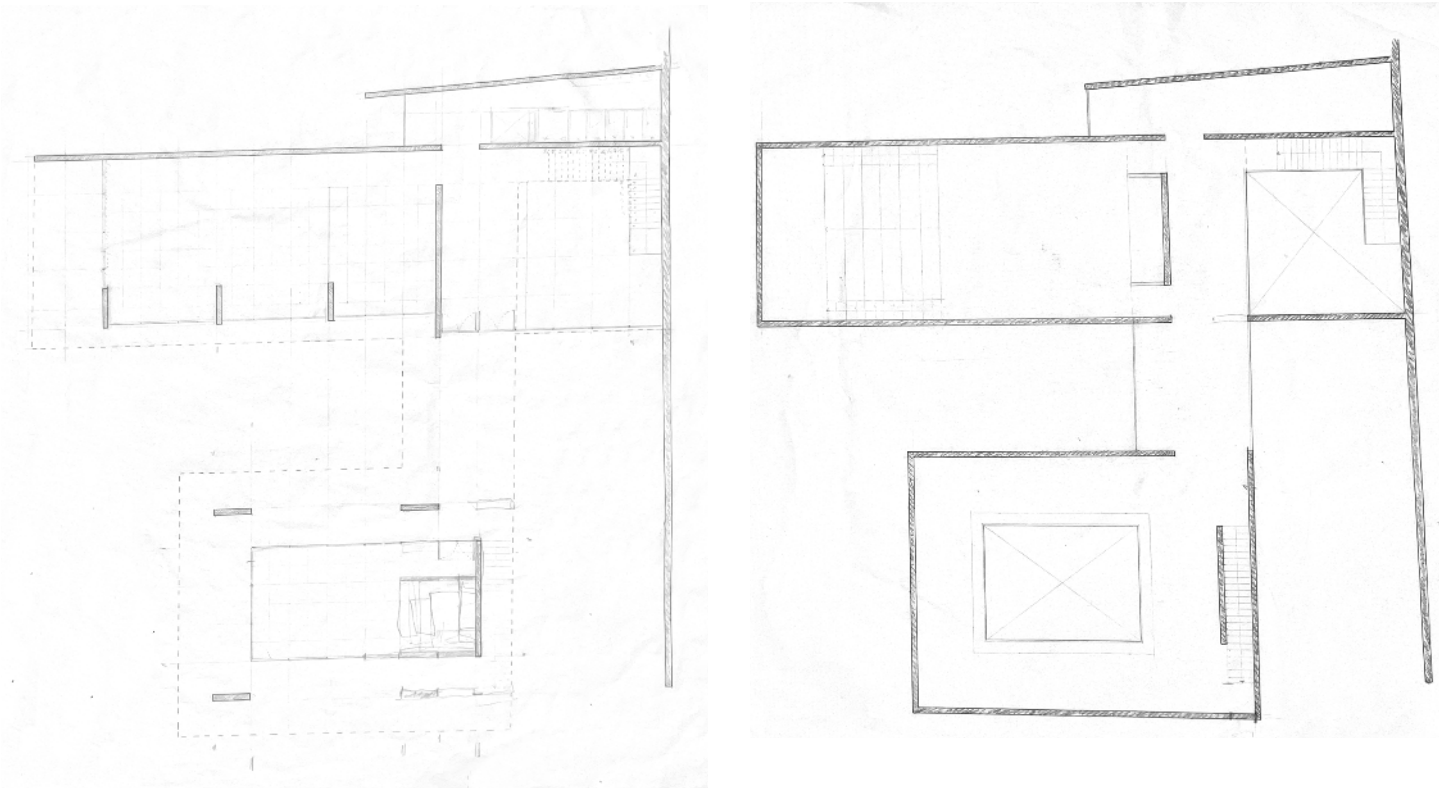




Figura 106 - Clarabóias. Biblioteca da Universidade de Aveiro, Siza Vieira

Figura 107 - Painel 1

Uma Casa do Povo e o Betão em Setúbal: Um Pavilhão no Jardim

O projeto final consolida as intenções iniciais, refletindo as transformações ocorridas ao longo do processo, nomeadamente na organização espacial e na clareza do jogo de planos.

A clarificação funcional dos espaços contribuem para a coerência global do projeto.

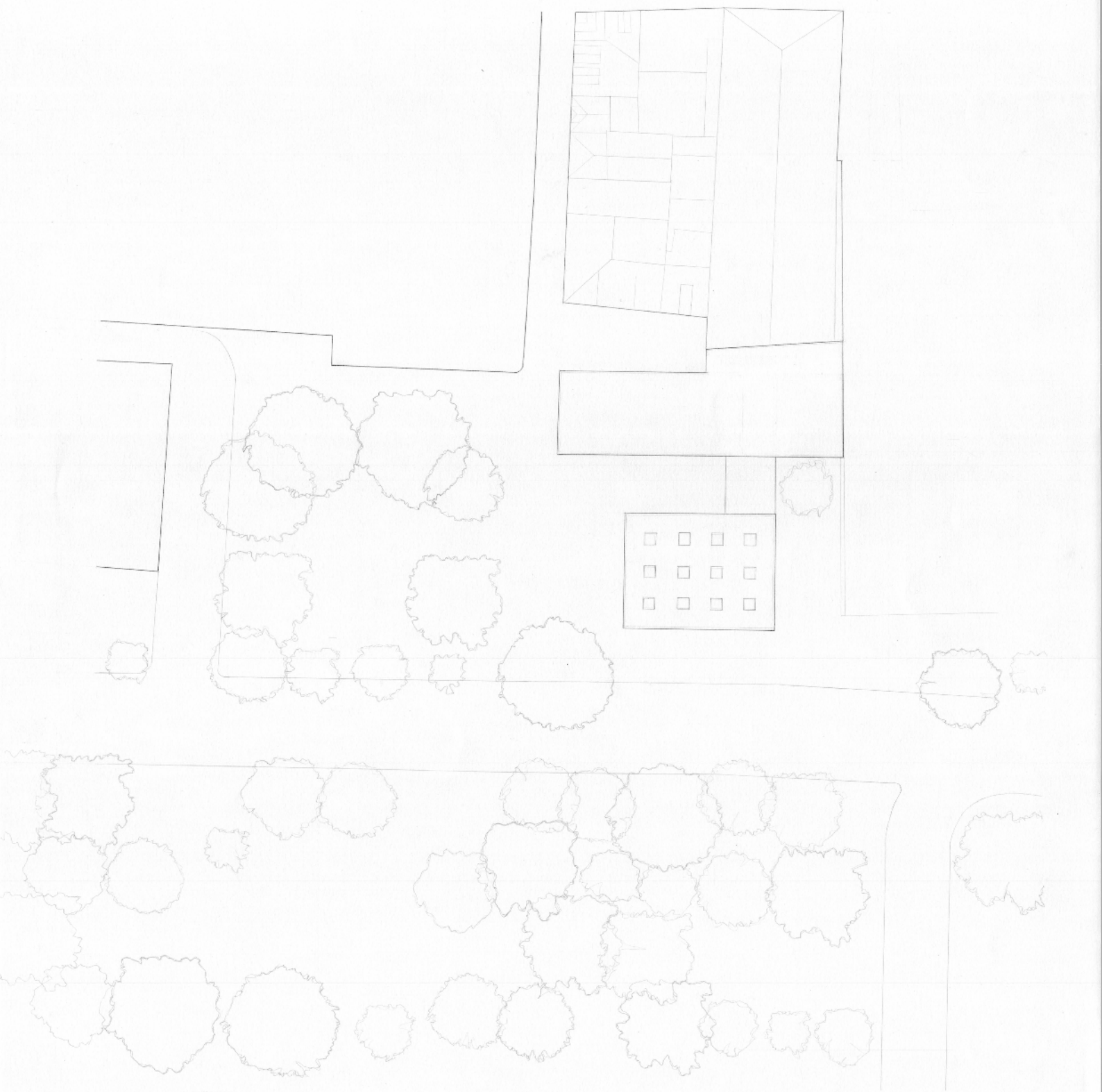
O projeto desenvolve-se a partir de uma métrica modular de 1,80m x 1,80m, que organiza a estrutura, o desenho das fachadas e o ritmo dos espaços.

No mezanino da área de estudo e trabalho, o pavimento em madeira de carvalho maciça prolonga-se pela guarda, formando uma mesa contínua que estabelece uma relação direta com o piso inferior.

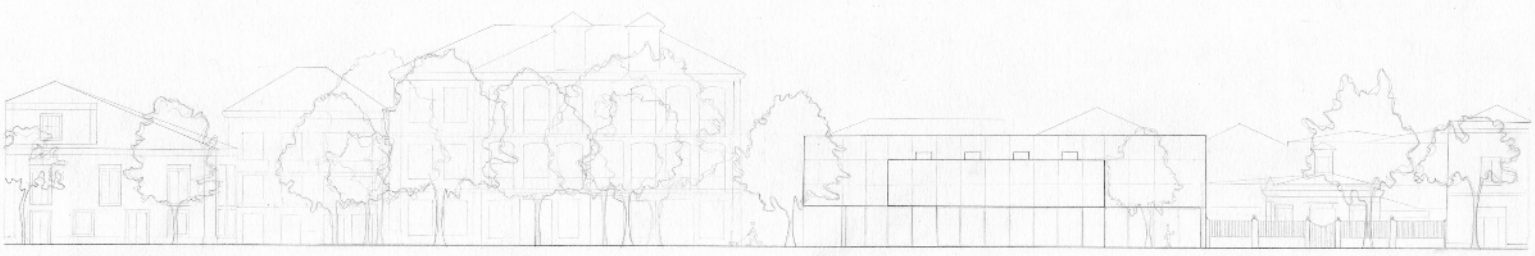
A cobertura do Pavilhão é redesenhada com referência na Biblioteca de Aveiro de Siza Vieira, mantendo o princípio da luz indireta e difusa através de claraboias, agora mais simples e integradas na métrica do projeto.

Uma Casa do Povo em Setúbal:
Um Pavilhão no Jardim

Marta Rodrigues Neto
Projeto Final de Arquitetura
ISCTE-IUL



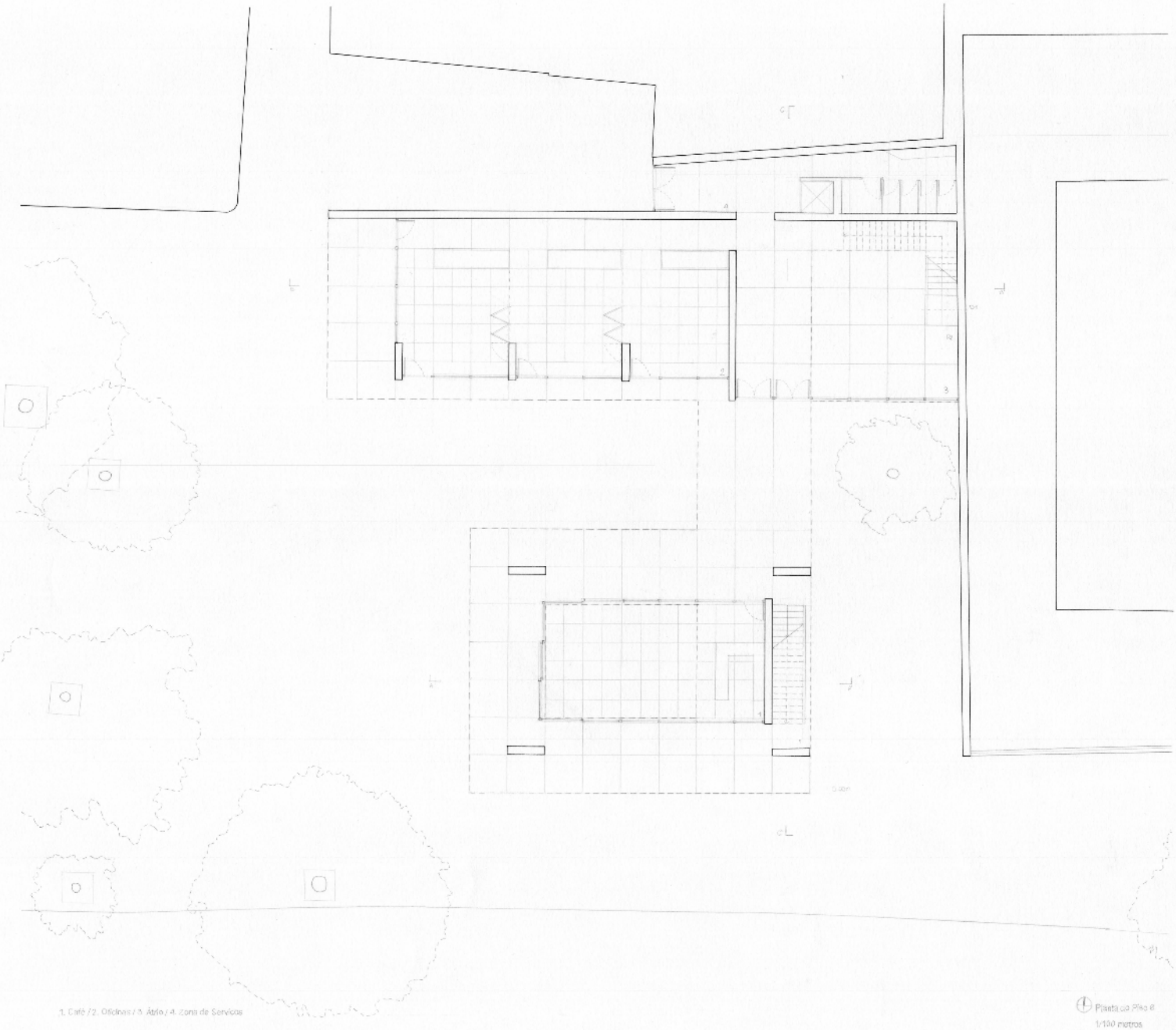
Planta esquemática
1/200 metros



Alçado Sul
1/200 metros

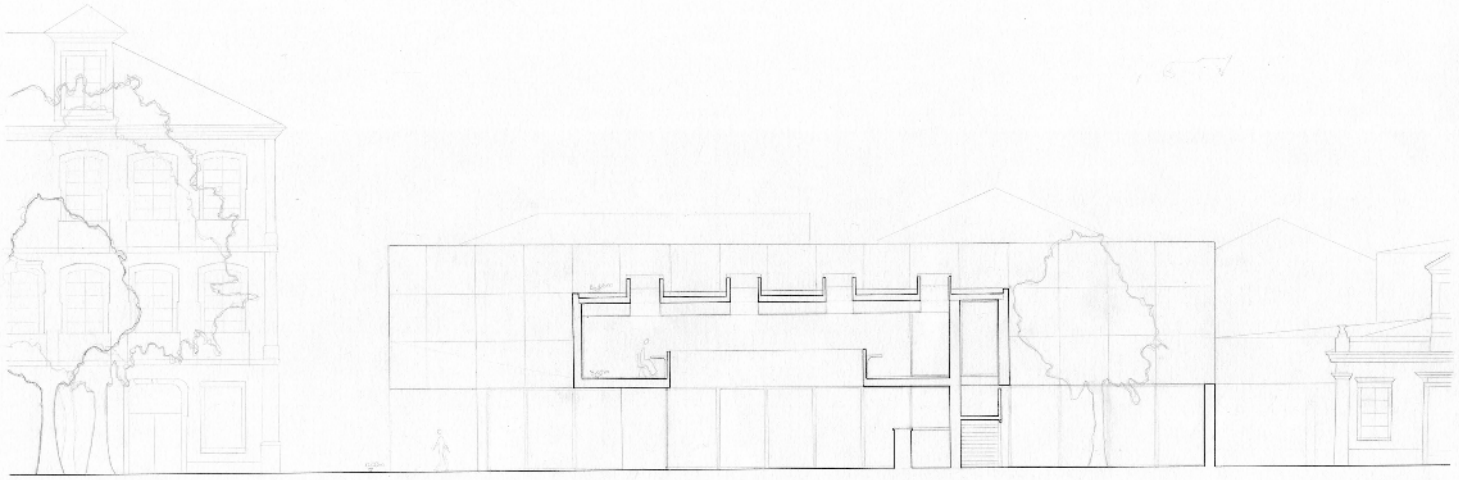
Figura 108 - Painel 2

Marta Rodrigues Neto
Projeto Final de Arquitetura
ISCTE-IUL



1. Café / 2. Oficinas / 3. Átrio / 4. Zona de Serviços

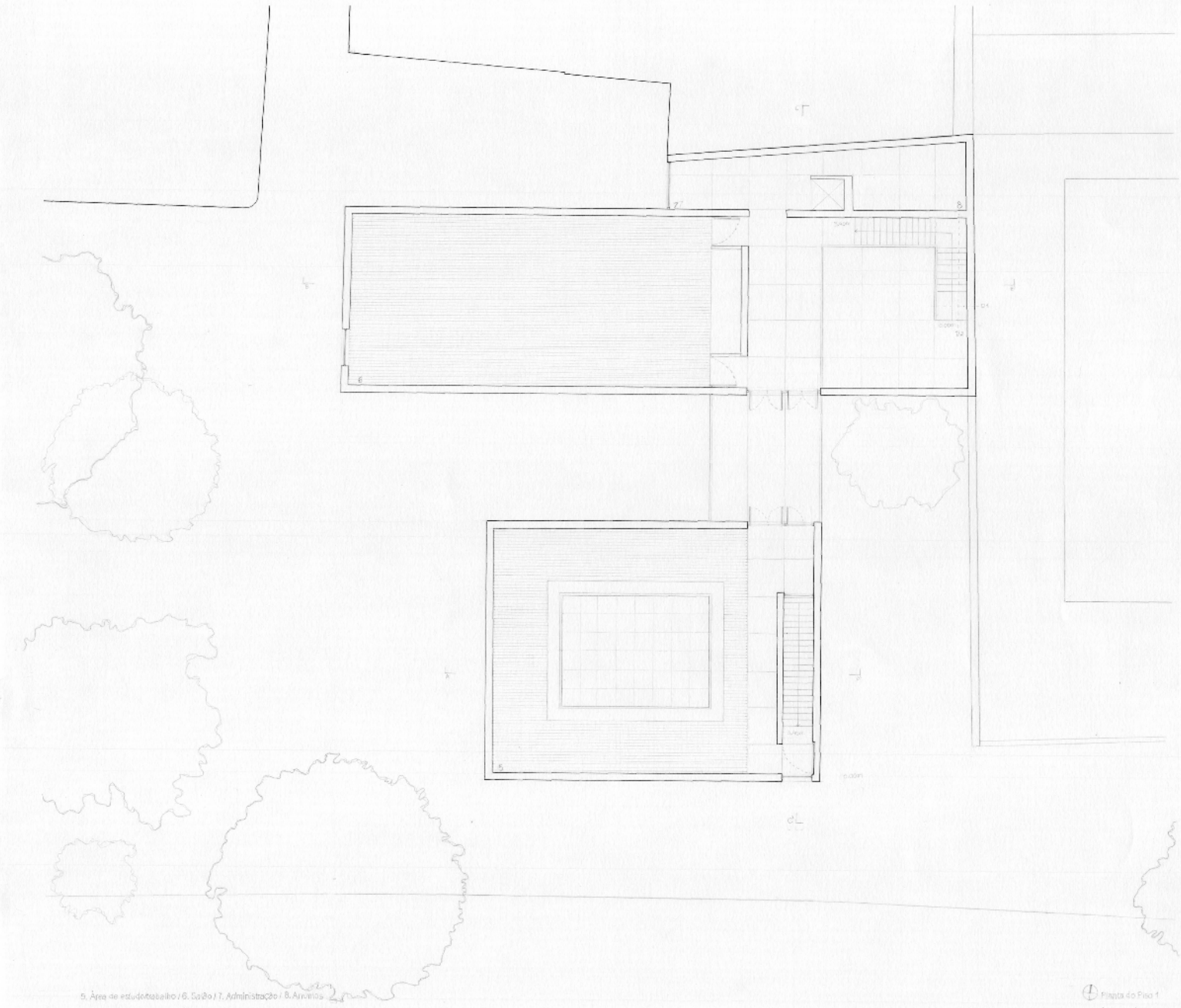
Planta do Piso 0
1/100 metros



Corte AA'
1/100 metros

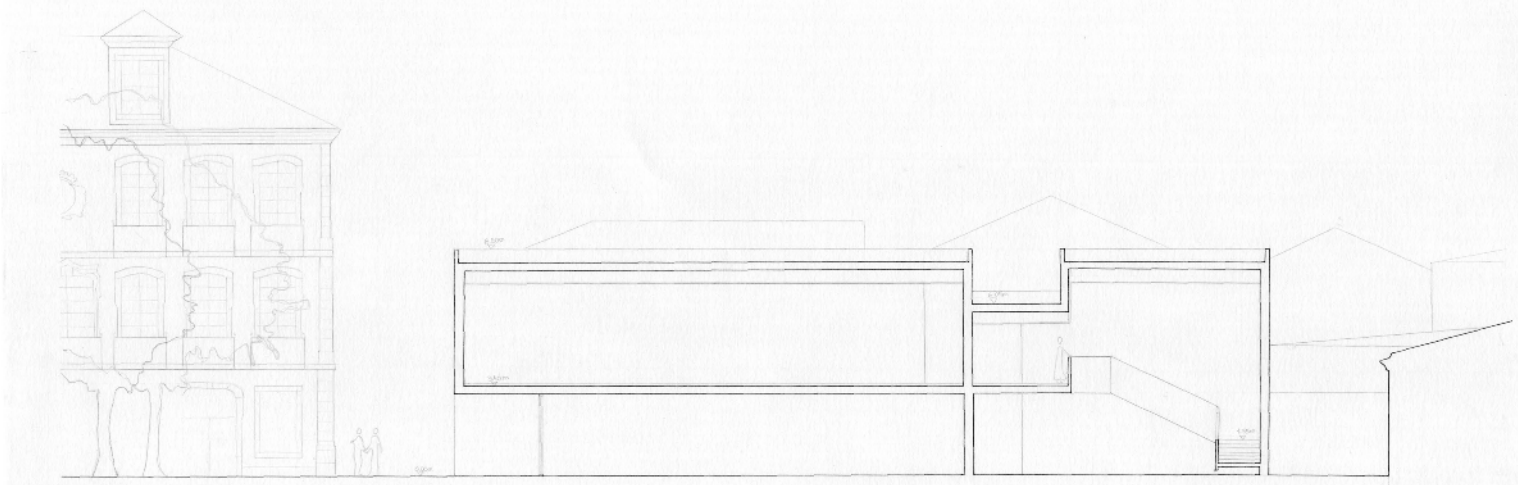
Figura 109 - Painel 3

Maria Rodrigues Neto
Projeto Final de Arquitetura
ISCTE-IUL



5. Área de estudo/trabalho / 6. Salão / 7. Administração / 8. Arrumos

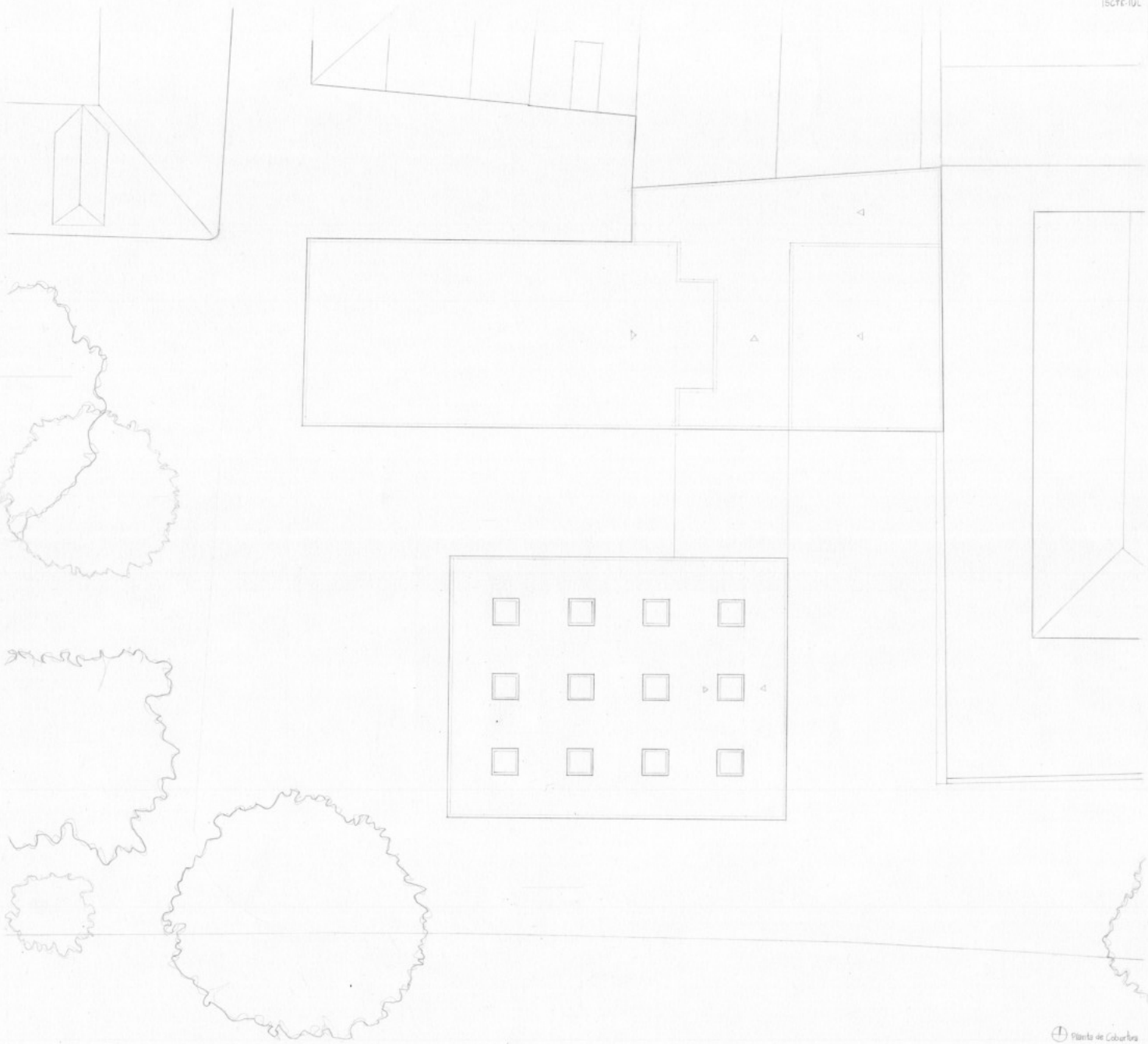
Planta do Piso 1
1/100 metros



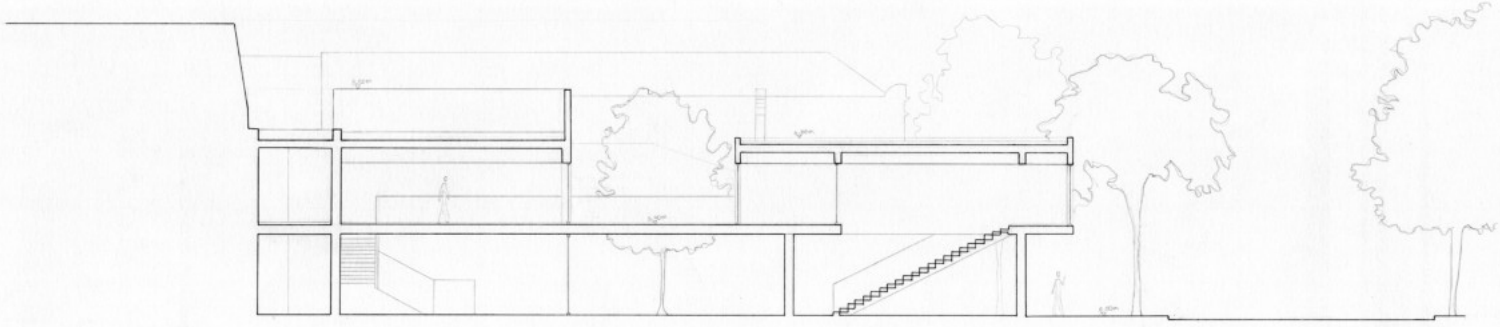
Corte BB'
1/100 metros

Figura 110 - Painel 4

Maria Rodrigues Neto
Projeto Final de Arquitetura
ISCTE-IUL

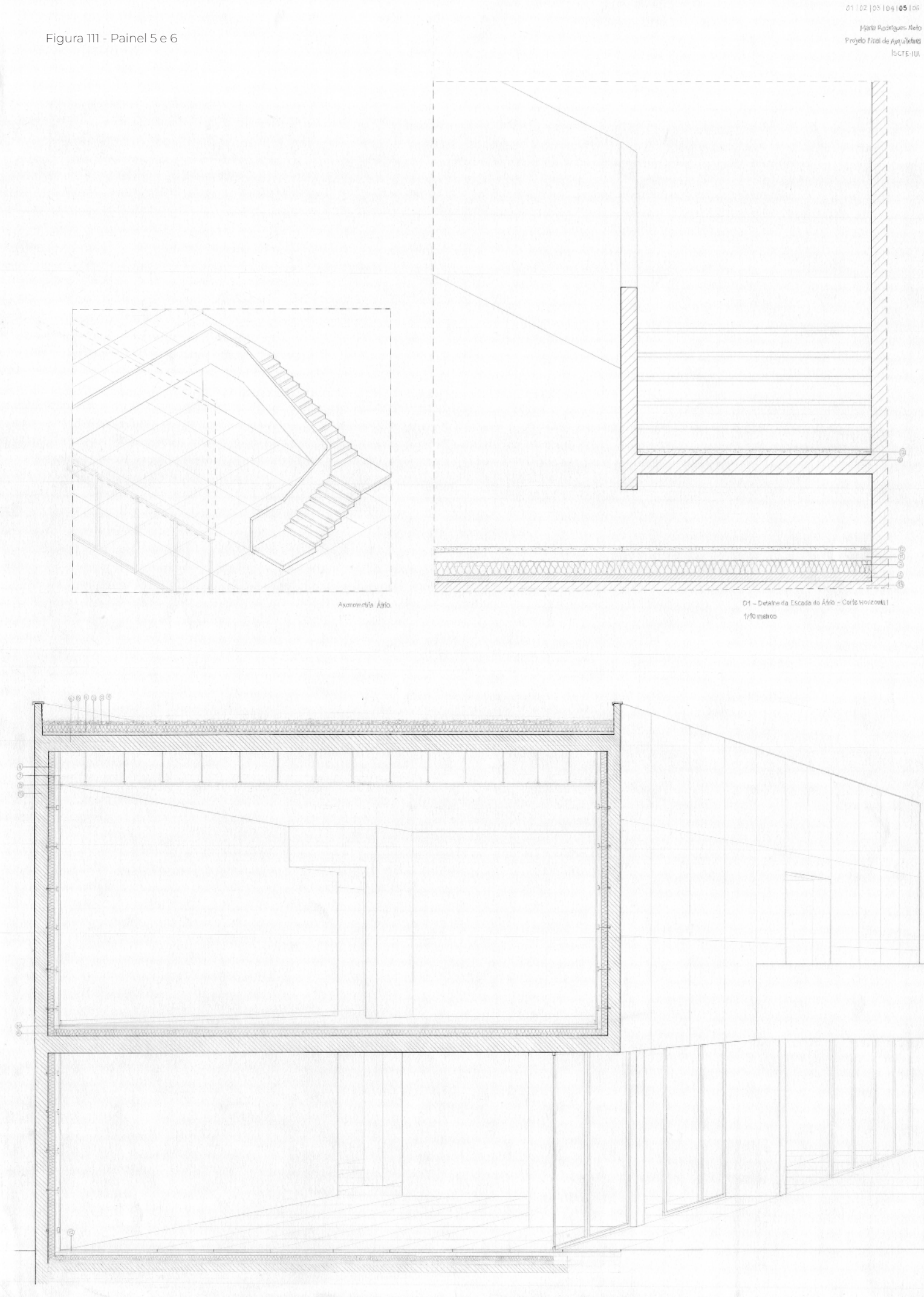


Planta de Coberturas
1/100 metros

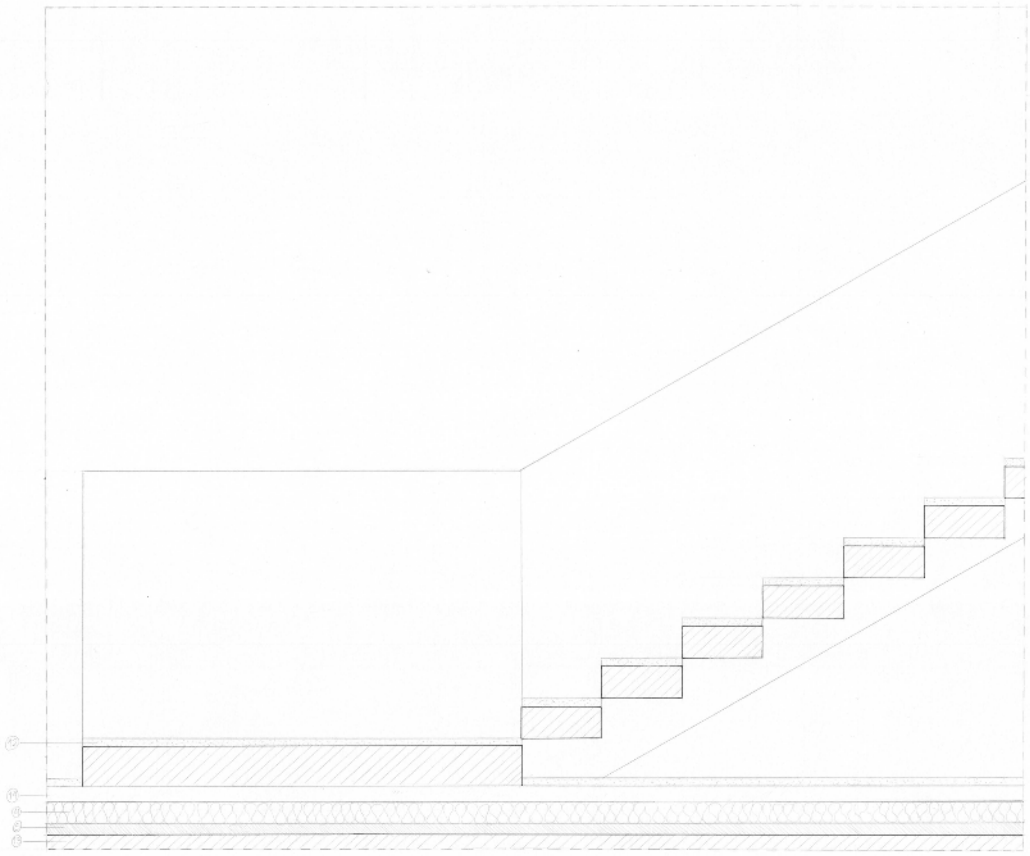


Corte CC'
1/100 metros

Figura 111 - Painel 5 e 6

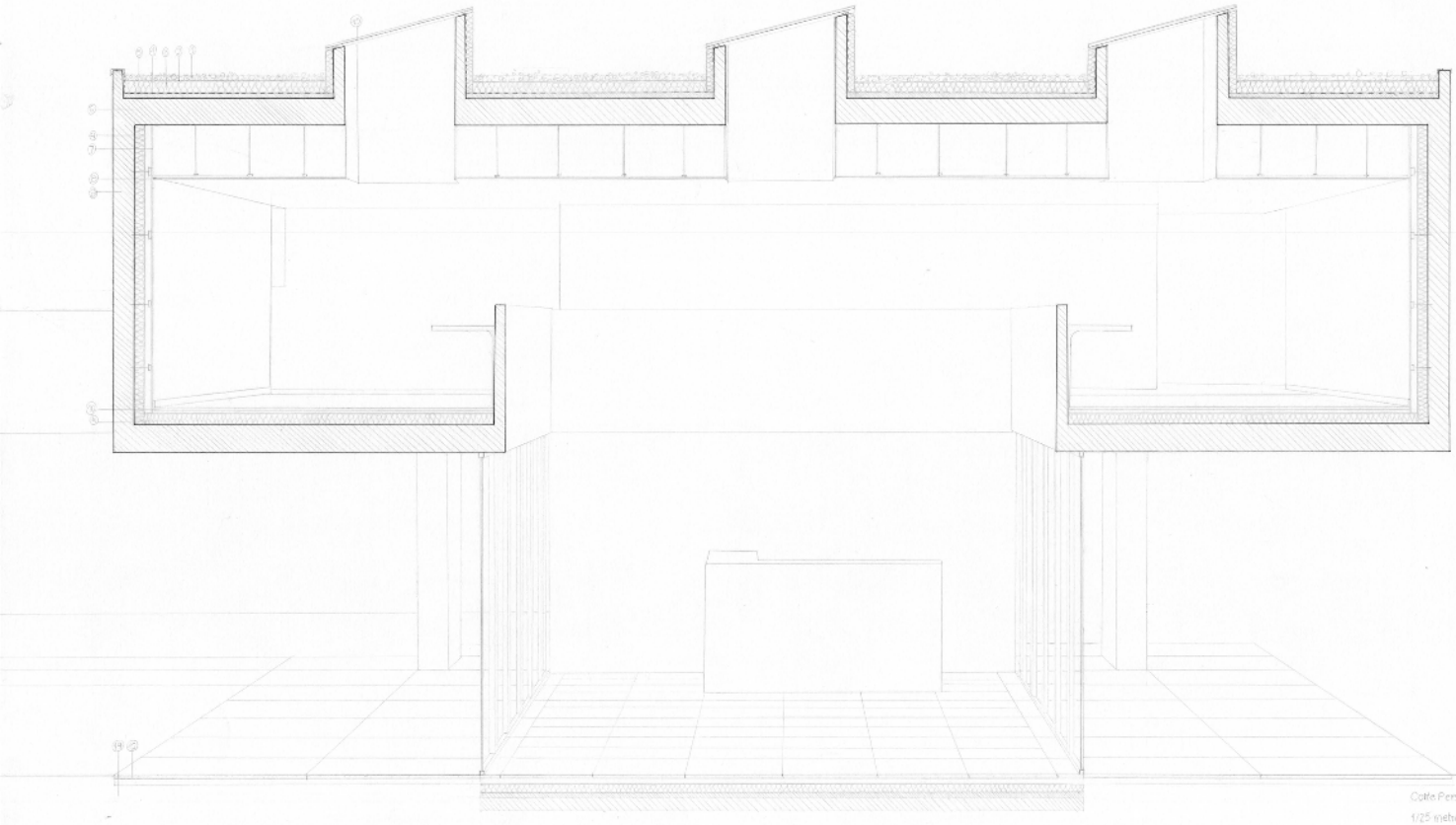


Maria Rodrigues Neto
Projeto Final de Arquitetura
ISCTE-IUL



1. Godo
2. Manta geotêxtil
3. Isolamento térmico
4. Sistema impermeabilizante
5. Camada de forma
6. Betão armado
7. Gesso cartonado
8. Reboco acústico
9. Betão branco aparente liso
10. Pavimento em madeira maciça
11. Camada de regularização
12. Mármorite
13. Laje de betão
14. Terreno natural compacto
15. Vidro

D2 – Detalhe da Escada do Átrio – Corte Vertical
1/10 metros



Corte Perspetivado
1/25 metros

Considerações Finais

Neste trabalho concluiu-se que o projeto “Uma Casa do Povo em Setúbal: Um Pavilhão no Jardim” constitui um processo contínuo de investigação e reflexão arquitetónica, mais do que uma proposta finalizada. Não se considera, portanto, o Projeto Final como um projeto totalmente concluído, mas sim como uma etapa de um percurso em desenvolvimento.

Existem ainda questões por resolver, nomeadamente a definição dos vãos do piso superior, de modo a estabelecer uma relação mais direta com o exterior. Embora tenham surgido diversas propostas ao longo do processo, esta problemática manteve-se em aberto na fase final.

Outra questão pendente refere-se à cobertura do pavilhão, inicialmente inspirada na Faculdade de Arquitetura de Vilanova Artigas. A proposta de uma estrutura capaz de filtrar a luz natural de forma difusa não chegou a ser totalmente desenvolvida, sendo posteriormente repensada, sem, contudo, perder a intenção de criar uma atmosfera luminosa suave e controlada.

Apesar dessas questões, reconhece-se que ao longo do ano letivo a aprendizagem foi intensa e significativa. O desenho à mão e a realização de maquetes revelaram-se instrumentos essenciais no processo de projeto, permitindo maior domínio sobre o desenho e uma compreensão mais sensível e concreta do espaço arquitetónico.

Este caderno apresentou de forma sistematizada o processo de desenvolvimento do projeto, compilando esquiços, maquetes e desenhos realizados em diferentes fases de trabalho, evidenciando as transformações e decisões que conduziram à proposta final.

Figura 1
A cidade de Setúbal, no centro. Google Earth, 2025. Edição do autor.

Figura 2
A cidade de Setúbal atual com a sobreposição da muralha medieval (branco) e seiscentista (cinzento-escuro). Google Earth, 2025. Edição do autor.

Figura 3
Primeira muralha da cidade de Setúbal, construída entre 1325 e 1357. Disponível em: https://kantophotomatico.blogspot.com/2017/05/muralha-medieval-de-setubal.html [Consultado a 24/10/25]

Figura 4
A muralha medieval na atualidade. Google Earth, 2025. Edição do autor.

Figura 5
Forte de São Filipe na atualidade, construído em 1582. Fotografia do Município de Setúbal. Disponível em: https://lisboasecreta.co/fr/guide-attractions-a-setubal/ [Consultado a 24/10/25]

Figura 6
Segunda muralha da cidade de Setúbal, construída no século XVII. Adaptado de MACEDO, I. (2015). *DA TRAÇA DE TERZI AO PLANO AGUIAR: QUATRO SÉCULOS DE ESTRATÉGIA URBANA*. Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: https://ler.letras.up.pt/site/geral.aspx?id=3&tit=Lista%20de%20assuntos&tp=5&as=Desenvolvimento%20urbano,%20Set%C3%BAbal%20(Portugal)&ida=6115 [Consultado a 26/10/2025]

Figura 7
A cidade de Setúbal atual com a sobreposição da muralha medieval (branco) e seiscentista (cinzento-escuro). Google Earth, 2025. Edição do autor.

Figura 8
Vista sobre a cidade de Setúbal, 1669, Pier Maria Baldi. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/1669#/media/Datei:Set%C3%BAbal1669.jpg [Consultado a 24/10/25]

Figura 9
Planta da cidade de Setúbal com a avenida Luísa Todi, 1900. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/biblarte/33911372888/in/photostream/ [Consultado a 24/10/25]

Figura 10
Avenida Luísa Todi, século XX. Fotografia de Américo Ribeiro. Disponível em: https://museus.mun-setubal.pt/10353/casabocage [Consultado a 24/10/25]

Figura 11
Avenida Luísa Todi, século XX. Fotografia de Américo Ribeiro. Disponível em: https://museus.mun-setubal.pt/10353/casabocage [Consultado a 24/10/25]

Figura 12
Doca de Depeult, 1933. Disponível em: https://www.portodesetubal.pt/sesimbra/pagina/2/historia [Consultado a 24/10/25]

Figura 13
Planta para as obras do Porto de Setúbal, século XX. Disponível em: https://portosdeportugal.pt/detail.php?nID=6202 [Consultado a 24/10/25]

Figura 14
Porto de Setúbal, século XX. Disponível em: https://restosdecoleccao.blogspot.com/2014/08/porto-de-setubal-1.html [Consultado a 24/10/25]

Figura 15
Porto de Setúbal, século XX. Disponível em: https://www.portodesetubal.pt/sesimbra/pagina/2/historia [Consultado a 24/10/25]

Figura 16
Panteão Romano, século II A.C. Fotografia de lysander07. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/lysander07/5658436995/ [Consultado a 24/10/25]

Figura 17
Catedral Metropolitana de Brasília, Oscar Niemeyer, 1970. Fotografia de flickr Augusto Areal. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-14553/classicos-da-arquitetura-catedral-de-brasilia-oscar-niemeyer/14553_15259?next_project=no [Consultado a 24/10/25]

Figura 18
Processo de fabrico de cimento. Disponível em: https://www.secil.pt/pt/produtos/cimento/processo-de-fabrico-cimento [Consultado a 24/10/25]

Figura 19
Fábrica de cimento da Secil em Outão, Setúbal, século XX. Disponível em: https://restosdecoleccao.blogspot.com/2015/01/fabrica-de-cimento-secil.html [Consultado a 24/10/25]

Figura 20
Fábrica de cimento da Secil, em Outão, século XXI. Disponível em: https://www.portodesetubal.pt/setubal/pagina/53/terminal-secil [Consultado a 24/10/25]

Figura 21
Planta para as obras do Porto de Setúbal, século XX. Disponível em: https://portosdeportugal.pt/detail.php?nID=6202 [Consultado a 24/10/25]

Figura 22
Diferença entre a zona histórica e a nova zona ribeirinha com construções em betão. Fotografia do autor.

Figura 23
Diferença entre a zona histórica e a nova zona ribeirinha com construções em betão. Fotografia do autor.

Figura 24
Local de intervenção (vermelho). Google Earth, 2025. Edição do autor.

Figura 25
Local de intervenção. Fotografia do autor.

Figura 26
Local de intervenção na antiga igreja do Carmo (ponto vermelho mais perto do rio, no centro). Adaptado de MACEDO, I. (2015). *DA TRAÇA DE TERZI AO PLANO AGUIAR: QUATRO SÉCULOS DE ESTRATÉGIA URBANA*. Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: https://ler.letras.up.pt/site/geral.aspx?id=3&tit=Lista%20de%20assuntos&tp=5&as=Desenvolvimento%20urbano,%20Set%C3%BAbal%20(Portugal)&ida=6115 [Consultado a 26/10/2025]

Figura 27
Local de intervenção. Uma das suas fachadas murada está voltada para a avenida Luísa Todi e outra para o largo do Carmo. Fotografia do autor.

Figura 28
Residência Monte Carmelo. Fotografia do autor.

Figura 29
Hipótese de organização do Convento de Nossa Senhora do Carmo, DIV 1 – cozinha e armazém; DIV 2 – refeitório; DIV 3 – Acesso à Igreja; DIV 4 – Biblioteca; DIV 5 – Sala do Capítulo; E1 – Escadaria. Adaptado de NETO, J. L. P. S. G. (2010). *A Idade do Ouro Branco: o contributo da arqueologia pós-medieval para o conhecimento de Setúbal, uma cidade portuária portuguesa*. [Dissertação, Universidade de Salamanca.] Repositório Aberto da Universidade de Salamanca. Disponível em: https://gredos.usal.es/handle/10366/83140?locale-attribute=pt_BR [Consultado a 26/10/2025]

Figura 30
Antiga escola Conde de Ferreira, no meio. Fotografia do autor

Figura 31
Casino Setubalense, 1944. Fotografia de Américo Ribeiro
PT/AFAMR/FAR/NTR/08514, Coleção Américo Ribeiro | Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro
DCDJ | DICUL | Câmara Municipal de Setúbal

Créditos de Imagem

Figura 32
Casino Setubalense (segundo plano, à esquerda) e a avenida Luísa Todi, 1956. Fotografia de Américo Ribeiro
PT/AFAMR/FAR/NTR/07420, Coleção Américo Ribeiro | Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro
DCDJ | DICUL | Câmara Municipal de Setúbal

Figura 33
Fachada Sul do antigo cinema. Fotografia do autor.

Figura 34
Traseiras e fachada poente do antigo cinema. Fotografia do autor.

Figura 35
Entrada principal e bilheteira do antigo cinema. Fotografia do autor.

Figura 36
Cunhal do antigo Convento da Nossa Senhora do Carmo. Fotografia do autor.

Figura 37
Interior do antigo cinema. Parede em alvenaria mista. Fotografia do autor.

Figura 38
Estado atual do interior do antigo cinema. Fotografia do autor.

Figura 39
Átrio do antigo cinema. Fotografia do autor.

Figura 40
Corredor para a sala de cinema. Fotografia do autor.

Figura 41
Planta de implantação e alçado sul do local de intervenção. Desenho do autor.

Figura 42
Alçado sul e nascente do local de intervenção. Desenho do autor.

Figura 43
Alçado nascente do local de intervenção. Desenho do autor.

Figura 44
Casa do Povo de Vizela, século XX. Disponível em: https://casapovovizela.blogs.sapo.pt/

Figura 45
Mensário das Casas do Povo nº12, pág.10 e 11. Biblioteca Nacional de Portugal [Consultado a 30/10/2025]

Figura 46
Maison du People, de Victor Horta, em Bruxelas, final do século XIX. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Maison_du_Peuple,_Brussels#/media/File:Maison_du_Peuple_of_the_P.O.B._(Belgian_Workers_Party)_(destroyed,_Brussels),_exterior_3_(cropped).jpg [Consultado a 24/10/25]

Figura 47
Maison du People, de Victor Horta, em Bruxelas, final do século XIX. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Maison_du_Peuple,_Brussels#/media/File:Maison_du_Peuple_of_the_P.O.B._(Belgian_Workers_Party)_(destroyed,_Brussels),_theatre_hall.jpg [Consultado a 24/10/25]

Figura 48
Local de intervenção. Fotografia do autor.

Figura 49
Esquiço de Siza Vieira. Escola Superior de Educação, em Setúbal. Disponível em: http://www.zeroundicipiu.it/2013/12/20/originalita/

Figura 50
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 51
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 52
Pórtico. Fotografia da Igreja de Santo António, em Portalegre, João Luís Carrilho da Graça. Disponível em: https://themaprogetto.it/joao-luis-carrilho-da-graca-igreja-de-santo-antonio-centro-social-de-sao-bartolomeu-portalegre-portugal/

Figura 53
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 54
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 55
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 56
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 57
Vista aérea do Local de Intervenção. Fotografia do autor.

Figura 58
Planta de Implantação. Ponto de Situação, dia 20/02/2025. Desenho do autor.

Figura 59
Esquiços.Desenho do autor.

Figura 60
Planta do Piso 0, Planta do Piso 1 e Cortes. Ponto de Situação, dia 20/02/2025. Desenho do autor

Figura 61
Faculdade de Arquitetura, São Paulo, Vila Nova Artigas. Disponível: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.191/6004

Figura 62
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 63
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 64
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 65
Planta Piso 0 , Planta Piso 1 e Corte. Ponto de Situação 14/03/2025. Desenho do autor.

Figura 66
Esquiços. Desenho do autor.

Figura 67
Corte Perspetivado. Ponto de Situação, dia 14/03/2025. Desenho do autor.

Figura 68
Corte. Ponto de Situação 14/03/2025. Desenho do autor.

Figura 69
Maquete 1/100. Ponto de Situação 07/05/2025. Fotografia do autor.

Figura 70
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 71
Planta Piso 0 , Planta Piso 1 e Corte. Ponto de Situação 07/05/2025. Desenho do autor.

Figura 72
Corte Perspetivado. Ponto de Situação, dia 07/05/2025. Desenho do autor.

Figura 73
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 74
Maquete 1/100. Fotografia do autor.

Figura 75
Maquete 1/100. Ponto de Situação, dia 20/06/2025. Fotografia do autor.

Figura 76
Planta de Implantação. Ponto de Situação, dia 20/06/2025. Desenho do autor.

Figura 77
Corte. Ponto de Situação, dia 20/06/2025. Desenho do autor.

Figura 78
Planta Piso 0. Ponto de Situação, dia 20/06/2025. Desenho do autor.

Figura 79
Planta Piso 1. Ponto de Situação, dia 20/06/2025. Desenho do autor.

Figura 80
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 81
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 82
Maquete 1/100. Fotografia do autor.

Figura 83
Maquete 1/50. Fotografia do autor.

Figura 84
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 85
Planta Piso 0, Planta do Piso 1 e Corte. Desenho do autor.

Figura 86
Esquiços. Desenho do autor.

Figura 87
Maquete 1/100. Ponto de Situação, dia 28/07/2025. Fotografia do autor.

Figura 88
Planta Piso 0, Planta do Piso 1 e Corte. Ponto de Situação, dia 28/07/2025. Desenho do autor.

Figura 89
Planta Piso 0, Planta do Piso 1 e Corte. Ponto de Situação, dia 17/09/2025. Desenho do autor.

Figura 90
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 91
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 92
Maquete 1/100. Fotografia do autor.

Figura 93
Esquiços. Desenho do autor.

Figura 94
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 95
Planta Piso 0 e Planta do Piso 1.Desenho do autor.

Figura 96
Esquiços. Desenho do autor.

Figura 97
Planta Piso 0 e Planta Piso 1. Ponto de Situação, dia 24/09/2025. Desenho do autor.

Figura 98
Ensaios Realizados. Fotografia do autor.

Figura 99
Betão branco aparente liso. Fotografia do autor.

Figura 100
Madeira Carvalho - pavimento interior do salão e área de estudo/trabalho. Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-gratis/desenho-de-fundo-texturizado-de-piso-de-madeira_16014663.htm#fromView=search&page=1&position=30&uuid=061294c5-4523-4210-8d03-c2029f13b0b0&query=carvalho+maci%C3%A7o+pavimento

Figura 101
Marmorite - pavimento exterior e interior do Piso 0. Fotografia do autor.

Figura 102
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 103
Maquete 1/50. Fotografia do autor.

Figura 104
Esquiço. Desenho do autor.

Figura 105
Planta Piso 0 e Planta Piso 1. Desenho do autor.

Figura 106
Clarabóias. Biblioteca da Universidade de Aveiro, Siza Vieira. Disponível em: https://pportodosmuseus.pt/2014/08/04/biblioteca-da-universidade-de-aveiro-vai-entrar-em-obras-de-requalificacao/

Figura 107
Painel 1.

Figura 108
Painel 2.

Figura 109
Painel 3.

Figura 110
Painel 4.

Figura 111
Painel 5 e 6.

Créditos de Imagem

Bibliografia

ALCÂNTARA, A. (2010). *A indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854–1914)*. Musa: Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios, nº 3, pp. 237–246. [Consultado a 26/10/2025]

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA. (2015). *XII LEGISLATURA*. Diário da Assembleia da República, n.º 144. [Consultado a 26/10/2025]

BRANCO, J. (1999). *Autoritarismo político e folclorização em Portugal: o mensário das Casas do Povo (1946–1971)*. Actas do VIII Congresso de Antropologia, pp. 29-42. [Consultado a 26/10/2025]

CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL. (2021). *Setúbal, uma baía aberta ao mundo – Retrato da economia no concelho*. Câmara Municipal de Setúbal, p. 44. [Consultado a 26/10/2025]

CRUZ, M. A. (1968). *A cidade de Setúbal*. Finisterra, vol. 3, n.º 6, pp. 5-33. [Consultado a 26/10/2025]

FARIA, C. (1981). *Novo Fenómeno Urbano: Aglomeração de Setúbal*. Assírio e Alvim. [Consultado a 26/10/2025]

JARAMILLO, J. (2011). *Casas do Povo, Casas dos Pescadores: A dimensão arquitetónica de um organismo para o desenvolvimento social*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.] Repositório Aberto da Universidade do Porto, pp. 37-41 [Consultado a 26/10/2025]

LOUREIRO, A. (1909). *Os Portos Marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*. Imprensa Nacional, vol. 4. [Consultado a 26/10/2025]

MALDONADO, V. (2016). *Habitação social promovida pelas Casas do Povo, 1958–1972: O caso de Santo Estêvão do Arquitecto Vítor Figueiredo*. conquista social do território: Arquitetura e corporativismo no Estado Novo português, pp. 105-125. [Consultado a 26/10/2025]

NETO, J. L. P. S. G. (2010). *A Idade do Ouro Branco: o contributo da arqueologia pós-medieval para o conhecimento de Setúbal, uma cidade portuária portuguesa*. [Dissertação, Universidade de Salamanca.] Repositório Aberto da Universidade de Salamanca. [Consultado a 26/10/2025]

PIMENTEL, A. (1877). *Memória sobre a história e administração do município de Setúbal*. [Consultado a 26/10/2025]

PIMENTEL, A. (1992). *Memória sobre a história e administração do município de Setúbal*. 2.ª ed. [Consultado a 26/10/2025]

RODRIGUES, J. (2011). *Avenida Luísa Todi, do Rio à Cidade*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.] Repositório Aberto da Universidade de Lisboa.[Consultado a 26/10/2025]

SOUSA, F. L. P. (1919-1932). *O terramoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal : e um estudo demográfico*. Vol.2. [Consultado a 26/10/2025]

SILVA, J. C. V. (1990). *Cidades e Vilas de Portugal*. [Consultado a 26/10/2025]

TOMÉ, M. M. J (2018). *Setúbal – Topologia e Tipologia Arquitectónica: Memória e Futuro da Imagem Urbana (Séculos XIV–XIX)*. [Consultado a 26/10/2025]

VALENTE, V. P. (1981). *Os conserveiros de Setúbal (1887–1901)*. Análise Social, vol. 17, n.º 67–68, pP. 615–678 [Consultado a 26/10/2025]

Webgrafia

Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, SA. (s.d.) *Navegando pela História*. Disponível em: https://www.portodesetubal.pt/apss/pagina/2/historia [Consultado a 26/10/2025]

Câmara Municipal de Grândola. (s.d.). *Complexo Industrial Romano de Salga e Conserva de Peixe em Tróia na Lista Indicativa de Portugal ao Património Mundial*. Disponível em: https://www.cm-grandola.pt/noticia-73/complexo-industrial-romano-de-salga-e-conserva-de-peixe-em-troia-na-lista-indicativa-de-portugal-ao-patrimonio-mundial [Consultado a 26/10/2025]

Câmara Municipal de Setúbal. (2025, agosto). *História, numa página*. Disponível em: https://www.mun-setubal.pt/historia/ [Consultado a 26/10/2025]

Câmara Municipal de Setúbal. (2025, julho) *Forte de São Filipe*. Disponível em: https://www.mun-setubal.pt/forte-de-sao-filipe [Consultado a 26/10/2025]

Câmara Municipal de Setúbal. (2021, julho). *Mercado do Livramento*. Disponível em: https://www.mun-setubal.pt/mercado-do-livramento/ [Consultado a 26/10/2025]

Massachusetts Insitute of Technology. (2023). *MIT News*. Disponível em: https://news.mit.edu/2023/roman-concrete-durability-lime-casts-0106 [Consultado a 26/10/2025]

NACHI. (s.d.). *The History of Concrete*. Disponível em: https://www.nachi.org/history-of-concrete.htm [Consultado a 26/10/2025]

Ordem Terceira do Carmo da cidade de Setúbal. (s.d.). *Quem somos*. Disponível em: https://www.otcarmosetubal.org/quemsomos.php [Consultado a 26/10/2025]

O Setubalense. (2022). *Inauguração da Escola Conde de Ferreira*. Disponível em: https://osetubalense.com/opiniao/inauguracao-da-escola-conde-de-ferreira/ [Consultado a 26/10/2025]

Rethinking The Future. (s.d.). *Case Study: Maison Du Peuple by Victor Horta: An example of "Brusselization"*. Disponível em: https://www.re-thinkingthefuture.com/case-studies/a2338-case-study-maison-du-peuple-by-victor-horta-an-example-of-brusselization/ [Consultado a 26/10/2025]

Secil. (s.d.). *A história do Grupo Secil*. Disponível em: https://www.secil-group.com/pt/a-secil/quem-somos/a-historia [Consultado a 26/10/2025]

Secil. (s.d.). *O Processo de Fabrico do Cimento*. Disponível em: https://www.secil.pt/pt/produtos/cimento/processo-de-fabrico-cimento [Consultado a 26/10/2025]

União das Freguesias de Setúbal. (s.d.). *A Fábrica de Cimento da Secil*. Disponível em: https://www.uf-setubal.pt/sabados-com-historia/1257-a-fabrica-de-cimento-da-secil [Consultado a 26/10/2025]

União das Freguesias de Setúbal. (s.d.). *100 anos do Porto de Setúbal*. Disponível em: https://www.uf-setubal.pt/sabados-com-historia/1180-100-anos-do-porto-de-setubal [Consultado a 26/10/2025]

União das Freguesias de Setúbal. (s.d.). *O Cinema Casino Setubalense*. Disponível em: https://www.uf-setubal.pt/sabados-com-historia/1320-o-cinema-casino-setubalense [Consultado a 26/10/2025]

Apêndice

Entrevista ao
Arquiteto João Luís Carrilho da Graça

Realizada por Marta Rodrigues Neto,
em setembro de 2025

O arquiteto João Luís Carrilho da Graça tem um papel central na arquitetura portuguesa e contemporânea. A sua obra desenvolve-se numa forte ligação com o território, a cidade, a paisagem e, muito particularmente, a topografia, como elementos fundamentais do projeto. O rigor construtivo, a experimentação material, o detalhe e a relação com a luz definem uma prática em que nenhum gesto é arbitrário e cada edifício surge como resposta a um contexto.
Esta entrevista pretende explorar os temas principais que estruturam a sua obra – o tempo, o território, a matéria, o detalhe e a luz – através da análise dos seus projetos.

Marta Neto (MN):
O arquiteto Carrilho da Graça tem uma visão poética e ética do ato de projetar que está evidente em todas as suas obras. Penso que o seu trabalho dá claramente a entender que o papel do arquiteto não passa por impor formas ou soluções, mas antes por revelar aquilo que os lugares já contêm. Tal como afirma na entrevista à Itinerant Office: "Eu gosto de pensar em cada projeto, ou em cada lugar onde vamos desenvolver um projeto, há uma infinidade de qualidades ocultas. (...) sempre que me deparo com um novo projeto procuro descobrir essas qualidades e trazê-las à tona, fazer com que depois do projeto pronto, elas sejam ainda melhores do que eram antes." Ou numa entrevista com Anabela Mota Ribeiro, a propósito da Ponte Pedonal da Covilhã: "A paisagem (ou território) é uma maneira de ver o mundo como suporte, como ponto de partida para os projetos, com todas as suas características: as geográficas, a topografia, a maneira como os edifícios, ao implantarem-se, podem criar situações interessantes, apenas com essa operação de se implantarem de uma certa maneira, num certo ponto do território."
Ao iniciar um novo projeto, como conduz, desde logo, o processo de descoberta dessas qualidades ocultas? Gostaria de o ouvir sobre como faz, como projeta, para revelar o que ainda permanece invisível no lugar.

Arquitecto João Luís Carrilho da Graça (JLCG):
O principal não é estarem ocultas ou invisíveis. Normalmente tudo estará à vista. Não vou fazer arqueologia. Olho para um sítio, investigo tudo o que tenho a investigar e depois respondo. Quer dizer, se conheceres bem a situação em que vais intervir, sentes-te mais à vontade para fazer um projeto que corresponda ao programa, aos constrangimentos daquele local e às suas potencialidades, e ao que pode estar, naquele momento, na tua cabeça. Portanto, esta démarche que eu faço de aproximação ao sítio não é para me sentir preso e depois responder com coisas que quase não se percebe que foram construídas agora. Não! É para me libertar. Eu até disse noutras entrevistas, que não pressuponho que a cidade está toda certa em todos os cantinhos e, portanto, tento ir às questões que estruturam a cidade com uma espécie de otimismo que me faz pensar que nós, hoje, podemos responder melhor do que no passado.
Isto provoca duas questões: uma é que, se for necessário, podemos ter de demolir alguma coisa — se nos autorizarem, se estiver dentro da nossa área de intervenção e se acharmos que faz sentido. Por outro lado, dá-nos uma sensação maior de liberdade porque conhecemos bem o ponto de partida e estamos à vontade para fazermos o que entendermos.

MN:
Refere em várias entrevistas que o tempo que passa entre o início de um projeto e a sua conclusão da obra é, em média, dez anos. Alguns, como o Convento de Jesus, em Setúbal, prolongaram-se por mais de duas décadas. No podcast "No País dos Arquitetos", de Sara Nunes, afirma o seguinte: "No caso do Terminal, apesar de serem dez anos, não me parece que tenha sido assim há tanto tempo. Lembro-me bem de como tudo aconteceu (...)"
Como lida com essa duração tão prolongada? De que forma a ideia inicial se mantém ou evolui ao longo do tempo?

JLCG:
Em certa medida a ideia inicial mantém-se, mas pode haver pequenas evoluções, o que é normal.
Acabei de fazer uma obra que é o Pavilhão Julião Sarmento. A duração da obra estava prevista para cerca de um ano, demorou quatro anos. O empreiteiro não só demorou, como houve imensas coisas que não ficaram bem acabadas. O edifício tem problemas e eu tenho de pôr um sorriso e inaugurá-lo, apesar de ser uma espécie, digamos, de aproximação daquilo que era o projeto. O projeto foi revisto três vezes e, a seguir, o empreiteiro fez mais ou menos o que podia e o que tinha na cabeça. É muito aborrecido.

Figura 1 - Fotografia aérea do atual Parque das Nações em Lisboa, tirada durante a fase de construção para a Expo 98, por volta de 1995/1996.



MN:
Na conversa com Sara Nunes, o arquiteto Carrilho da Graça recorda que, desde o início do concurso para o Terminal de Cruzeiros, teve como prioridade conceber um edifício que respeitasse a presença da antiga doca e se integrasse na paisagem de Lisboa. Nesse sentido, procurou um material com uma tonalidade da pedra lioz, estabelecendo uma ligação com esta pedra que predomina em Lisboa e, especificamente, com o Panteão Nacional e o bairro de Alfama – "Apesar de ter vários tipos de revestimento (...), existe sempre um tom semelhante ao da pedra lioz (...), penso que resultou bastante bem."
De que forma é que noutros projetos seus, as opções quanto à materialidade passam por este tipo de relação com a materialidade ou as cores existentes nos lugares?

JLCG:
Agora as árvores ainda estão fraquinhas, infelizmente, mas existe ali uma espécie de parque verde e o edifício está no meio. Eu sinto bastante liberdade e achei piada ter essa cor – aliás, há fotografias sobre isso. Não é que a pedra de lioz exista em todo lado; ela existe mais nos monumentos, nos edifícios mais importantes. Era uma pedra relativamente cara, sempre, portanto só era usada em situações particulares que neste caso tem essa ressonância. Cada caso é um caso e temos de tentar perceber o que nos parece mais pertinente.
Quando estava a fazer o projeto para Pavilhão do Conhecimento dos Mares, sabes o que existia naquela zona? Pouquíssimo. Porque tudo o que lá existiu tinha sido demolido. Andavam a fazer a recuperação dos terrenos que estavam contaminados. Portanto, aquilo era assim uma paisagem em que parecia que estavas em Marte ou coisa assim. Não havia referência direta nenhuma, a não ser aquela doca, um pouco longe. Não estava lá nenhum outro edifício quando eu estava a fazer o projeto. Portanto, quando se fala do local, o local vê-se hoje; naquela altura, menos. Tinha ido ver a exposição de 92 em Sevilha, porque, pressupondo que íamos ter esta em Lisboa, em 98, queria perceber como é que funcionava. Era uma enorme disputa de chamadas de atenção: cada pavilhão fazia o seu truque para conseguir chamar a atenção das pessoas e impor-se. Era assim, extremamente feérica, cheia de cores, e como faz muito calor em Sevilha, lançavam vapor de água para as pessoas aguentarem o clima. Era extremamente excessivo.
Quando me pediram para fazer este projeto, pensei que era interessante fazer quase o contrário: uma grande serenidade no edifício. Depois, o interior, que era a exposição feita pelos ARX, teria então, outra vez, essa euforia típica destas exposições. O exterior não seria aquela disputa da atenção das pessoas, seria uma espécie de momento de pacificação. E o que utilizei nesse pavilhão muito foi o lioz, a tal pedra da cidade de Lisboa. O betão é branco. É extremamente simples, pois o que queria fazer era uma coisa simples.
As pessoas pressupõem, muitas vezes, que a arquitetura tem uma racionalidade imbatível de uma ponta a outra. Isso é muito difícil. Muitas vezes, os arquitetos inventam histórias para justificar. Mas se tu olhares, por exemplo, para os projetos do Frank Gehry, o que é que ele pode explicar? Pouquíssimo. A maior parte dos projetos não tem grande explicação. Os arquitetos explicam porque estão, digamos, a fazer uma obra em nome de um promotor e, portanto, ele tem de se sentir confortável e achar que aquilo está a funcionar bem. E então inventou-se uma série de explicações mais ou menos lógicas. Mas a lógica é sempre relativa.

MN:
Ainda na mesma entrevista, refere que, durante a execução do Terminal de Cruzeiros, os engenheiros alertaram para o facto de as estacas existentes não suportarem a estrutura e as fachadas em betão tradicional. Como resposta a este desafio estrutural, desenvolveu, em colaboração com a Secil, a Amorim e o ITeCons, um novo tipo de betão leve com cortiça, altamente inovador – "Desenvolvemos este betão com a cortiça que é algo bastante inovador porque, pela primeira vez, temos um material que é estrutural, mas que tem uma massa muito inferior à do betão corrente."
Lembro-me de outros projetos seus em que os processos e a construção do betão mereceram uma atenção muito especial com resultados surpreendentes, como, por exemplo, o Pavilhão do Conhecimento dos Mares, que acabou de referir. Como se consegue transformar condicionantes, obstáculos, limitações em soluções criativas e inovadoras? Isto já lhe aconteceu com outras situações de carácter não técnico?

JLCG:
Todos os projetos e as obras têm questões que têm de ser resolvidas. Normalmente, tenho admitido processos que não são muito comprovados e muito previsíveis, sem grande receio. E, normalmente, tenho-me saído bem.
No caso do Pavilhão do Conhecimento dos Mares, realmente, construiu-se dentro do prazo, dentro do orçamento, correspondendo perfeitamente ao programa que tinha sido lançado e continua sem grandes problemas até hoje, quase 30 anos depois da construção. Tenho tentado encontrar apoios e ir pelo caminho que me parece mais correto mesmo que não seja o mais confortável, o mais previsível.



Figura 2 - Pavilhão do Conhecimento dos Mares, Lisboa.



Figura 3 - Terminal de Cruzeiros de Lisboa.

MN:
Na entrevista com Anabela Mota Ribeiro, defende que a escala do projeto não diminui a importância do detalhe. Para si, o gesto pequeno é tão fundamental quanto o desenho global, mesmo em obras de grande dimensão – "Sobretudo em projetos grandes, gosto de não perder a possibilidade de desenhar todos os detalhes, de definir as situações de pequena escala."
Alguma vez desenvolveu um projeto que teve início a partir de um detalhe?
De que forma os pormenores, a par da forma, da organização do espaço, da materialidade, contribuem para a qualidade e a identidade de um projeto?

JLCG:
Se parti de algum detalhe? Penso que não. Não me lembro. Normalmente os detalhes acho que são interessantes para desaparecerem.
Muitas vezes refere-se o trabalho do Carlos Scarpa como over designed, desenhado demais, tem demasiados pormenores. Acho que quando começamos a reparar muito nos pormenores é porque o fundamental, o conceito principal, não está a funcionar completamente. Acho que o que nós temos é que elaborar um conceito que responda a uma situação e subordinar todos os detalhes e pormenores a essa ideia fundamental. Portanto, os detalhes acabam por desaparecer. Eles são fundamentais, mas é para se irem embora. Nunca me lembraria de começar um projeto por um detalhe, acho isso mesmo fantástico. Porque os projetos respondem a um programa, a uma economia, a um sítio, a um pragmatismo.
Por exemplo, o Terminal de Cruzeiros tinha de estar construído num prazo muito curto. E toda a toda a gente ficou arrepiada com o sistema construtivo, porque parecia que poderia ser caríssimo e que demorava imenso tempo. No entanto, a Secil montou uma espécie de operação quase militar entre o sítio em que estavam a fabricar o betão e a obra. E, durante noite e dia – porque tinha de ser tudo betonado de seguida, senão apareciam juntas esquisitas e tinha de ser bastante homogéneo – puseram a circular camiões para um lado e para o outro e montaram aquilo tudo. Depois, na altura em que foi inaugurado, toda a gente dizia que tinha sido o único que tinha cumprido o orçamento e o prazo. Portanto, foi um êxito. Gosto imenso de corresponder às expectativas do dono da obra.



Figura 4 - Igreja de Santo António, Portalegre

MN:
Na Igreja de Santo António, em Portalegre, está especialmente patente como a luz é uma preocupação presente desde o início do processo de conceção arquitetónica. A configuração do espaço resulta de uma reflexão cuidada sobre a forma como a luz natural deve atravessar e modelar o espaço interior. Numa entrevista publicada na revista científica Didaskalia, por João Norton e João Alves da Cunha, o arquiteto explica que "(...) já havia a janela superior, que tem iluminação artificial e natural, tem um espelho inclinado, que reflete o sol e mete uma luz que tem por objetivo iluminar o altar (...) foi o envidraçado que se juntou e a janela superior que permitiu que a luz ficasse bastante equilibrada."
De que forma a luz natural influencia os seus projetos? Trata-se de um tema presente desde o início ou é algo que vai surgindo a pouco e pouco ao longo do processo?

JLCG:
O verdadeiro protagonista não é a luz, é a presença da pedra. Como queria pôr a pedra à vista e tinha de ter aquele grande envidraçado por detrás do altar, o mais fácil era o celebrante estar em contraluz e, assim, tu vias a luz lá fora e não conseguias ver o padre. Portanto, tinha de iluminar, quer junto ao chão, quer lá de cima, o altar.
Este é o problema da luz ali. Quer dizer, começa com a pedra, depois há uma janela para veres a pedra, depois há outra janela que mete a luz de sul, e, como não era suficiente, lá em cima tem outra janela grande, que tem uns projetores por detrás, que é para criar iluminação e tu veres o celebrante e não estar em contraluz. Isto é a história da luz na Igreja.

Créditos de Imagem

Figura 1
Fotografia aérea do atual Parque das Nações em Lisboa, tirada durante a fase de construção para a Expo 98, por volta de 1995/1996. Disponível em: https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/fotografia-dos-terrenos-do-atual-parque-das-nacoes-em-1996-e-autentica

Figura 2
Pavilhão do Conhecimento dos Mares, Lisboa. Disponível em: https://www.carrilhodagraca.pt/pcm

Figura 3
Terminal de Cruzeiros de Lisboa. Disponível em: https://www.carrilhodagraca.pt/lisbon_cruise_terminal

Figura 4
Igreja de Santo António, Portalegre. Disponível em: https://www.carrilhodagraca.pt/st_antonio

Anexo

ISCTE-IUL
PFA
2024-2025
José Neves

A ARQUITECTURA DETALHADA

A arquitectura é a arte de organizar o espaço e expressa-se através da construção.

Auguste Perret

Tinha feito a casa e estava muito contente; o Kahn chegou e perguntou: «e de que é que se vai construir?» Eu fiquei muito irritado e respondi-lhe: «sei lá, não faço a mínima ideia, no meu país as coisas constroem-se com uns panos de tijolo e depois reboca-se tudo e pinta-se de branco.» «Aí é que você se engana; porque os materiais estão ao serviço do espaço. Se imagina um espaço íntimo, recolhido, com pequenos vãos, interiorizado, escuro, com pequenos orifícios praticados nas paredes, está a falar de tijolo; se imagina espaços maiores, com vãos maiores, com uma construtividade não tão aparente, mais escamoteada, com grandes aberturas, com muros mais ambíguos que tanto podem ser lâminas como grossas paredes, está a pensar em betão; se imagina uma coisa ténue, mais frágil, estará a pensar em madeira ou aço e finalmente, se pensa em qualquer coisa que não caiba neste reportório de materiais repertoriáveis, então está à beira de ter que inventar um novo material; o ser capaz de o inventar ou não, será o teste de validade do seu desejo, do espaço que você finalmente pretende.»

Manuel Vicente (entrevistado por Manuel Graça Dias)

Deus está nos detalhes.

Gustave Flaubert, Aby Warburg, Mies van der Rohe

INTRODUÇÃO

De todos os medos que comem a alma dos estudantes de arquitectura, um dois maiores é o medo da matéria e do detalhe.

Pegando na definição de Perret, a maioria dos melhores trabalhos de projecto feitos na escola ao longo do curso vão muito longe no que diz respeito à organização do espaço, mas raramente se expressam através de uma hipótese de construção – isto é, da constituição material e do detalhe.

As manchas e as cores que normalmente preenchem os desenhos de apresentação dos exercícios de projecto devem-se muito mais às facilidades oferecidas pelos meios do que ao resultado de um trabalho de projecto sobre a constituição material da arquitectura e da imaginação da experiência dela pelo corpo – digo aqui corpo, na sua inteireza: física, sensual, existencial, social, cultural, filosófica.

Como acontece, de resto, a todo o passo, na edificação corrente.

Pintam-se as superfícies de branco ou de cor de rosa, como se "pintam" de betão, de madeira ou de pedra, cada um destes materiais ditos, pensados e representados como se não distinguíssemos mais do que um animal quando vemos um cão, um gato ou um rato, nem sequer uma sua imitação.

O enunciado que se segue, parte do princípio de que o 5º ano talvez seja uma boa altura para desfazer esse bicho de sete cabeças.

A materialidade e o detalhe não são segredos misteriosos e inacessíveis.

O seu conhecimento e domínio assenta num trabalho contínuo, que se prolonga pela vida fora, de curiosidade, de observação, de estudo, de crítica, de risco, como não pode deixar de ser com todo o trabalho de arquitectura, sabendo que (como Álvaro Siza tão simples e evidentemente diz):

O arquitecto não pode saber de nada a fundo. O arquitecto é especialista em não ser especialista de coisa nenhuma.

1. TEMAS

A reflexão, o diálogo e todo o trabalho a desenvolver durante o ano, reconhecendo a arquitectura enquanto um ofício que pressupõe um tempo próprio, um conjunto de meios e uma ética, serão norteados pelos seguintes temas e oposições:

- O projecto de arquitectura enquanto andamento e sequência de procedimentos que tendem para uma materialização.

A única maneira de entender uma obra é experimentar fisicamente o lugar, e você não pode ter uma experiência de espaço fora do lugar e do espaço onde você está. (Richard Serra)

vs.

A arquitectura real apenas existe nos desenhos. O edifício real existe fora dos desenhos. (Peter Eisenman)

- O projecto de arquitectura enquanto confluência – vai e vem – do trabalho sobre as várias escalas do espaço construído: do território, da cidade, da casa, do corpo, da mão.

Idealmente, o projecto poderia ser descrito de duas maneiras opostas:

como um movimento de procura, linear ou em espiral, no curso do qual todos os passos de um projecto são trabalhados numa sequência lógica

vs.

como um trabalho simultâneo em todos os aspectos do projecto. (Christian Gänshirt)

- As circunstâncias e as condicionantes como dados e estímulos do projecto de arquitectura.

Limitations seem to have always been the best friends of architecture. (Frank Lloyd Wright)

vs.

Reclamo para os arquitectos os direitos e as liberdades que os pintores e os poetas têm há muito tempo. (Pancho Guedes)

- Os limites do projecto e do objecto projectado.

É possível assemelhar a cidade a um grande artefacto, uma obra de engenharia e de arquitectura, maior ou menor, mais ou menos complexa, que cresce no tempo. (Aldo Rossi)

vs.

Como é que nos relacionamos com as condições existentes quando sabemos que elas poderão deixar de existir em alguns anos? (Richard Rogers)

- A atenção minuciosa e o olhar crítico sobre a experiência quotidiana e a arquitectura, como formação de um tesouro pessoal e de um património comum.

O tempo linear é uma invenção do Ocidente, o tempo não é linear, é um maravilhoso emaranhado onde, a qualquer instante, podem ser escolhidos pontos e inventadas soluções, sem começo nem fim. (Lina Bo Bardi)

- O trabalho da arquitectura como administração de dúvidas.

2. MÉTODO

"O projecto de arquitectura pressupõe, por definição, a previsão e o plano de uma realidade que ainda não existe (do latim projectus: lançado para diante). Neste sentido, a escolha dos meios, técnicas e processos envolvidos no projecto, bem como os modos da sua utilização, foram desde sempre absolutamente determinantes. A disseminação do desenho assistido por computador assenta, para já e em grande medida, sobre uma aceitação implícita das convenções do desenho arquitectónico que herdámos, tendo estabelecido, entretanto um novo predomínio da representação perspéctica. Paradoxalmente, esta aceitação das técnicas de representação parece coincidir, neste momento, com uma dificuldade crescente em lidar com elas durante o acto de projectar, tal como a crença renovada na perspectiva cónica hiper-realista parece coincidir com uma atenção e uma curiosidade cada vez menores sobre a realidade sensível. A suposta rapidez que estes meios e instrumentos permitem, convidam, por outro lado, à eliminação dos processos de tentativa e erro associados ao projecto."

Isto foi escrito há precisamente dez anos e penso que, mesmo tendo em conta os desenvolvimentos da chamada algoritmização também no campo da arquitectura, poderia ter sido escrito hoje.

Há momentos em que um passo atrás pode não só evitar a queda num precipício, mas pode permitir, também e sobretudo, andar em frente.

As aulas começarão com a apresentação do filme *Onde Jaz o Teu Sorriso?* (Pedro Costa, 2001) em que esta hipótese está presente de forma fulgurante, e que será um mote para todo o trabalho a realizar durante o ano

O trabalho de projecto assentará sobretudo sobre a prática do desenho arquitectónico à mão (não digital) e da maquete de trabalho, em várias escalas.

As aulas decorrerão com a discussão sistemática dos trabalhos em curso, entre o colectivo da turma, intercaladas por:

- visitas de estudo a obras de arquitectura, em construção e concluídas, ligando a observação e a experiência directa (não virtual) das obras à análise das suas representações gráficas;

- sessões com convidados exteriores à escola.

Com o desenvolvimento do projecto, cada aluno escolherá um/a Arquitecto/a, cuja prática e reflexão constituam uma referência central para o seu trabalho, enquanto estudante de arquitectura, por forma a desenvolver um diálogo, em forma de entrevista.

Mas, sobretudo, tal como acontece em todos os projectos: *o trabalho vai descobrir-se com o trabalho.*

3. PROGRAMA

Pressupõe-se, habitualmente, que um projecto no 5º ano deve ser uma espécie de corolário de um percurso progressivo, em termos de dimensão e complexidade programática, optando-se quase sempre por programas especiais, extensos, complexos, à escala da cidade ou do território.

Iremos, também relativamente a este hábito, caminhar no sentido inverso.

Cada aluno fará um projecto, cujo contexto e dimensão assentarão sobre esta verdade enunciada por Alvar Aalto:

É mais fácil construir uma grande ópera ou um centro de uma cidade do que construir uma casa.

Setembro de 2024



José Neves